



UNIVERSITÀ
DEGLI STUDI
DI PADOVA

Università degli Studi di Padova

Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari

Corso di Laurea Magistrale in

Lingue Moderne per la Comunicazione e la Cooperazione Internazionale

Classe LM-38

Tesi di Laurea

O uso da metáfora para contar a corrupção: comparaçãõ entre exemplos de linguagem jornalística italiana e brasileira.

Relatore

Prof.ssa Barbara Gori

Laureanda

Elisa Vacilotto

n° matr. 1062024 / LMLCC

Correlatore

Dott.ssa Maria A. Fontes

Anno Accademico 2014 / 2015

Sumário

Introdução.....	4
1. A metáfora na vida cotidiana.....	7
1.1. Breve história das teorias da metáfora.....	8
1.2. George Lakoff e a sua inovadora teoria da metáfora.....	13
1.3. Recente desenvolvimento teórico e usos contemporâneos da metáfora.....	17
2. O jornalismo.....	21
2.1. As origens do jornalismo.....	21
2.2. A profissão de jornalista.....	23
2.3. O jornalismo e o seu contexto cultural.....	26
2.3.1. O jornalismo na Itália.....	26
2.3.2. O jornalismo no Brasil.....	29
2.4. O jornalismo <i>online</i>	33
2.5. A notícia.....	38
3. O <i>corpus</i> objeto da análise comparativa.....	42
3.1. Os artigos jornalísticos.....	43
3.1.1. As fontes italianas.....	45
3.1.2. As fontes brasileiras.....	52
3.2. O elemento comum: a corrupção.....	57
3.2.1. Atualidade da Itália: o escândalo Expo 2015 em Milão.....	59
3.2.2. Atualidade do Brasil: o escândalo Petrobras.....	62
4. Resultados da análise comparativa.....	65
4.1. Desenvolvimento da análise.....	65
4.1.1. Método de análise.....	65

4.1.2. Categorização utilizada.....	67
4.2. Resultados.....	68
4.2.1. Metáforas incomuns.....	69
4.2.2. Expressões idiomáticas	75
4.2.3. Linguagem figurada	79
4.2.4. Personificação	88
4.2.5. Outros casos: as metáforas religiosas	90
5. Conclusões.....	93
6. Bibliografia.....	97
7. Sitografia	99
8. Resumo do trabalho em língua italiana.....	107

Introdução

O objeto deste trabalho é uma análise da linguagem metafórica encontrada em trinta textos jornalísticos publicados *online*; quinze deles são escritos em língua italiana e tratam do escândalo de corrupção na realização da Expo 2015 em Milão, e quinze foram publicados em língua portuguesa e relatam as fases da Operação Lava Jato, que investigou um sistema de corrupção e lavagem de dinheiro difundido em todo o Brasil.

As razões que levaram ao desenvolvimento de uma análise de textos jornalísticos foram numerosas; contudo, a prioridade que guiou esta escolha foi trabalhar com exemplos de língua em uso produzidos por falantes nativos em situações comunicativas autênticas, e os artigos de jornal respondem perfeitamente a estas características. Os autores destes textos são jornalistas, que não são somente falantes nativos, mas também profissionais da língua acostumados a conhecer aprofundadamente a linguagem com a qual trabalham; eles estão cientes dos mecanismos da língua e os utilizam de uma maneira exata e correta. Além da profissionalidade dos autores, os artigos jornalísticos são sempre escritos tendo em vista um objetivo linguístico e comunicativo preciso, como por exemplo transmitir informações ou atrair a atenção e o interesse do leitor; com respeito a estes objetivos, os textos assumem formas diferentes porque utilizam diferentes elementos e funções da língua.

O conteúdo dos artigos que foram analisados representa um elemento de primeira importância neste trabalho de análise. É necessário sublinhar que todos os trinta artigos foram publicados *online* recentemente, entre 2014 e 2015, porque foi nessa época que os escândalos deflagraram nos dois países; isso deu a possibilidade de trabalhar com um conjunto de materiais muito atual, e de certa relevância nas crônicas nacionais. A análise de textos atuais é muito interessante e estimulante, porque permite ler em profundidade e nos detalhes textos que cotidianamente as pessoas encontram, mas geralmente consultam sem lhes dedicar muita atenção. Além disso, o tema da corrupção é particularmente atual e

discutido. Frequentemente são descobertos novos casos de corrupção, e este fenômeno, além de ser difundido em todo o mundo, causa danos a empresas privadas e a instituições públicas. Em particular, a Itália e o Brasil são infelizmente conhecidos por ter uma história de corrupção que ainda hoje continua a causar danos ao sistema nacional e descontentamento entre a população, e que não consegue ser resolvida sem esforços e vontade de mudança por parte dos representantes políticos.

A análise textual objeto desta tese foca a atenção na linguagem metafórica, que constitui uma parte essencial da língua. Com efeito, a metaforicidade é um aspecto linguístico que geralmente os falantes subestimam, ou nem percebem a sua presença; na realidade o uso de metáforas na linguagem é muito difundido, e é a base da linguagem mesma. Os vários trabalhos realizados sobre este assunto revelam que a metáfora é uma ferramenta necessária na comunicação, porque permite transmitir conceitos amplos por meio de um número reduzido de palavras, fazendo referência a sistemas complexos de ligações culturais que autor e destinatário compartilham. A metáfora desempenha também outras funções, e foi possível notar a presença de algumas delas no *corpus* analisado neste trabalho: reforço de ideias específicas, referência ao mundo do leitor, criação de imagens para ajudar a explicação de conceitos.

Como foi ressaltado, o ponto de partida desta tese é que a metáfora é parte fundamental da linguagem humana, afirmação confirmada por um grande número de acadêmicos, principalmente por George Lakoff. Na primeira parte da tese, no capítulo 1, será descrita brevemente a história da teoria da metáfora até chegar à nossa época. As ideias inovadoras de Lakoff e Johnson, e a sua teoria cognitiva, merecerão um aprofundamento particular. Na parte final do capítulo será interessante conhecer o recente desenvolvimento teórico do assunto, e os usos contemporâneos da metáfora.

Este conjunto de informações teóricas será aplicado em uma análise de material linguístico autêntico, realizado por falantes nativos em situações comunicativas reais. Será analisado um *corpus* de artigos que tratam fatos de atualidade, publicados *online* por importantes jornais italianos e brasileiros e sites de informação. O elemento que todos os artigos compartilham é o relato de um

escândalo de corrupção: o assunto dos artigos italianos é a corrupção descoberta na organização da Expo 2015 em Milão, e os artigos brasileiros descrevem a origem e o desenvolvimento da Operação Lava Jato, que “desmontou um esquema de lavagem de dinheiro e evasão de divisas”¹, envolvendo sobretudo políticos e dirigentes da Petrobras.

Antes de analisar os textos, será importante conhecer as suas características. Por isso no capítulo 2 serão descritas brevemente as origens do jornalismo, com as suas características principais, e a profissão de jornalista, destacando o seu recente desenvolvimento e os traços específicos; espaço será dedicado também ao recente jornalismo *online*, muito relevante para este trabalho porque representa o contexto de proveniência de todos os artigos analisados.

O terceiro capítulo introduz a análise textual através da descrição do *corpus*. Serão descritas e comentadas as fontes que publicaram os artigos escolhidos para poder entender a história delas e as suas ideias de base. Na segunda parte deste capítulo serão explicados detalhadamente os fatos de crônica objeto dos artigos, fornecendo o contexto necessário à compreensão não somente dos artigos mesmos, mas também dos resultados da análise.

O capítulo 4 é o verdadeiro centro da tese porque conta com a análise do *corpus*, que foca a sua atenção na linguagem metafórica. As metáforas serão identificadas e classificadas em quatro categorias (metáforas incomuns, expressões idiomáticas, linguagem figurada e personificação) e para cada uma delas serão descritos e comentados os exemplos mais relevantes, desenvolvendo uma análise de tipo comparativo entre os dois grupos de artigos – imprensa italiana e imprensa brasileira.

O trabalho terminará com o resumo da tese em língua italiana.

¹ Operação Lava-Jato
<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/04/entenda-operacao-lava-jato-da-policia-federal.html>

1. A metáfora na vida cotidiana

O assunto à base deste trabalho é que é possível encontrar exemplos de linguagem metafórica em todos os tipos de textos, sejam orais, sejam escritos, formais ou informais, do mundo da literatura ou do dia a dia. A metáfora é parte fundamental da nossa linguagem e caracteriza a maneira na qual expressamos os nossos pensamentos. Alguns poucos exemplos serão suficientes para compreender o alcance deste fenômeno linguístico.

*Governo **perdeu a batalha** contra o mercado financeiro.²*

*Teu amor me faz **perder a cabeça!***

*Expo **nel mirino della cupola** degli appalti.³*

*Galileo Galilei è visto come **il padre** della scienza moderna.⁴*

Os falantes de uma língua geralmente não têm dificuldades em decidir se um texto é metafórico ou não. Mas, de que maneira conseguem compreender isso?

Neste último século muitos estudiosos tentaram responder a essa pergunta, melhorando as velhas teorias e elaborando novas ideias; desta maneira, a literatura da teoria da metáfora, tradicionalmente muito extensa, continua a enriquecer-se com estímulos teóricos atualizados.

Esta primeira parte do trabalho tem o objetivo de situar teoricamente o fenômeno metafórico. A primeira seção será constituída por um rápido excuro sobre as principais teorias da metáfora dos séculos passados, com um enfoque naquelas nascidas na segunda metade de 1900; seguirá uma explicação mais detalhada da teoria elaborada por Lakoff e Johnson em 1980, que marcou uma

2 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/145639-governo-perdeu-a-batalha-contra-o-mercado-financeiro.shtml> (Consultado no dia 09/02/2015)

3 <http://espresso.repubblica.it/plus/articoli/2014/05/08/news/expo-nel-mirino-della-cupola-degli-affari-1.164504> (Consultado no dia 11/11/2014)

4 http://www.treccani.it/enciclopedia/galileo-galilei_%28Il_Contributo_italiano_alla_storia_del_Pensiero:_Filosofia%29/ (Consultado no dia 09/02/2015)

virada neste âmbito de estudos; na conclusão deste capítulo serão comentados o recente desenvolvimento teórico do assunto, as implicações que décadas de estudos trouxeram e o uso atual da metáfora.

1.1. Breve história das teorias da metáfora

A ideia de que seja possível encontrar linguagem metafórica em todos os tipos de textos é somente um dos muitos frutos dos extensos estudos sobre a metáfora, que começaram com Aristóteles, chegaram vitais até aos nossos dias, e ainda seguem produzindo novas ideias e novos debates.

De acordo com a Enciclopedia dell'Italiano (2011), a palavra 'metáfora' tem a sua origem a partir do termo grego *metaphorá*, que significa "transferência". Querendo traçar uma definição geral, é possível considerar a metáfora como um *tropo*, ou seja, uma subversão de significado, com respeito ao significado próprio, de duas palavras ou segmentos discursivos; o resultado desta subversão é a aquisição por parte do primeiro termo de um significado "figurado", herdado do segundo.

A identificação da metáfora - e o seu conseguinte estudo - foi atribuída a Aristóteles, que a definiu como um termo geral que compreende todas as outras figuras retóricas. Ele achou central o processo de comparação entre nomes, e a passagem de um significado próprio até um significado figurado. Utilizando as palavras de Aristóteles (citado em Ceia), a metáfora representa "o transporte a uma coisa de um nome que designa um outro, transporte quer do género à espécie, quer da espécie ao género, quer da espécie à espécie ou segundo a relação de analogia". Dentro destas quatro facetas da metáfora, a última é aquela que mais se aproxima à concepção moderna, porque revela a ideia de comparação e a possibilidade de confrontar coisas dissemelhantes, encontrando uma semelhança entre elas. Estas ideias formaram a estrutura portante da reflexão de Aristóteles sobre a metáfora, e influíram nos estudos da matéria pelo menos até ao século XVIII.

A latinidade continuou a teoria aristotélica, ao mesmo tempo reforçando-a e trazendo algumas modificações. Não perdeu importância o estatuto nobre e requintado da linguagem figurativa, e o papel da metáfora em quanto forma privilegiada de embelezamento da linguagem vulgar, e mais em geral do discurso; metáfora e linguagem ainda pertenciam a dois níveis nitidamente separados. Nesta época afirmou-se também a noção de *tropo*, termo grego que significa “desvio”, “volta”, e neste contexto “emprego de palavras, cuja significação é diferente do seu significado literal e primeiro” (Ceia). Este termo tinha um significado genérico, incluindo todos os artifícios retóricos, e entre eles a metáfora; este significado permaneceu até os nossos dias.

Na idade Média os estudiosos continuaram a apoiar o conceito de metáfora como analogia, e elaboraram a ideia de a ligar com a noção de alegoria – ou seja, que a partir de uma imagem é possível desenvolver um complexo circuito significativo, com alvos cognoscitivos e didáticos (Enciclopedia dell’Italiano, 2011).

No século XVII a metáfora chegou a ser a figura retórica principal, tornando-se também o maior artifício de criação do pensamento. Entre os séculos XVIII e XIX, Pierre Fontanier contribuiu de maneira decisiva aos estudos sobre a metáfora, elaborando a distinção entre metáforas de uso e metáforas de invenção. As segundas são metáforas novas, cujo significado precisa ser entendido no momento da emissão; as primeiras são aquelas metáforas cujo significado se estabilizou no tempo, e que entraram na língua. É a partir desta época que a metáfora começou a ser considerada um elemento fundamental da língua, não somente ao nível da palavra, mas também ao nível da estruturação de conceitos.

O século XX⁵ foi repleto de estudos sobre a metáfora que queriam confirmar esta nova visão: o raio de ação da metáfora não era limitado às obras literárias, mas se ampliava até (e sobretudo) a linguagem cotidiana, em todas as suas formas – oral, visual, escrita. Esta ideia muito moderna produziu diferentes abordagens com respeito à metáfora e à sua definição. Segundo uma abordagem que podemos definir como mais tradicional e clássica, a metáfora desempenha uma função

⁵ Para traçar as ideias principais das modernas teorias, deixar-nos-emos ajudar pela análise compacta e exaustiva feita por Cristina Cacciari na introdução do seu volume *Teorie della Metafora* (1991), que reúne as traduções em italiano de alguns dos maiores estudos sobre a teoria da metáfora produzidos entre os anos oitenta e noventa do século XX.

puramente linguística, e é possível encontrá-la somente ao nível da palavra. Esta abordagem evoluiu nos anos oitenta e noventa devido à necessidade percebida por alguns estudiosos de mudar o enfoque da teoria desde a linguagem até o pensamento (Cacciari, 1991, p. 2). Com efeito, este segundo olhar sublinhou o papel central da metáfora na expressão e estruturação de conceitos.

A primeira abordagem, ou seja, aquela mais tradicional, gerou diferentes teorias para explicar como as pessoas compreendem as metáforas. Uma delas (hoje ultrapassada) é a teoria da metáfora como anomalia, pela qual cada metáfora implica um erro denotador que o destinatário precisa normalizar e corrigir para compreender o texto. Uma outra teoria pensa na metáfora como comparação: um nome que pertence a um objeto é transferido a um outro objeto, e isso acontece por meio de uma comparação, onde o primeiro termo (*topic*) se assemelha ao segundo termo (*vehicle*), mas não até chegar a uma comparação literal. Para entender a metáfora é preciso entender os aspectos que os dois termos compartilham (*ground*), ou seja entender a “categoria sovraordinada” (1991, p. 9) da qual eles fazem parte. A semelhança entre *topic* e *vehicle* já existia antes da metáfora, e todas as metáforas são compreendidas como comparações implícitas. Entre as numerosas críticas a esta teoria, foi dito que focava demais na semelhança sem considerar a diversidade, que é um elemento fundamental na metáfora; além disso, seria notavelmente complicado identificar a categoria superordenada que inclui termos de uma metáfora, porque isso implicaria examinar todas as combinações dos traços definidores e dos traços acidentais (1991, p. 11) de cada termo; aliás, estes traços podem ser compartilhados pelos termos também no nível metafórico, e muitas vezes o que aproxima os termos são os nossos conhecimentos gerais do mundo e a nossa percepção dos objetos e dos eventos. A teoria da comparação teve um olhar rígido demais sobre o mecanismo de compreensão da metáfora, porque não entendeu que a força da metáfora é a sua flexível capacidade de exprimir um conjunto de propriedades, todas possíveis, cujas saliência e pertinência serão decididas pelo destinatário (1991, p. 12). Uma outra teoria de marco tradicional, mas que antecipa as teorias conceituais, é a da interação, segundo a qual uma metáfora projeta sobre o sujeito primário (ou *topic*) um *complexo de implicações* (terminologia de Richards, 1936, citado em Cacciari, 1991,

p. 13), como opiniões e atitudes, atribuíveis ao sujeito secundário (ou *vehicle*); este processo leva a uma redefinição dos dois sujeitos. Segundo esta teoria, entender uma metáfora não significa somente comparar as propriedades dos termos e escolher os compartilhados e salientes, mas também evocar os lugares-comuns associados ao *vehicle* e utilizá-los como um filtro para definir a compreensão do sistema semântico do *topic*.

A segunda abordagem vê a metáfora como um fato conceitual, ou seja, capaz de estruturar conceitos na mente de quem a produz. Esta nova geração de teorias levou a dois diferentes modelos: a metáfora como pertença categorial, e a metáfora como figura de pensamento.

O primeiro modelo foi elaborado por Glucksberg e Keysar (1989) com o nome de *class-inclusion statement*, e nasceu de um paradoxo não explicado pelas teorias anteriores: parece que a metáfora é entendida implicitamente como uma afirmação de inclusão em classe, mas isso não acontece com as comparações literais; com efeito, se transformarmos uma comparação literal numa afirmação de identidade, esta vai perder a sua condição de verdade. Para explicar brevemente este conceito, trazemos os eficazes exemplos utilizados por Cacciari (1991, pp. 18-19), traduzidos em português.

1a) Il mio lavoro è come una prigione

O meu trabalho é como uma prisão

1b) Il mio lavoro è una prigione

O meu trabalho é uma prisão

2a) Le api sono come calabroni

As abelhas são como as vespas

2b) Le api sono calabroni

As abelhas são vespas

A metáfora do exemplo (1a) é, como quase todas metáforas, uma comparação entre duas coisas dissemelhantes. Ainda que fosse transformada numa afirmação de identidade, como em (1b), seria sempre entendida como uma afirmação de inclusão em classe. Isso não acontece com comparações literais, que geralmente aproximam duas coisas semelhantes. O exemplo (2a) é entendido como uma

afirmação de inclusão em classe, mas se tirarmos o termo de comparação, como em (2b), o resultado é uma expressão que perdeu o seu estatuto de verdade.

Graças a este estudo é possível afirmar que uma das maiores capacidades da metáfora é dar um nome e uma nova categoria a um dado conjunto de objetos ou eventos (1991, p. 21). Com efeito, os termos comparados são incluídos na mesma classe, que muitas vezes não é convencional mas criada *ad hoc*. Estas novas categorias têm uma precisa organização interna, tão horizontal quanto vertical. No exemplo (1a), cada um dos termos “trabalho” e “prisão” fazem parte de diferentes categorias, mas a nova categoria que compartilham define situações desagradáveis, que limitam a liberdade da pessoa, nas quais as pessoas são postas contra as suas vontades, etc. (1991, p.19).

O segundo modelo tem a sua sólida base na proposta teórica de George Lakoff e seus colaboradores⁶. O enfoque é posto nas metáforas conceituais de base, que são um número finito de metáforas à base da língua, capazes de estruturar a concepção do mundo a partir da linguagem e da nossa experiência. Estes tipos de metáforas são parte do aparato cognitivo partilhado pelos membros de uma cultura (1991, p. 22) e são caracterizadas por ser sistemáticas, inconscientes, generalizáveis, produtivas e convecionalizadas na língua. A combinação destas metáforas de base gera a frase metafórica que as pessoas conhecem e utilizam frequentemente. Segundo Lakoff, o objetivo de uma metáfora é projetar a estrutura do segundo termo de comparação no primeiro termo, de maneira que correspondam. Estas projeções metafóricas seguem as convenções culturais e sociais, e portanto são aprendidas através da experiência de cada pessoa.

A teoria concebida por Lakoff e Johnson (1980) influenciou o mundo académico e intelectual, tornando-se um sólido ponto de partida para novas ideias e

⁶ Os estudos de Lakoff citados por Cacciari (1991) são:

- Lakoff, George, and Johnson, Mark. 1980. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press;
- Lakoff, George, and Turner, Mark. 1989. *More than Cool Reasons. A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press;
- Lakoff, George. 1990. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image-schema? *Cognitive Linguistics*, 1, 1, pp. 39-74.

Na bibliografia deste trabalho é possível encontrar Lakoff e Johnson (1980), que será comentado no parágrafo § 2.1., nas páginas seguintes.

elaborações; desenvolver as ideias fundamentais dos autores é quase de rigor, dada centralidade delas no contexto teórico recente.

1.2. George Lakoff e a sua inovadora teoria da metáfora

As ideias de Lakoff foram verdadeiramente inovadoras porque deram à metáfora uma nova dimensão, quer cotidiana quer conceitual. Entre os seus numerosos estudos, o texto que melhor expressa estas novas ideias sobre a teoria da metáfora foi “Metaphors we live by”, escrito com Mark Johnson e publicado em 1980.

Eles, com a famosa frase “metaphor is pervasive in everyday life”, afirmam que a metáfora penetra todos os aspectos da vida cotidiana, em três dimensões principais: a língua, o pensamento e a ação. Por isso, para entender uma metáfora é preciso não somente compreender, mas também experienciar um tipo de coisa em termos de outra. A maneira na qual se percebem as experiências é determinada pelos conceitos fundamentais que governam o pensamento: todas as pessoas possuem um sistema conceitual, metafórico na sua natureza, que sempre os guia durante a sua vida; este sistema age num nível tão básico e fundamental do pensamento, que geralmente a gente desconhece a sua presença.

Um exemplo que Lakoff trouxe é a metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA. Na linguagem cotidiana, para falar de discussão utilizam-se expressões que pertencem ao campo semântico da guerra: “Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação”, “Jamais *ganhei* uma discussão com ele” e “*Destruí* sua argumentação” (Lakoff e Johnson em de Almeida Velozo, 2010; grifo do autor). Os autores identificaram esta metáfora, e afirmaram que não se limita à escolha das palavras, mas chega a influenciar a nossa concepção de *discussão*. Vemos uma *discussão* como uma batalha, na qual temos que defender o nosso ponto de vista, diferente daquele do nosso adversário, com o objetivo final de vencer e obter a sua derrota. Tudo isso é parte fundamental, e não acessória, da nossa visão de *discussão*, e revela a sistematicidade deste tipo de processo.

Um dos âmagos da teoria dos dois estudiosos é precisamente a sistematicidade dos processos linguísticos. Os processos do pensamento humano são principalmente metafóricos (Lakoff e Johnson, 1980, p. 6), e as metáforas que os estruturam geralmente seguem *patterns*, ou seja padrões previsíveis e regulares. É a sistematicidade da linguagem que permite esta regularidade, e é graças a ela que os falantes podem utilizar as metáforas tão frequentemente, e de uma maneira muito flexível e eficaz. Conseqüentemente, é possível afirmar que também o nexo entre expressões metafóricas e conceitos metafóricos é de tipo sistemático. A sistematicidade faz compreender determinados aspectos de um conceito em termos de outro, criando uma correspondência parcial entre os dois. Com efeito, compreender uma expressão metafórica comporta também esconder os aspectos do conceito que são inconsistentes com aquela metáfora.

Para entender a frase *Pedro é um leão*, é necessário identificar os traços relevantes do termo *leão* que podem ser aplicados ao sujeito *Pedro*. Entre eles, provavelmente não serão incluídos o rabo, a juba e o ser um predador; as características que geralmente serão tomadas em consideração são a força e a coragem, típicas deste animal e aplicáveis ao homem também. Agora, é importante notar como estas características não sejam necessariamente propriedades reais do leão, porém são ligadas às crenças e aos estereótipos associados a ele; apesar de a comparação acontecer em termos de propriedades que não correspondem totalmente à realidade, a frase metafórica mantém o seu sentido e o seu estatuto de verdade (Cacciari, 1991, pp. 10-11).

Continuando a análise deste exemplo, no raciocínio anterior foi dado por certo que Pedro fosse um homem, e que a frase fosse metafórica. Mas aquela mesma frase teria igualmente sentido se fosse interpretada de maneira literal, pensando em Pedro como um felino. Neste caso, e mesmo na maioria das situações cotidianas, somos capazes de escolher o tipo correto de interpretação graças a elementos exteriores, primeiro o contexto.

Para explicar a estrutura das metáforas, Lakoff cita – e elabora - a metáfora do canal ou *conduit metaphor* observada por Michael Reddy (citado por Lakoff e Johnson, 1980, p. 10), segundo a qual a língua que fala da linguagem se baseia em três metáforas:

- ideias (e significados) são objetos;
- expressões linguísticas são recipientes;
- comunicação é enviar.

A implicação maior é que, coerentemente com esses conceitos, as palavras e as frases possuem um significado, independentemente do contexto e das pessoas. Porém, é fácil compreender que a metáfora do canal não é sempre aplicável. Algumas frases não têm sentido sem o contexto, e frequentemente encontramos expressões que podem significar coisas diferentes de acordo com as pessoas e as situações que as produzem e as recebem. Este tipo de conceitos metafóricos representam um objeto (ou conceito) de maneira parcial, sublinhando alguns aspectos e escondendo outros. A estrutura metafórica deles é parcial, porque um conceito é entendido em termos de outro - se for total, um conceito *seria* outro - e a metáfora produzida pode ser estendida somente em determinadas direções, e não em outras (Lakoff e Johnson, 1980, pp. 12-13).

Lakoff e Johnson identificaram três grandes tipos de metáforas: estruturais, orientacionais e ontológicas. Nas metáforas estruturais, “one concept is metaphorically structured in terms of another” (1980, p. 14). As metáforas de tipo orientacional dão ao conceito uma “spatial orientation” (1980, p. 14), que tem a sua origem na maneira em que o corpo está relacionado com o ambiente no qual vive. Entre os numerosos exemplos⁷ que os autores trouxeram, um deles foi “MORE IS UP; LESS IS DOWN”, ou seja *mais está em cima; menos está embaixo*; metáforas deste tipo são arraigadas à experiência física e cultural do homem, e desempenham um papel central na criação dos conceitos fundamentais dele, e da sua visão do mundo. Frases comuns como *Nas últimas décadas baixou a mortalidade infantil* e *As vendas de carros subiram em 2014* representam o resultado deste processo complexo. Além disso, os autores (1980, pp. 17-18) afirmam que:

There is an internal systematicity to each spatialization metaphor. For example, HAPPY IS UP defines a coherent system rather than a number of isolated and random cases. [...] There is an overall external systematicity among the various spatialization metaphors, which defines coherence among them.

⁷ Cfr. Lakoff e Johnson, 1980, pp. 14-21.

Como eles explicam, cada uma das metáforas espaciais é caracterizada por uma sistematicidade interna, que se reflete na sistematicidade externa do conjunto destas metáforas. Lembrando o exemplo “MAIS ESTÁ EM CIMA; MENOS ESTÁ EMBAIXO”, as frases citadas antes são coerentes com esta metáfora, mas uma frase como *O preço do café baixou muito*, se produzida para comunicar um aumento do preço, seria incoerente. Segundo Lakoff e Johnson, a coerência externa do conjunto das metáforas espaciais é devida à base experiencial comum, que é composta pela experiência física e cultural, e determina o uso, a escolha e a interpretação das metáforas. É pela mesma razão que há metáforas que não acompanham por outras: elas não compartilham o mesmo tipo de experiência.

Os autores (1980, p. 22) afirmam que “(t)he most fundamental values in a culture will be coherent with the metaphorical structure of the most fundamental concepts in the culture.”; portanto, um sistema coerente de conceitos metafóricos é uma premissa necessária para viver e comunicar dentro de um determinado contexto cultural. Poderiam manifestar-se conflitos entre estes valores, que levariam a conflitos entre as relativas metáforas (1980, p. 23). Geralmente são devidos a fatores sociais de primeira importância: as diferentes prioridades que os grupos sociais (ou as subculturas) dão aos valores mesmos; os valores de cada pessoa; a compartilha (ou não) dos valores da cultura principal.

O terceiro tipo de metáfora identificado por Lakoff e Johnson é constituído pelas metáforas ontológicas, que permitem “(u)nderstanding our experiences in terms of objects and substances” (1980, p. 25). Com a ajuda destas metáforas as pessoas conseguem agrupar, categorizar e quantificar as experiências; são metáforas tão básicas e radicadas na língua que as pessoas nem imaginam que existem. Este conceito será explicado com um exemplo de Lakoff e Johnson (1980, p. 27). A metáfora ontológica “THE MIND IS AN ENTITY”, ou seja *a mente é uma entidade*, foi elaborada de várias maneiras pela nossa cultura; uma delas é “THE MIND IS A MACHINE”, *a mente é uma máquina*, realizada em expressões como *Ultimamente a minha memória se enferrujou*. Esta metáfora reflete a concepção de que a mente compartilha várias características com as máquinas: pode ser ligada ou desligada, alcança um certo nível de eficiência, tem um mecanismo interior, pode se deteriorar etc. Ela constitui uma das colunas do pensamento cultural das pessoas.

Dentro das metáforas ontológicas, os autores posicionam as metáforas do recipiente, ou *container metaphors* (1980, pp. 29-30). As pessoas pensam nelas mesmas como recipientes, com uma superfície limitada e uma orientação dentro/fora, e transferem esta visão seja a objetos que têm uma superfície e uma orientação, seja a objetos ou ideias que não as têm.

Outro caso de metáfora ontológica é a personificação: um objeto é descrito e considerado como uma pessoa; determinadas características humanas são escolhidas e outras omitidas. Uma visão do mundo em termos humanos permite entender fatos e processos complicados, transferindo-os em palavras e experiências mais congeniais.

Diferente da personificação é a metonímia, na qual utilizamos uma entidade para fazer referência a uma outra entidade relacionada com a primeira (1980, p. 35); a sua função principal é de tipo referencial. Através deste processo é possível dar uma precisa tonalidade à comunicação, escondendo o referente humano (1), ou sublinhando somente a responsabilidade, mas não as pessoas que são sujeito dela (2), como nos exemplos seguintes (1980, p. 38, grifo dos autores), traduzidos em português:

- 1) The *buses* are on strike/Os *ônibus* fazem greve;
- 2) The *Senate* thinks abortion is immoral/O *Senado* acha que o aborto é imoral.

As ideias de Lakoff influenciaram notavelmente a teoria da metáfora, criando um firme ponto de partida para as pesquisas mais recentes neste campo.

1.3. Recente desenvolvimento teórico e usos contemporâneos da metáfora

Depois do sucesso das ideias de Lakoff e Johnson, os trabalhos sobre a metáfora continuaram sendo muito prolíficos. Com a progressão dos estudos, os acadêmicos deram-se conta de que as possíveis utilizações desta figura são numerosas e bem diversificadas. Na última década o já rico panorama teórico enriqueceu-se com pesquisas dedicadas ao emprego da metáfora em âmbitos sempre mais específicos.

Por exemplo, no campo da psicologia, a metáfora torna-se uma ferramenta de tipo terapêutico, indispensável na comunicação entre terapeuta e paciente (Ferrante, 1999). Com efeito, o paciente mesmo frequentemente escolhe a metáfora como forma privilegiada de expressão, pela capacidade desta figura de se referir de maneira eficaz a conceitos bem delimitados, ou bem abertos, segundo o objetivo do falante. No emprego da metáfora, o paciente faz referência ao seu mundo, as suas sensações e as suas experiências, e as utiliza para escavar na sua interioridade. O terapeuta precisa investigar nas palavras dele e encontrar a chave para interpretá-las corretamente.

As línguas de especialidade utilizam as metáforas para expressar descobertas e conceitos novos. Com efeito, não somente a ciência, mas também os mundos da tecnologia, da economia e da informática – e com eles muitos outros – têm necessidade de encontrar palavras que descrevam coisas e ideias que antes não existiam. Para resolver este problema, uma solução é criar termos *ad hoc*, que expressem inequivocamente a descoberta em questão, e outra é utilizar material lexical em uso e adaptá-lo aos novos significados: é o caso da metáfora, que se pode observar nos exemplos seguintes.

<i>Física</i>	Campo magnético	Campo magnetico
<i>Física</i>	Massa e potência	Massa e potenza
<i>Astronáutica</i>	Nave espacial	Navicella spaziale
<i>Economia</i>	Saneamento do débito	Risanamento del debito

Se a metáfora escolhida for eficaz vai entrar na língua de especialidade e vai ser utilizada pelos estudiosos (é o que aconteceu nesses exemplos). O uso de metáforas pode ser uma ajuda na fase da divulgação da descoberta, porque um conceito técnico se torna mais compreensível para um público não experto.

Muitos estudos foram feitos sobre o emprego de metáforas no ensino, e os resultados confirmaram a sua eficácia como meio para explicar novos conceitos aos estudantes. No contexto acadêmico, os atos de divulgação acontecem entre especialistas do setor, que compartilham um conhecimento da matéria bastante homogêneo e específico. Pelo contrário, o contexto didático é caracterizado por

uma assimetria entre as partes: o professor tem mais informações com respeito aos estudantes, e o seu objetivo é transmitir-las a eles; este processo é eficaz se a comunicação do professor leva em conta o *background* do seu público, e o utiliza para explicar os novos conceitos que quer introduzir. Neste sentido, a metáfora é particularmente apropriada. A transferência de um conceito de um domínio pouco conhecido até um domínio familiar, faz que o conceito mesmo seja mais fácil de compreender; com efeito, a explicação enriquece-se com referências conhecidas, e alcança facilmente o seu objetivo. Anke Beger e Olaf Jäkel (2015) realizaram recentemente uma pesquisa sobre este assunto, analisando em particular a relação comunicativa professor-estudantes, e focaram a atenção naquelas que eles chamam de *deliberate metaphors*, ou seja, figuras produzidas com o propósito de melhorar o ato de comunicação. Os resultados deste trabalho atestam a frequente utilização da metáfora para alvos didáticos, e confirmam a sua eficácia.

Uma das aplicações mais felizes da metáfora é no campo da publicidade. A difusão exponencial dos *mass media* nas últimas décadas trouxe cada vez mais importância à mercadologia e à investigação do mercado; ter um conhecimento detalhado dos possíveis compradores (e, portanto, do contexto social, linguístico e cultural deles, e das preferências e hábitos que têm) permite a elaboração de estratégias de venda detalhadas e miradas, e por isso mais eficazes. A publicidade é um meio fundamental para alcançar o objetivo de venda; é utilizada também para difundir o conhecimento de uma marca ou um produto, e persuadir o potencial comprador. Neste contexto as palavras desempenham um papel central junto com as imagens: precisam atrair a atenção, persuadir, fazer referência ao mundo do consumidor. Com poucas palavras a publicidade comunica bem mais do que diz, e fá-lo através da metáfora: a mensagem é confiada ao possível comprador, que a completará com a ajuda de inferências e referências pessoais. Se o publicitário quer que a publicidade surta o efeito desejado, então o conjunto de inferências e referências imaginado no planejamento precisa corresponder àquele possuído realmente pelo receptor da mensagem.

Também na linguagem jornalística o emprego de metáforas é frequente, e responde a específicas exigências de comunicação. Neste sentido, o jornalismo compartilha algumas características com a publicidade: os dois dirigem-se a um

público amplo e dificilmente homogêneo, e querem convencê-lo da veracidade das informações que transmitem. Neste dois âmbitos, como naquele da política, a metáfora é utilizada para atrair a atenção sobre um determinado assunto, e persuadir o destinatário.

A linguagem jornalística é cada vez mais frequentemente objeto de pesquisas que querem investigar a escolha e o uso das palavras na descrição de fatos de crônica. Uma análise deste tipo consente descobrir as táticas que os protagonistas dos fatos e dos debates utilizam para convencer ou denegrir os adversários, e também para expressar uma visão pessoal dos acontecimentos. Cammaerts (2012) realizou um interessante trabalho sobre o uso estratégico das metáforas, empregadas pelas elites da política e da mídia de comunicação durante a crise constitucional da Bélgica, entre 2007 e 2011⁸. O resultado da sua pesquisa confirmou que

the strategic use of metaphors, some of which resonated throughout the long period of analysis, not only served to represent complex political issues in an easily digestible language, but also shaped and influenced the negotiations through their various mediations and the ideological intentions embedded within the metaphor.

As funções convencedoras da linguagem jornalística e o uso das metáforas como meio eficaz de persuasão merecem um aprofundamento: serão objeto do capítulo seguinte.

⁸ “On 9 December 2011 a new Belgian government was sworn in after a record-breaking 541 days of negotiations between all democratic political forces with the aim to alter the constitution and provide more autonomy to the different regions that make up Belgium.” (Cammaerts, 2012)

2. O jornalismo

A pesquisa objeto deste trabalho é baseada num *corpus* de 49 artigos publicados *online* por alguns dos maiores jornais e sites de informação italianos e brasileiros. Um dos aspectos que todos os textos compartilham é relatar um recente escândalo nacional de corrupção que comprometeu políticos e dinheiro público: os artigos brasileiros descrevem a origem e o desenvolvimento da operação Lava Jato, e os italianos tratam do escândalo da Expo 2015 em Milão. Corrupção e política são assuntos centrais na atualidade, porque envolvem de maneira mais ou menos direta toda a população, que se sente traída pelos seus representantes e confia nas autoridades para que façam justiça.

As pessoas comuns têm conhecimento dos acontecimentos da atualidade através dos *mass media* tradicionais, como a televisão, o rádio e os jornais, e também através dos meios comunicativos de nova geração, como a Internet. Os fatos vêm filtrados por estes meios e recebem um corte adaptado ao contexto comunicativo e ao público recebedor, portanto a maneira na qual estas notícias são entregues é sempre decisiva, seja em termos de conteúdos escolhidos, seja em termos de forma do texto, oral ou escrito. Cada meio de comunicação tem os seus objetivos comunicativos e regras precisas para os alcançar; os autores precisam respeitar estas regras para poder aproveitar as potencialidades do meio mesmo.

Este capítulo será dedicado ao jornalismo, às suas características principais e à sua adaptação ao mundo digital. Será feito um paralelo entre a realidade brasileira e a italiana, que se tornará útil para a análise comparativa dos artigos.

2.1. As origens do jornalismo

Encarar o assunto das origens do jornalismo significa necessariamente partir da Europa, para chegar num segundo momento à realidade brasileira. O objetivo desta seção é focar a atenção nas mudanças tecnológicas e sociais dos últimos

séculos que deram origem às profissões jornalísticas modernas e à concepção contemporânea do jornalismo mesmo.

Como afirma Ugo Cardinale (2011, p. 5), um dos primeiros passos que permitiram o nascimento do jornalismo moderno foi a invenção da impressão com tipos móveis, feita por Gutenberg no XV século, que revolucionou a percepção elitista dos textos escritos, predominante até àquele momento. Foi fácil entender as maiores vantagens do livro impresso com respeito a um volume escrito manualmente: o primeiro era mais económico, os tempos da sua produção eram mais rápidos, e por conseguinte era mais simples possuir um deles. Com a impressão começava uma época de democratização da cultura; em particular, isso foi uma novidade no mundo das informações políticas: estas notícias tradicionalmente espalhavam-se somente através dos textos escritos, mas com uma maior difusão de documentos impressos aumentaram também as pessoas informadas sobre os acontecimentos de tipo político. A tecnologia inovadora de Gutenberg foi utilizada mesmo para publicações periódicas, que com o passar do tempo tiveram um bom êxito entre as faixas de população mais escolarizadas. Depois do estabelecimento e da difusão da impressão, o jornal chegou a ser uma empresa moderna (Cardinale, 2011, p. 5), e nasceu uma nova profissão, o *repórter*, que recolhia e escrevia informações com imparcialidade e exatidão⁹.

Outra importante revolução chegou em 1837, com a invenção do telégrafo pelo estadunidense Samuel Morse: este aparelho permitia enviar textos de lugares distantes, numa maneira muito rápida com respeito ao estado da tecnologia daquela época. Com efeito, a sua utilização na transmissão das notícias entre os jornalistas e as suas redações simplificou muito o trabalho dos profissionais do jornalismo e introduziu uma nova dimensão de rapidez e atualidade das informações. O emprego deste novo meio de comunicação era bastante caro, mas uma simples solução para reduzir os seus custos era reduzir o comprimento das mensagens. Inevitavelmente isso trouxe uma limitação ao texto escrito: a brevidade das mensagens transmitidas era uma condição necessária, e não devida

⁹ “Imparcialidade” e “exatidão” podem corresponder às chamadas *fairness* e *accuracy* da escola jornalística inglesa; para uma explicação breve mas exaustiva do assunto, consultar Cardinale (2011), pp. 18-22.

a razões linguísticas. Então, devido a esta mudança massiva, a linguagem jornalística assumiu novas características em função do novo meio comunicativo: clareza, concisão, e precisa articulação do texto em parágrafos. A importante difusão do telégrafo trouxe transmissões mais rápidas, mas também reduziu o comprimento das mensagens; isso provocou o abandono do velho estilo discursivo e a adoção de um estilo novo, mais seco, que gerou um modelo de pirâmide (Cardinale, 2011, p. 6) para a exposição das notícias. Segundo este modelo, elaborado pela escola inglesa, o *incipit* dos artigos é de fundamental importância, e precisa conter as respostas aos cinco W (*Who? What? Where? When? Why?*); a partir das primeiras linhas o leitor tem de ser informado sobre os fatos principais da notícia e ter vontade de continuar com a leitura. É na parte central do artigo (chamada de *body corps*) que o jornalista desenvolve o assunto, juntando detalhes e outras informações.

As linhas mestras traçadas pela escola inglesa são seguidas fielmente ainda hoje pelo jornalismo anglo-saxônico, e influenciaram profundamente o jornalismo internacional. Com efeito, um texto jornalístico deve utilizar uma linguagem clara e simples, e ao mesmo tempo as informações que quer transmitir devem ser precisas, imparciais e exatas.

2.2. A profissão de jornalista

O jornalista desempenha um papel notável na sociedade, porque serve de intermediário entre os fatos da realidade e o público que quer conhecê-los. Os leitores não têm acesso a todas as fontes das informações, portanto ao ler as notícias confiam no profissionalismo do jornalista, que deve recompensar o seu público com um trabalho correto e bem realizado.

Para poder escrever os seus artigos, o jornalista precisa ter ao seu dispor muitas informações, que provêm de uma variedade de fontes. Parte do trabalho do autor, e índice do seu profissionalismo, é verificar a fidedignidade das fontes escolhidas e das informações recebidas, de modo que o trabalho entregue seja o mais correto e exato possível. Depois desta fase, é necessário um preciso processo de seleção dos

dados recolhidos, de acordo com os critérios pessoais do escritor. Algumas informações serão relevantes para a notícia que ele quer relatar; outras terão uma importância secundária mas merecerão a inclusão no artigo; outras, enfim, não serão pertinentes ou bastante interessantes, logo serão rejeitadas. É uma escolha complicada e delicada que influi no sentido final do texto e na sua percepção por parte dos leitores: muito depende da capacidade e da experiência do escritor.

A fase sucessiva à recolha e à selecção das informações é a reelaboração delas para criar o artigo. O jornalista trabalha com dados e palavras e, geralmente, ele quererá ser o mais objetivo possível. Em efeito os artigos jornalísticos relatam uma série de acontecimentos reais e documentados, mas ao mesmo tempo não podem limitar-se a uma mera descrição analítica dos fatos. Durante anos de profissão, um jornalista elabora um seu estilo pessoal, mesmo sabendo que, de qualquer jeito, ele transmitirá o seu olhar através dos pormenores da sua escrita. Para limitar essa parcialidade, as redações dos jornais estabelecem regras estilísticas que os jornalistas precisam seguir durante a redação dos textos, de maneira que seja certo que o estilo de todos os artigos publicados seja homogêneo. Contudo, como afirma Cardinale (2011, p. 9), a melhor escolha para obter uma boa legibilidade é juntar a clareza das frases com uma narração que no seu complexo seja agradável e gozável.

O jornalista inclui no texto o seu olhar principalmente com as suas escolhas das fontes e das palavras, e isso acontece sempre, mesmo se numa maneira limitada e indireta; por outro lado, é precisamente este aspecto que dá ao texto um estilo pessoal e atrativo. Cardinale (2011, p. 11) elabora o conceito da complexidade dos textos jornalísticos, afirmando que

(...) anche se da un punto di vista pragmatico è un atto linguistico assertivo, che suggerisce fattualità, da un punto di vista ideologico il testo giornalistico promuove implicitamente le credenze e le opinioni dei gruppi appartenenti alle *élites* sociali dominanti (...), e deve integrarsi comunque coerentemente nei modelli del mondo dei propri lettori.

Ao lado da fidedignidade dos fatos, o texto jornalístico responde às ideias do seu autor e às expectativas do público; este último geralmente segue as opiniões dos grupos sociais dominantes, e os profissionais da informação bem sabem a linha ideológica que cada trabalho precisa seguir para ser coerente com os valores dos

leitores. A utilização de técnicas retóricas sutis permite seguir esta linha de modo menos evidente e mais implícito, e deixa ao leitor a tarefa de intuir as ideias à base. Com efeito, um dos objetivos principais do jornalismo é ser capaz de persuadir o público da credibilidade dos fatos descritos e da visão do autor, e para conseguir isso os autores precisam ter uma ideia clara do próprio leitor-modelo, a partir das suas expectativas, até os interesses e as escolhas dele. Assim os jornais têm uma boa possibilidade de entrar em sintonia com o leitor, fazendo com que ele se sinta em linha com o perfil do jornal e siga lendo os seus artigos.

Parte das escolhas linguísticas feitas pelo jornalista é determinada pelo *background* cultural e profissional dele, que, naturalmente, formou-se as suas ideias e atitudes num preciso contexto cultural. As muitas culturas que vivem dentro de uma sociedade sempre compreendem não somente uma língua e umas tradições, mas também um complexo conjunto de ideias, convenções, estereótipos e atitudes, que as pessoas absorvem de maneira quase completamente inconsciente. É portanto inevitável que a cultura nos influencie na maneira de olhar, falar e comportar-se no mundo.

O já citado Cardinale (2011, p. 174) explica este processo com o conceito de *schemi di atteggiamenti*, ou seja estruturas complexas nas quais os nossos conhecimentos estão organizados, que refletem as opiniões pessoais e sobretudo as opiniões sociais. Os membros de um grupo interiorizam um esquema de atitudes, que compreende objetivos, valores, interesses, regras, e também estereótipos e preconceitos com respeito aos outros grupos sociais. O jornalista não está longe desta estrutura: quando seleciona os fatos, tende a organizá-los dentro de um *schema di azione* (esquema de ação) dominante, que reflete a sua interpretação e a sua avaliação dos fatos (Cardinale, 2011, p. 174). Por conseguinte, o leitor preferirá o jornal cujo olhar (e cujo esquema de atitudes) será mais perto do seu.

2.3. O jornalismo e o seu contexto cultural

A vida política, cultural e social duma nação é contada e difundida principalmente por um conjunto de meios de comunicação, que se dirige a diferentes faixas e grupos sociais, e que quer formar uma opinião pública (mais ou menos) crítica com respeito aos fatos da atualidade. Os maiores emissores de notícias são os canais televisivos, os sites Internet e as publicações periódicas, entre elas primeiros os jornais; todos, seja que estejam conotados politicamente ou se classifiquem como independentes, têm uma precisa linha de pensamento, que transmitem ao próprio público através do corte dado aos fatos contados. Junto com o trabalho pessoal do autor dos textos, também esta dinâmica influi profundamente na maneira na qual as notícias são entregues e compreendidas.

Mesmo que existam organizações internacionais pela defesa e promoção de imprensa, jornais e jornalistas, as realidades deste setor são numerosas e dependem do contexto social, do papel do Estado com respeito à imprensa nacional e ao jornalismo, a atitude da opinião pública, e outros fatores. Para entender as diferenças e semelhanças entre o jornalismo italiano e o brasileiro é útil começar com uma aprofundamento das duas realidades nacionais, a fim de conhecer a organização do jornalismo e o seu papel na sociedade.

2.3.1. O jornalismo na Itália

Na Itália a profissão jornalística tem raízes profundas e é detalhadamente regulamentada por meio de específicas leis e organizações, que têm o objetivo de defender os profissionais e garantir ao público o acesso a uma informação correta e de qualidade. A Lei n. 69 do dia 3 de fevereiro de 1963 regulamenta a profissão de jornalista, sublinhando o caráter profissional e criativo dela, o seu prestígio e a sua função social; estabelece que as pessoas que querem exercer esta profissão têm a obrigação de se inscrever num registo formal, chamado *Albo*, respeitando precisas condições; define também o princípio de autogoverno da categoria.

O jornalismo italiano começou formalmente em 1877, com a *Associazione della Stampa Periodica Italiana*, a primeira associação da imprensa periódica do País,

mas somente em 1908 a profissão jornalística foi reconhecida juridicamente. Com efeito, naquele ano nasceu a *Federazione Nazionale della Stampa Italiana* (FNSI), que reunia as pequenas associações de imprensa regionais; esta Federação continua o seu trabalho ainda hoje, sendo o sindicato nacional unitário dos jornalistas italianos. Em 1925 foi oficializado o primeiro registo da profissão, ou *Albo*, a nível regional, graças a um acordo entre a FNSI e os editores, e três anos depois, em 1928, o Rei instituiu o *Albo* profissional dos jornalistas, que registrava os profissionais do setor em três categorias, adotadas ainda agora (*professionisti, praticanti, pubblicisti*); sendo durante a época do Fascismo de Mussolini, este registo não era autogovernado pelos jornalistas, mas controlado pelo Ministério da Justiça. Com o fim do Fascismo foi possível restabelecer a Federação da Imprensa em 1943 e arranjar a regulamentação da profissão e dos registos regionais até 1963, quando foi aprovado o *disegno di legge* n. 1563 sobre a organização da profissão jornalística.

A Lei aprovada no dia 3 de fevereiro de 1963 n. 69 descreve os princípios à base da jornalismo profissional. Primeiro, para poder trabalhar como jornalista é obrigatório pertencer ao *Ordine dei Giornalisti* (OdG), e para fazer parte desta ordem profissional é necessário ser inscritos no *Albo*, um registo oficial que recolhe nomes e informações pessoais e profissionais dos trabalhadores no setor. No *Albo* distinguem-se dois tipos de jornalistas: *professionisti* e *pubblicisti*. Os primeiros exercem a profissão de maneira exclusiva e contínua, e os segundos trabalham como jornalistas de modo não ocasional e retribuído, praticando também outras profissões e atividades. Em listas diferentes são registrados os jornalistas estrangeiros que trabalham na Itália, os diretores de periódicos e revistas de caráter técnico, profissional ou científico, e os estagiários, ou seja aqueles que estão fazendo um período de estágio para preparar-se à profissão. O acesso a cada uma destas categorias é sujeito a precisas condições, conforme ao tipo de atividade desempenhada.

Além disso, a Lei 69/1963 define os direitos e deveres do jornalista, e os correspondentes poderes disciplinares e sanções; regulamenta a prática jornalística, fixando uma duração mínima para ter acesso aos registos, e administra

o registo dos praticantes; estabelece uma prova de aptidão para o exercício da profissão, que todos os candidatos para ser jornalistas profissionais devem fazer.

Para tornar-se um jornalista profissional e poder se inscrever ao *Albo*, é preciso exercer esta profissão de maneira exclusiva. Antes de receber o reconhecimento de *giornalista professionista*, o candidato deve comprovar o exercício de pelo menos 18 meses em qualidade de *praticante*, ou ter o diploma entregue por uma das escolas de jornalismo reconhecidas oficialmente pelo OdG. Estas escolas se colocam num nível sucessivo aos cursos universitários, têm a forma do master e preveem dois anos de cursos e prática. São convencionadas e reconhecidas pelo OdG, que requer o respeito de precisos padrões de qualidade e profissionalidade. Além dos requerimentos para a inscrição aos registos profissionais, os jornalistas são sujeitos a uma formação contínua e obrigatória, regulamentada pelo OdG, que estabelece um número mínimo de horas de formação durante cada ano.

A Ordem dos Jornalistas é uma particularidade italiana, que não existe nos outros países; é um órgão autogovernado pelos próprios jornalistas, através de Conselhos regionais ou inter-regionais e de um Conselho Nacional. Cada um dos Conselhos regionais dirige o seu registo profissional, que contém as inscrições dos jornalistas que moram naquela região, e toma decisões sobre as inscrições no *Albo*, as medidas disciplinares e em matéria eleitoral. Se as decisões são contestadas, o contencioso passa ao Conselho Nacional, que tem o poder de verificar, anular ou revogar os atos dos Conselhos regionais. Este processo representa uma garantia de correção e imparcialidade, seja para a opinião pública, seja para o interesse individual dos jornalistas.

Ao lado dos Conselhos regionais e Nacional, a Ordem dispõe de *Consigli di Disciplina*, instituídos recentemente depois de intervenções legislativas em matéria de profissões. Estão divididos em territoriais e nacional, e são sujeitos à vigilância do Ministro da Justiça. Estes novos Conselhos desempenham tarefas de decisão sobre questões disciplinares, portanto controlam o comportamento dos inscritos e podem aplicar medidas disciplinares no caso de faltas; ocupam-se também da defesa dos jornalistas em qualquer contexto, incluindo o judicial, e da repressão do exercício ilegal da profissão.

A deontologia jornalística pode se resumir numa ideia fundamental: o dever de entregar informações de maneira exata, objetiva e completa, baseando-se nos princípios de lealdade e boa fé¹⁰. O jornalista deve respeitar a verdade substancial dos fatos e, no caso de erros ou de notícias inexactas, precisa retificar prontamente o seu trabalho. O maior fundamento da lei profissional do jornalismo é o princípio da liberdade de imprensa, que na Itália é estabelecida pelo artigo 21 da Constituição:

Tutti hanno diritto di manifestare liberamente il proprio pensiero con la parola, lo scritto e ogni altro mezzo di diffusione.

La stampa non può essere soggetta ad autorizzazioni o censure.

O Estado Italiano assumiu o dever de proteger este direito, que tem importância central na época contemporânea. O contexto social italiano e europeu requer a possibilidade de comunicar informações e exprimir pensamentos em liberdade, e as instituições estatais se empenham para garantir isso.

No setor da comunicação de tipo jornalístico as fontes de informações são recursos preciosos: os jornais e os jornalistas dispõem de uma rede de indivíduos de confiança, aos quais se dirigem para obter notícias inéditas e relevantes. Os jornalistas devem respeitar o segredo profissional sobre as próprias fontes de notícias, como proteção para o profissional e para a fonte mesma, especialmente no caso de entrega de informações confidenciais. A Convenção Europeia estabelece claramente o direito de os jornalistas receberem notícias, e defenderem as suas fontes.

2.3.2. O jornalismo no Brasil

O desenvolvimento de um jornalismo nacional em terra brasileira¹¹ está ligado ao destino da imprensa na América do Sul: já em 1594 há evidência da circulação

¹⁰ Com efeito, a Ordem dos Jornalistas afirma que uma informação correta e verdadeira é um direito dos indivíduos e da coletividade (OdG, <http://www.odg.it/content/poteri-di-vigilanza>, consultado no dia 09/04/2015).

¹¹ As informações de cunho histórico incluídas nos primeiros parágrafos deste capítulo são citadas do documento *Imprensa brasileira: dois séculos de história*, publicado online pela ANJ -

dos primeiros impressos no Peru, e a partir de 1700 começou uma produção de material impresso e de jornais que explodiu no século seguinte, com o nascimento de jornais sul-americanos duradouros comparáveis aos europeus.

Contudo, o Brasil esperou até 1808 para ter a primeira tipografia em função de maneira estável. Com efeito naquele ano, por causa de Lisboa ser atacada pelas tropas napoleônicas, a Corte portuguesa transferiu-se para o Brasil, e o Príncipe D. João decidiu levar para o Rio de Janeiro a Imprensa Régia. Inicialmente, nesta prestigiosa instituição imprimiam-se somente documentos e obras que pertenciam ao governo português e à sua administração. Durante mais de dois séculos de atividade a Imprensa Régia (agora Imprensa Nacional) chegou a registrar toda a vida administrativa do Brasil e ajudar a difusão de obras impressas. Todavia, naquela época a liberdade de imprensa ainda ficava longe, e não era fácil imprimir livros ou periódicos com as limitações governamentais em vigor. Apesar destas dificuldades, dois jornais de certa importância conseguiram ser publicados: o *Correio Brasileiro*, publicado regularmente em Londres, e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que se descrevia como um jornal independente. Na década de 1820 houve mudanças na imprensa brasileira, que se tornou mais livre e assumiu uma perspectiva política.

Durante o reinado de D. Pedro II, entre 1840 e 1889, a sociedade brasileira era ainda caracterizada por ser principalmente rural, analfabeta, escravista e politicamente conservadora: um contexto difícil para a produção de obras impressas. Não obstante o público limitado, os jornais tornaram-se mais estáveis e estruturados, e começou um processo de segmentação das publicações; ao lado dos jornais políticos surgiram periódicos dirigidos a grupos de leitores específicos, como por exemplo as mulheres ou as comunidades de imigrantes. Aliás, a chegada de ferrovias e telecomunicações e a difusão do telégrafo elétrico ajudaram a intensificação do desenvolvimento dos jornais e da imprensa.

Nos anos entre o fim de 1800 e a primeira metade de 1900 os jornais brasileiros não viveram uma época fácil. Com a República Velha a liberdade de imprensa diminuiu, e a repressão das oposições de matriz monárquica aumentou; a rádio,

Associação Nacional de Jornais (<http://www.anj.org.br/imprensa-brasileira-dois-seculos-de-historia>; consultado no dia 29/03/2015).

que entrou no País em 1923, constituiu uma importante forma de concorrência às empresas jornalísticas que, em resposta, melhoraram a qualidade do trabalho, também ao nível tecnológico. O golpe de estado de 1937 marcou o começo do Estado Novo, que durou até 1945: durante esta época a liberdade de imprensa desapareceu sob a ameaça da censura.

Depois do Estado Novo o Brasil experimentou uma época de grandes mudanças. Entre 1945 e 1964 houve um interregno democrático, marcado pela industrialização do País e por uma nova liberdade nas comunicações, que acrescentou a utilização de televisão, rádio e jornais, e restituiu a centralidade ao jornalismo político. Os jornalistas começaram a seguir técnicas jornalísticas de vanguarda inspiradas no modelo americano, caracterizado pela objetividade das pesquisas e pela vontade de tornar os artigos mais atrativos e interessantes para os leitores, com o emprego de estratégias expositivas como a pirâmide invertida.

Esta época democrática acabou cedo, deixando o espaço a vinte anos de governos militares. Puseram rígidas restrições aos noticiários, que eram geralmente muito críticos com as políticas do regime, consideradas demasiado autoritárias e pouco eficazes. Ao lado disso, a expansão económica daqueles anos não foi acompanhada por manobras económicas claras e de longo prazo, mas com contínuas mudanças das linhas-guia governativas. Esta instabilidade levou a um reforçamento do jornalismo económico, que tinha o objetivo de informar o povo sobre os acontecimentos e as decisões do governo. A censura não parou o trabalho dos jornalistas, que continuaram procurar a liberdade de informação.

Nos anos oitenta começou um processo de redemocratização, que culminou com a eleição direta do Presidente da República e com a Constituição de 1988. Por fim, o princípio da liberdade de imprensa foi oficialmente estabelecido, mas demoraram quase vinte anos para ver a sua completa aplicação.

Nas últimas décadas do jornalismo brasileiro nasceram numerosas instituições em defesa e representação da imprensa em geral, dos jornais e dos jornalistas.

A Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) é uma associação independente, não politicamente marcada, que a partir do seu nascimento em 1946 tem o objetivo de defender os profissionais do jornalismo e garantir aos cidadãos o acesso à informação ética e plural. A sua minuciosa difusão no País e os numerosos

jornalistas afiliados consentiram-lhe, nas décadas passadas e ainda hoje, ter um papel importante na luta nacional pelos direitos desta profissão. Durante a redemocratização do Brasil, a FENAJ empenhou-se para obter uma informação democrática e garantida; nos anos noventa criou o Fórum Nacional Pela Democratização da Comunicação (FNDC), e propôs um Código de Ética Conjunto da área das Comunicações. Participa no Conselho de Comunicação Social (CCS), criado em 1988 pela Constituição Federal mas instalado somente em 2002; o CCS representa os profissionais da comunicação e controla o trabalho deles.

Outra associação que tutela os jornalistas é a Associação Brasileira dos Jornalistas (ABJ). É uma entidade bastante jovem, fundada em 2009, e é “a única entidade nacional de jornalistas que aceita associados com ou sem diploma” (ABJ, 2009), ao contrário da FENAJ.

Com efeito, antes de 2009, para poder começar a prática da profissão um jornalista precisava possuir um diploma de curso superior de Comunicação Social com habilitação em jornalismo, de acordo com o Decreto-Lei 972/69. Em junho de 2009 os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiram cancelar a obrigatoriedade deste diploma, porque a consideravam um obstáculo à liberdade de expressão, e eticamente contra os princípios de igualdade e liberdade da Constituição federal; esta importante decisão abriu um debate muito intenso.

O decreto em questão foi editado na época da ditadura e, na opinião daqueles que concordam com o STF, era uma lei funcional somente à ditadura mesma, porque dava a possibilidade de controlar os trabalhadores dos jornais durante um período de censura; na nossa época perdeu a sua razão de ser. Além disso, o exigido diploma específico poderia ser substituído por qualquer curso universitário de bom nível, ou até com uma formação pessoal; dificilmente a abolição do decreto traria empregados incompetentes nas redações dos jornais. A tese é reforçada também pelo fato de que nos outros países industrializados não há necessidade deste tipo de percurso para exercer esta profissão.

Por outro lado, muitos profissionais do jornalismo e representantes políticos defendem a obrigatoriedade do diploma, principalmente como garantia de um serviço de informação fidedigno e respeitável. Eles apoiam a importância para os jornalistas de terem feito estudos linguísticos e técnicos, junto com uma formação

jornalística específica que se adapte às mudanças do mundo das comunicações. Com respeito ao risco de limitar a liberdade de expressão, a FENAJ afirma que o decreto não limitava nenhuma manifestação de pensamento. Pelo contrário, a ausência do decreto corresponde à ausência de regulamentação legislativa para a profissão, e isso significa, antes de tudo, não haver um salário base nem a garantia de direitos como trabalhador. A eliminação do decreto poderia favorecer somente os grandes empresários da comunicação, que teriam uma boa razão para preferir os estagiários mal pagos aos profissionais diplomados.

A modificação do Decreto-Lei 972/69 pelo STF em 2009 levou anos depois à elaboração de dois PECs (Proposta de Emenda Constitucional) por parte de parlamentares contrários à iniciativa do STF, para restabelecer a exigência de um diploma específico para os jornalistas. Quem apoia as PECs afirma que a partir de 2009 não houve um aumento da liberdade de expressão, pelo contrário, realizaram-se numerosas consequências negativas: mais precariado, piores relações de trabalho, fechamento das faculdades de jornalismo; os únicos beneficiários desta controversa situação seriam os patrões de empresas jornalísticas. A PEC foi aprovada pelo Senado, e está esperando a votação na Câmara dos Deputados.

Entre os protagonistas do jornalismo e da imprensa brasileira contam-se outras associações, além da FENAJ e da ABJ. A Associação Brasileira de Imprensa (ABI) é uma das mais antigas; fundada em 1908 por Gustavo de Lacerda, sempre teve o objetivo de “assegurar à classe jornalística os direitos assistenciais” (ABI, 2013) e dar centralidade social ao jornalismo na vida brasileira. Outra importante organização representativa das empresas jornalística é a Associação Nacional de Jornais (ANJ), que defende o funcionamento da imprensa e os interesses dos jornais, contribuindo ao desenvolvimento deles.

2.4. O jornalismo *online*

A chegada da Internet e a sua planetária difusão mudaram intensamente a natureza das comunicações: tornou-se possível transmitir e receber diferentes

tipos de materiais (textos, imagens, sons, vídeos) de maneira muito rápida, imediata e econômica, cancelando as distâncias físicas entre as pessoas. A tecnologia da rede chegou em todos os continentes, facilitando o acesso às comunicações *online*.

Um dos setores que mais perceberam as consequências dessa mudança foi o da informação. Com efeito, num período de tempo bastante pequeno a Internet conseguiu pôr em discussão o papel das mídias tradicionais: a televisão, a rádio, os jornais e as revistas tiveram de encarar a competição com o mundo digital. Apesar do êxito da rede, eles mantiveram a própria função social, e a Internet, em vez de substituir os velhos meios, conseguiu os integrar para criar novas formas de comunicação (Foust, 2011, p. 2).

A Internet tornou-se um instrumento indispensável para os profissionais da informação, que a utilizavam inicialmente como ajuda durante a criação do produto jornalístico, para pesquisas e comunicações internas. Mais tarde, eles entenderam a possibilidade de utilizar as enormes potencialidades da rede também como apoio (e meio) na entrega do trabalho ao público destinatário: jornais de todo o mundo abriram as suas páginas *online*, nas quais os leitores podiam consultar artigos e aprofundamentos sobre a atualidade. Ao lado dos maiores jornais nasceram outras organizações independentes, que realizaram com facilidade os seus projetos e abriram novos sites de informação, geralmente desligados do mundo da política.

Com respeito aos chamados *pre-Internet media* (Foust, 2011, p. 1), o jornalismo na Internet apresenta muitas vantagens, porque une as características dos meios tradicionais com novas e amplas capacidades comunicativas.

As pessoas podem acessar a rede através do computador e também por meio de aparelhos móveis como os *smartphones* ou os tablets, e isso permite consultar os sites de informação em qualquer momento do dia e da noite, sem limitações. Portanto mudou o ciclo das notícias *online*, que deve funcionar 24/7, e mudaram as expectativas do público, que quer ler sempre notícias novas. Para oferecer uma informação à altura do pedido dos leitores, todos os conteúdos carregados devem ser atualizados e modificados frequentemente, e a rede adapta-se muito bem a esta função dinâmica.

O desenvolvimento da rede continuou nos anos, e os simples textos dos artigos jornalísticos não foram mais suficientes para o leitor digital: os sites de informação tiveram a necessidade de enriquecer o produto oferecido, juntando os artigos com outros tipos de informação. A Internet consentiu em juntar diferentes mídia, como por exemplo textos, vídeos, sons e imagens, criando uma combinação de material diversificada e atrativa. Os jornalistas aprenderam a escolher um conjunto de materiais que fosse coerente e relevante, para dar ao leitor a possibilidade de aprofundar um assunto na complexidade das suas facetas.

Na Internet há vários tipos de páginas que se ocupam de publicar material sobre a atualidade. Ao lado dos sites dos jornais mais conhecidos, que se acompanham a uma versão impressa, e aos sites independentes de informação, é possível encontrar uma variedade de formas alternativas ao jornalismo tradicional. Uma das mais difundidas é o blogue, definido por Foust (2011, p. 31) como uma página web composta de anotações individuais, chamadas de *posts*; é uma forma de comunicação de fácil acesso, que permite transmitir informações de maneira independente e pessoal. Estima-se que há milhões de blogues na rede, de muitas formas e que relatam os assuntos mais diferentes, tanto que chegaram a ser um verdadeiro meio de expressão. Alguns deles têm características parecidas com as dos meios jornalísticos e, com efeito, às vezes são criados por jornalistas de profissão. Também os sites de informação que nasceram dos mídia tradicionais começaram a utilizar os blogues, que podem desempenhar numerosas e úteis funções, como afirma a pesquisa estadunidense “We Media” citada por Foust (2011, pp. 31-32): oferecer comentários e análises sobre fatos específicos; filtrar e selecionar um determinado conjunto de notícias para os leitores; verificar as informações; entregar um primeiro relato sobre um fato recente; aprofundar um acontecimento fornecendo maiores detalhes; submeter o texto à revisão de colegas e leitores. Há quem acha que os blogues representam o futuro do jornalismo online; por agora, o dado certo é que são um meio de expressão e informação de grande importância no mundo digital.

Os meios de informação tradicionais não deixaram ao público um papel relevante na criação das notícias; geralmente as pessoas podiam intervir só indiretamente, por exemplo com cartas ao jornal, que nem sempre recebiam

resposta. A Internet mudou radicalmente a relação entre o jornalista e o seu leitor: chegou a ser uma verdadeira colaboração. O leitor é parte ativa no processo de construção das notícias e chega a influenciá-lo, porque tem à sua disposição as ferramentas necessárias para que a sua opinião seja levada em consideração. Nesta época digital é muito fácil entrar em contato com os sites de informação, através dos e-mails, dos comentários embaixo dos artigos publicados online, dos *social networks*, e os profissionais da informação estão bem interessados nesta colaboração, porque permite entregar um produto quase “sob-medida”, mais perto dos desejos do destinatário.

Quem publica textos jornalísticos na Internet está ciente das regras que o meio põe, e sabe que é necessário respeitá-las para produzir um trabalho de qualidade. Especialmente no caso de aqueles sites que fazem referência a uma publicação impressa, a tentação de incluir *online* os mesmos textos sem modificações não levaria a um bom resultado; os artigos devem ser adaptados ao meio de entrega, neste caso a rede.

Sem dúvidas, é fundamental entender que a maneira de ler um artigo *online* é muito diferente com respeito aos textos impressos, porque muda o meio e também o público destinatário. Os meios de comunicação *online* são mais rápidos, e a leitura adapta-se a esta imediatez: torna-se menos precisa e procura uma organização esquemática e visual do texto e das partes principais, para poder entender sem demora o coração da notícia, e decidir se continuar a leitura até ao final do texto. Com esse fim, a melhor organização de um artigo publicado *online* é em módulos, ou seja, blocos lógicos que juntos compõem o artigo (Foust, 2011, p. 182). O jornalista precisa ter claro na sua mente o esquema da história, e escolher a técnica que melhor se adapta ao gênero jornalístico do texto: pirâmide invertida, ordem cronológica, estrutura temática, estrutura narrativa.

Nos jornais tradicionais os títulos revelam a criatividade do autor ou do editor, e frequentemente baseiam-se em jogos de palavras que os tornam cativantes mas pouco transparentes. Ao contrário, os títulos dos artigos publicados na rede devem ser mais funcionais, e utilizar uma linguagem direta e eficaz; assim o leitor sabe imediatamente qual é o assunto do texto, ajudado também pelo subtítulo, que acrescenta os detalhes principais. O título é o cartão de visita do texto na Internet,

portanto um estilo claro e simples facilita também a pesquisa do texto através das ferramentas de busca como Google.

O jornalista no seu trabalho consulta frequentemente fontes externas para recolher informações. O mundo digital oferece vários meios para obter notícias de maneira bastante fácil e rápida, mas ao mesmo tempo põe os escritores em frente de uma multidão de material. Quem escreve precisa ter a experiência e o conhecimento para avaliar e escolher as fontes mais fidedignas.

O mundo da Internet muda continuamente, e não é possível descrever um jornalismo *online* “típico”. Contudo, as vantagens do jornalismo *online* são muitas, e Foust (2011, pp. 6-12) lista os principais:

- o controle da informação por parte do público, que está diretamente envolvido com a busca e a utilização das notícias;
- o acesso aos conteúdos publicados sem limitações de tempo ou espaço;
- a não-linearidade do fluxo de informações na Internet, junto com a ideia do texto dividido em módulos lógicos;
- a possibilidade de depositar uma importante quantidade de informações, e de recuperar pedaços delas rapidamente e em qualquer momento;
- o espaço ilimitado no qual publicar conteúdos de diferentes tipos;
- a imediatez da comunicação;
- a possibilidade de entregar material multimídia;
- o envolvimento e a participação do público no processo de criação do produto jornalístico.

Ao lado das inegáveis vantagens desse novo jornalismo, há assuntos de corte ético e legal que a Internet põe e que ainda não receberam uma solução. A maior potencialidade da rede é ser capaz de estender a área de distribuição dos conteúdos, cancelando as limitações físicas das publicações em papel; o material publicado chega a qualquer país, atravessando as fronteiras e as jurisdições muito rapidamente, sem controles. Isso põe problemas de *copyright*, porque um texto pode ser copiado e utilizado com facilidade, em ausência da autorização do autor, e é muito complexo localizar quem faz isso num oceano de informações. Demorará ainda muito tempo e muitos debates até chegar a solucionar um problema tão extenso e complexo.

2.5. A notícia

A essência do jornalismo consiste em encontrar fatos novos e interessantes e torná-los públicos, de modo que seja possível satisfazer a expectativa do leitor de receber informações que ele ainda não conhecia. As notícias sempre representam o resultado de um processo de escolha e interpretação de outras informações, e a tarefa dos jornalistas é selecionar a realidade e elaborar o material bruto recolhido, até obter um conjunto de fatos e pormenores relevantes, que mereça ser publicado.

É muito difícil estabelecer critérios fixos para determinar os fatores que transformam um acontecimento numa notícia; são a experiência e a profissionalidade do jornalista que o guiam durante este processo. De toda maneira, nos anos se identificaram uns valores-notícia que podem ajudar o escritor, e uma categoria interessante deles compreende os valores que respondem ao interesse do público (Pupazzi em Cardinale, 2011, p. 41). Em outras palavras, trata-se dos fatores que os leitores levam em consideração, de maneira mais ou menos ciente, para decidir se uma notícia merece ser lida.

O fator principal é a novidade: os artigos devem relatar fatos insólitos, que acontecem raramente, e que por isso são considerados interessantes. Os fatos devem ser percebidos pelos leitores como próximos ao contexto de referência deles, do ponto de vista físico, cultural, político, ideológico, de modo que eles mesmos se sintam parte dos acontecimentos.

Outro elemento é a dimensão, medida por meio da quantidade de pessoas envolvidas; maior o número, maior também o impacto no público. Por outro lado, a dimensão do acontecimento pode não ser muito importante se há o envolvimento de personagens que gozam de prestígio social, como os personagens públicos.

Todos os textos jornalísticos devem ter a capacidade, tão óbvia quanto essencial, de comunicar o seu conteúdo. Este último não necessariamente deve corresponder com um acontecimento positivo; pelo contrário, a tendência a publicar (e esperar) notícias negativas é constante. E os jornalistas propõem o que os leitores esperam ver: dramatização, conflitualidade, más notícias.

Por fim, se um acontecimento prevê consequências práticas na vida cotidiana, é mais provável que os leitores o considerem interessante. Además, o chamado “interesse humano” entra em jogo quando uma notícia suscita solidariedade e envolvimento emotivo.

Com respeito às notícias de cunho científico, as mais seguidas são aquelas que tratam progressos tecnológicos e descobertas científicas, porque transmitem a ideia significativa de progresso da humanidade. Contudo, as notícias científicas não podem chegar a um amplo público se não possuem comunicabilidade e, de qualquer jeito, alguns sucessos da ciência (como per exemplo a derrota de particulares doenças) se revelam mais interessantes do que outros.

O jornalista deve conhecer muito bem o seu público, para poder antecipar os seus desejos e satisfazer as suas expectativas. Uma das motivações pelas quais os leitores escolhem um jornal ou um site e não outros, é a confiança que eles têm com respeito aos jornalistas daquela redação. É uma relação muito preciosa que os jornalistas constroem no tempo, demonstrando a fiabilidade do trabalho deles. Para entregar um bom texto jornalístico, as informações devem ser verdadeiras e verificadas; por isso a escolha das fontes é fundamental.

Na tradição jornalística, a fonte primária de informações é a realidade (Cardinale, 2011, p. 46): os primeiros jornalistas trabalhavam em contato direto com os fatos e as pessoas da atualidade, e elaboravam as informações recolhidas na rua para poder entregar aos leitores um texto autêntico e profissional. Mas aquela que décadas atrás era a normalidade, agora é a exceção. Na época da globalização as notícias são mediadas pelas Agências de notícias, que transmitem informações das fontes aos meios de comunicação, sem dirigir-se diretamente ao público. As Agências são consideradas uma das fontes principais, e cada uma delas fornece notícias a numerosas empresas jornalísticas. Provindo as informações do mesmo sujeito, é fácil que a consequente produção jornalística pareça homologada e pouco original; o jornalista deveria dar ao texto o seu estilo pessoal para que possa se distinguir dos outros.

Outra importante fonte é a Internet: permite um fácil acesso às informações e uma rápida atualização delas, de modo que quem visita as páginas possa sempre ter à disposição as últimas notícias. Contudo, a rede é um recipiente enorme que

contém todo tipo de material, e não é sempre fácil reconhecer os sites mais fidedignos. O jornalista profissional faz referência a um conjunto de fontes digitais, que ele considera ser de confiança por várias razões: podem ser sites institucionais ou de organizações de prestígio, arquivos, páginas assinadas por personagens autorizados, etc.

A escolha das fontes é um processo central na redação de artigos que expõem fatos de atualidade. A escola jornalística anglo-saxônica distingue dois maiores tipos de textos jornalísticos, as *news* e as *views*, diferentes por estilo, conteúdo e utilização das fontes. As *views*, ou artigos de opinião, relatam a posição ideológica do jornalista com respeito a um fato da atualidade; as *news*, ou notícias, descrevem os fatos mesmos, adaptando a escrita aos valores-notícia. A distinção entre as duas é muito marcada no jornalismo anglo-saxônico, que procura evitar uma mistura indefinida e manter as características dos dois textos. Em outras realidades, como por exemplo a italiana, a normalidade é mesclar os estilos e criar um *continuum* de textos sem uma demarcação bem definida entre eles; por um lado há a notícia, constituída por uma descrição impessoal dos fatos, e por outro lado há o artigo de opinião, caracterizado pelo olhar pessoal do escritor, e no meio se situam todas as possíveis tonalidades da escrita jornalística.

De toda maneira, os jornalistas que escrevem notícias, seja *online* seja em meios de comunicação tradicionais, devem seguir alguns critérios básicos, que com a experiência se tornam uma rotina. Um dos principais é a clássica regra das 5 W, que teve origem nos Estados Unidos dos anos Trinta de 1900, quando por razões econômicas a *penny press* exigia textos concisos mas completos de todas as informações necessárias (Cardinale, 2011, pp. 6-7). A partir daqueles anos, e até os nossos dias, essas cinco perguntas essenciais (*Who? What? Where? When? Why?*) são consideradas uma guia fundamental na redação de textos jornalísticos. A técnica da pirâmide invertida prevê que a primeira parte do artigo contenha as respostas às 5 W, e a uma sexta também (*How?*), porque já nas primeiras linha o leitor deve entender o assunto do texto. O jornalista não tem a obrigação de incluir em poucas linhas todas as informações; com efeito, estas seis perguntas devem ser consideradas como uma ajuda, que o autor do texto adaptará às suas exigências de escritura.

A notícia tem uma estrutura textual bastante fixa, que divide o artigo jornalístico em três partes: *incipit*, *body corps*, conclusão (Cardinale, 2011, p. 9). A primeira parte é a introdução, ou *incipit*, e desempenha a importante função de comunicar ao leitor o assunto do artigo e dar-lhe vontade de continuar com a leitura; o estilo deve ser particularmente atrativo e interessante. O *body corps* é a parte central e o coração da notícia, na qual o fato é descrito não somente nas suas partes principais, mas também nos seus pormenores mais relevantes. O objetivo é fornecer uma informação exaustiva, e isso não está ligado com a ideia de quantidade (incluir muitos dados), mas com a de qualidade (selecionar e incluir todos os dados relevantes). A terceira e última parte do texto é a sua conclusão, que compreende frases de efeito que impressionem o leitor, ou sugestões para reflexão sobre o assunto principal. Também a parte final contribui à eficácia comunicativa do artigo, determinando a satisfação do leitor.

3. O *corpus* objeto da análise comparativa

Objetivo deste trabalho de análise é comparar exemplos textuais da linguagem específica do jornalismo, examinando o uso que esta linguagem faz da metáfora e da linguagem metafórica quando deve relatar sobre fatos de ilegalidade.

O *corpus* objeto da pesquisa é composto por 30 artigos jornalísticos, que foram publicados *online* recentemente pelos maiores sites de informação italianos e brasileiros. O trabalho investiga a maneira na qual a linguagem jornalística se serve da metáfora para descrever fatos da atualidade, e quer entender as repercussões da linguagem metafórica no produto jornalístico concluído, ou seja, o artigo que chega a ser publicado.

Durante a fase de seleção dos artigos houve a necessidade de fixar padrões precisos e limitar a recolha somente àqueles textos que respondessem a estes padrões, de modo que fosse possível obter um *corpus* razoavelmente homogêneo, seja na forma seja no conteúdo. Com efeito, um *corpus* unitário permite chegar a conclusões criteriosas, verossimilhantes e coerentes.

Com relação ao conteúdo, os artigos descrevem notícias sobre dois casos de corrupção em organizações públicas que aconteceram recentemente na Itália e no Brasil, e que tiveram grande espaço nos mídias de comunicação dos dois países. Os fatos de atualidade são a organização do Expo 2015 em Milão, dificultada por acordos ilegais entre funcionários públicos e empreendedores de grandes empresas particulares, e o escândalo da Petrobras (a empresa brasileira de energia), chamado Operação Lava Jato, que viu pactos e troca de dinheiro entre as diretorias da empresa estatal, os partidos políticos e os executivos de empresas fornecedoras da Petrobras. Os dois inquéritos saíram nas notícias na primeira metade de 2014.

Os assuntos centrais de todos os trinta artigos que compõem o *corpus* são a corrupção e a política, fundamentais na vida de uma nação. Com efeito, os fatos de ilegalidade que envolvem os representantes políticos e os recursos públicos criam descontentamento entre os cidadãos, e prejudicam a autoridade e a dignidade dos

representantes. A falta de transparência e honestidade nas instituições públicas torna-se um assunto muito delicado e sensível à raiva do povo, que espera que a Justiça tome as decisões mais eficazes para resolver a situação.

Nos parágrafos seguintes serão descritos os principais padrões de escolha dos artigos que compõem o *corpus*, todos recolhidos *online*, e particular atenção será dada às fontes dos textos. Além disso, será possível encontrar um resumo das notícias explicadas nos artigos, contextualizadas cada uma na sua realidade nacional.

3.1. Os artigos jornalísticos

É possível dividir os textos selecionados em dois grupos: os artigos italianos e os artigos brasileiros. Cada grupo recolhe 15 artigos escritos na língua nacional publicados no mesmo período, que contam o desenvolvimento da mesma notícia através do olhar dos jornalistas e dos sites de informação para os quais os jornalistas escrevem.

A seleção das fontes representa uma fase fundamental do trabalho: a confiabilidade dos recursos determina a qualidade dos textos analisados e, por conseguinte, a verossimilhança dos resultados da análise. Com efeito, os artigos foram consultados na rede, e teve muita importância que os sites escolhidos fossem o mais atualizados e completos possível, e que consentissem em pesquisar artigos publicados nos meses anteriores.

Os 15 artigos em língua italiana provêm dos sites Internet oficiais de três jornais influentes e autorizados, que têm difusão nacional. O *Corriere della Sera* é um jornal nacional antigo e prestigioso, nascido em Milão no final de 1800, e em 2014 foi o primeiro no País por difusão¹²; *la Repubblica* foi fundado em Roma, é um jornal mais jovem mas bem conhecido, terceiro por difusão; *La Stampa* teve origem na cidade de Turim, e é o quinto por difusão no território nacional. Os três jornais

¹² Dados elaborados por Ads (*Accertamenti Diffusione Stampa*) em dezembro 2014, e publicados *online* por Prima Comunicazione (20/02/2015). Os cinco maiores jornais na Itália em ordem de difusão são: *Corriere della Sera*, *Il Sole 24 Ore* (jornal de marco económico), *la Repubblica*, *La Gazzetta dello Sport* (jornal de notícias esportivas), *La Stampa*.

nasceram como jornais impressos, e somente numa época mais recente a versão tradicional foi acompanhada por um site Internet oficial, geralmente rico de conteúdos e frequentemente atualizado.

Os 15 artigos em língua portuguesa foram publicados *online* por três protagonistas da informação brasileira, muito influentes na atualidade do País: o *Estadão*, o *Jornal do Brasil* e o *G1*. O *Estadão* é um antigo jornal da cidade de São Paulo, que imprime a versão de papel e também publica artigos no seu site oficial. O *Jornal do Brasil* nasceu no Rio de Janeiro como um importante jornal impresso; recentemente a redação tomou a difícil decisão de manter somente o site *online*, e deixar a versão tradicional. O *G1 (Globo 1)* é parte do site da emissora brasileira Globo, e é dedicado à publicação de notícias exclusivamente online.

Para garantir ao *corpus* um caráter unitário foram decididos precisos padrões durante a escolha dos textos, seja com respeito ao conteúdo, seja com respeito às características próprias dos artigos. Os critérios estabelecidos ajudaram a identificar um conjunto de artigos com traços semelhantes, que por isso podem ser analisados e comparados.

Com respeito à forma, são parte do *corpus* somente os artigos jornalísticos chamados de *news*, ou seja, aqueles que descrevem os fatos de atualidade através uma perspectiva de crônica, contando os acontecimentos por meio de um estilo conciso e interessante, sem perder-se em comentários. É por isso que foram excluídos todos os artigos de opinião, como por exemplo os artigos editoriais, porque têm o objetivo de persuadir o leitores com as ideias que expressam, afastando-se do caráter meramente informativo das notícias. Además, os artigos de opinião utilizam uma linguagem específica de corte argumentativo que não pode ser analisada nem confrontada com artigos como as *news*. Com semelhantes motivações de incompatibilidade foram excluídas também as entrevistas: constituem uma tipologia textual diferente que deveria ser analisada separadamente.

Os textos escolhidos foram publicados online durante um período de tempo bastante extenso, que corresponde aos meses nos quais os escândalos deflagraram. Este período abrange entre os onze e os treze meses; os artigos italianos foram publicados entre maio 2014 e março 2015, e os brasileiros entre março 2014 e

abril 2015. Durante aqueles meses os acontecimentos estavam no auge e recolhiam o interesse dos leitores, que queriam ficar bem informados; em resposta a este grande interesse os jornais e os sites deram muito espaço a essas notícias, com artigos e aprofundamentos.

Os parágrafos seguintes serão dedicados às fontes dos artigos, para conhecer as suas histórias e perspectivas e entender como pode mudar o olhar dos jornalistas de acordo com as linhas-guia de cada jornal ou site de informação.

3.1.1. As fontes italianas

Corriere della Sera

O *Corriere della Sera* fez a história do jornalismo e da imprensa na Itália. Foi fundado em 1876 em Milão por Eugenio Torelli-Vallier, já diretor de outro jornal regional que decidiu abandonar para fundar um jornal novo. A linha desta nova produção jornalística foi liberal moderada, geralmente conservadora, traços que conquistaram o precioso apoio da burguesia da Lombardia. Este tipo de público pedia artigos ricos e bem realizados e uma particular atenção ao estilo tipográfico e editorial, e o *Corriere* conseguiu satisfazê-lo entregando um produto completo e exato. Com efeito, em 1912, sob a direção de Luigi Albertini, o *Corriere della Sera* chegou a ser o primeiro jornal nacional e o mais autorizado, e ampliou a sua oferta com periódicos de vários tipos oferecidos em anexo ao jornal.

Durante a época da Primeira Guerra Mundial o *Corriere* apoiou a *Campagna di Libia*, dirigida à ocupação do território líbio, e promoveu o intervencionismo da Itália na guerra. Em 1922 o regime fascista de Benito Mussolini ganhou o controle do País, e sem demora tentou calar a voz independente do jornal; o regime não conseguiu, e o jornal se pôs em forte contraste com a ditadura fascista. Após o fim do Fascismo, os diretores que seguiram mantiveram o prestígio do jornal e o seu caráter moderado, abrindo-se ao clima político do País.

Na segunda metade de 1900 o *Corriere* atravessou fases incertas, de dificuldades financeiras e perda de autoridade aos olhos do público. Entre os anos

oitenta e noventa retomou a sua centralidade no panorama jornalístico italiano, ocupando novamente o primeiro posto entre os jornais nacionais; melhorou a oferta de periódicos associados ao jornal, que foram dirigidos a precisas faixas de leitores, como por exemplos às mulheres, aos trabalhadores, os economistas, às famílias. Recentemente flanqueou à edição nacional outras versões locais do jornal, que têm cobertura regional ou provincial.

Em 1995 abriu a edição *online* do jornal, que no anos se enriqueceu até chegar à versão atual, extremamente cheia de conteúdos muito diferenciados e atenta à interação com o usuário digital. Agora no site é possível encontrar um grande número de artigos, catalogados em macroassuntos, que por sua vez são articulados em assuntos mais específicos. O jornal dá a possibilidade de pesquisar artigos dentro do site por meio de um motor de busca interno, que funciona com palavras-chave, mas não permite buscar artigos agrupando os resultados por data de publicação. Todos os artigos são frequentemente atualizados, com particular atenção às notícias de atualidade, e isso garante ao leitor notícias sempre novas e, em geral, um serviço fidedigno e de qualidade.

A versão *online* do *Corriere* tem o objetivo de manter vivo o interesse do leitor digital e fazer com que ele fique nas páginas do site durante o mais tempo possível. É por isso que, chegando ao fim de cada artigo, aparecem sugestões sobre artigos semelhantes ou outro material que poderia interessar o leitor, na esperança de que ele prossiga com a leitura¹³.

Todavia, o leitor digital é sempre mais exigente, e para manter vivo o seu interesse não é suficiente acrescentar alguns artigos novos. O material que pode ser encontrado no site deve ser bem diferente daquele da versão impressa do jornal, porque diferentes são a experiência e a atitude do leitor. Por isso o site oferece os *link* às páginas que recolhem os textos escritos pelos autores e especialistas mais autorizados que colaboram com o jornal; liga com as 22 edições locais do jornal; oferece espaço às revistas associadas ao jornal, como por exemplo *Iodonna*, e aos blogues; dá a possibilidade de aprofundar os assuntos de interesse

¹³ A mesma técnica é utilizada também nos outros cinco sites de informação descritos neste capítulo.

em maneira muito dinâmica e interativa, fornecendo sempre novas ideias e novo material.

Coerente com a visão moderna da Internet como um espaço ativo e central, o site do *Corriere della Sera* (e também aqueles dos outros maiores jornais nacionais) oferece numerosos serviços que ultrapassam o âmbito meramente jornalístico e estão dirigidos aos desejos do moderno leitor digital. Por exemplo, o *Corriere* dá a possibilidade de consultar um arquivo histórico do jornal, a partir de 1992 até os nossos dias; outra página é dedicada à consulta livre de nove dicionários, seja monolíngue seja bilíngue, todos autorizados. Esses são somente dois exemplos das muitas oportunidades que os leitores buscam, e o site do jornal pontualmente oferece.

Com respeito à pesquisa objeto deste trabalho, o site do *Corriere* é a fonte de cinco artigos que tratam o desenvolvimento das investigações sobre os casos de corrupção e ilegalidade na organização da Expo 2015 em Milão. Os artigos foram publicados *online* entre maio e julho de 2014, e traçam os nós principais dos acontecimentos. Na tabela (Tab. 1) em seguida, estão listados os artigos em ordem cronológica, com a data de publicação e o título do texto.

	Publicação	Título
1	12/05/2014	Sanità, cantieri e terreni dell'Expo Così è partito l'assedio milionario
2	08/06/2014	Cupola appalti, la Procura ipotizza di chiedere il giudizio immediato
3	22/06/2014	Expo e gli altri cantieri «Gare senza alcun controllo»
4	11/07/2014	Expo, Maltauro sarà commissariata «Ma finirà i lavori»
5	25/07/2014	Il direttore generale Expo indagato per i contratti «suggeriti» da Maroni

(Tab. 1) Recapitulação dos artigos analisados publicados pelo Corriere della Sera.

La Repubblica

La Repubblica é um jornal nacional que foi fundado numa época relativamente recente, e que viu um rápido desenvolvimento até chegar a ser um dos jornais italianos mais confiáveis e influentes.

Foi fundado em Roma no dia 14 de janeiro de 1976 por Eugenio Scalfari, jornalista eminente, histórico diretor do jornal entre 1976 e 1996 e, ainda hoje, colaborador de prestígio do jornal com editoriais de certa consistência política e cultural. Ele quis criar um projeto editorial renovador, caracterizado por uma nova abordagem no nível cultural e dos conteúdos e dirigido sobretudo aos jovens italianos, uma faixa importante da população que os partidos tradicionais de esquerda não conseguiam envolver.

O jornal está política e culturalmente orientado às ideias de uma esquerda liberal e democrática, laica e inovadora, com uma atenção particular aos fatos que têm relevância internacional. Durante a sua história nunca foi ligado a um partido ou corrente política e sempre se declarou independente. O objetivo do seu fundador não foi contar fatos sem opiniões, porque isso seria impossível: os jornalistas, as redações e os jornais mesmos têm as suas opiniões sobre os fatos de atualidade, e é dever deles comunicá-las aos leitores sem esconder-se atrás de falsas promessas de objetividade e imparcialidade. O leitor deve ser consciente de que os textos publicados refletem o ponto de vista de quem os escreve e os publica; é tarefa dele decidir se está de acordo ou não com a opinião do jornal.

A maior edição de *la Repubblica* tem alcance nacional e é preparada pela redação principal situada em Roma. Contudo, o jornal abriu sete redações nas maiores cidades italianas, criando desta maneira uma rede de edições locais do jornal e ganhando o interesse de diferentes faixas de leitores, mais interessadas na crônica provincial e regional.

Ao longo dos anos, ao jornal acrescentaram-se outras revistas, vendidas como suplemento à edição principal, dedicadas a temas específicos, como a economia, ou a grupos específicos de leitores, como as mulheres.

Característica deste jornal recente e inovador é a linguagem. Com efeito, para descrever os fatos de atualidade, sobretudo aqueles ligados à situação política

italiana, os jornalistas de *la Repubblica* criaram um conjunto de termos e expressões originais que se desenvolveram nos anos, modelando-se à sociedade e aos acontecimentos. Nasceu uma nova maneira de fazer jornalismo, metafórica, pessoal e irreverente, tão conhecida pelo público que às vezes até entrou na língua italiana; este estilo particular ajudou a determinar o crescimento e a autoridade do jornal mesmo.

O site oficial do jornal nasceu em 1997, e teve um grande sucesso. Como afirma Zambardino, *la Repubblica* foi o primeiro jornal que publicou no seu site informações inéditas com respeito à versão de papel, e foi também o primeiro que decidiu envolver toda a sua equipe de jornalistas na produção digital. Agora www.repubblica.it é um dos sites de informação mais eminentes e consultados do País; adota a divisão das notícias em macroassuntos, cada um dividido em setores mais específicos. Oferece ao leitor digital uma grande quantidade de material, que ele pode facilmente buscar e selecionar. Ao lado dos artigos tradicionais, adaptados ao meio digital, é possível encontrar aprofundamentos sobre fatos específicos, vídeos e material visual.

Com respeito ao jornal de papel, o êxito de um site de informação é completamente determinado pelas escolhas do leitor; o site deve conquistar o interesse dele para que ele continue consultando as suas páginas. Por isso, o site de *la Repubblica* oferece a possibilidade de entrar no mundo do jornal, fornecendo os *link* às edições locais e às revistas de maior sucesso, como por exemplo *D*, a revista feminina. O leitor encontra facilmente todas as ferramentas necessárias para aprofundar um assunto de seu interesse e continuar no site. Com efeito, é o leitor mesmo que vai criar a sua experiência *online*, de acordo com os seus interesses e preferências.

Cinco dos trinta artigos analisados neste trabalho vêm de www.repubblica.it. Os artigos escolhidos foram buscados dentro do site, na seção dedicada aos inquéritos sobre a Expo 2015 em Milão. Na tabela (Tab. 2) em seguida será possível encontrar os títulos dos cinco artigos, com a relativa data da publicação *online*.

	Publicação	Título
1	17/05/2014	Tangenti Expo, le trame da Finmeccanica alla rete dei politici
2	20/05/2014	Scandalo appalti Expo, l'altolà degli industriali: "Con troppi controlli si rischia lo stallo"
3	04/06/2014	Tangenti Expo, Paris è un fiume in piena davanti ai pm: "Ecco come abbiamo pilotato le gare"
4	16/10/2014	Inchiesta Expo, "così Acerbo manovrava affari e favori per le imprese a caccia di appalti"
5	18/03/2015	Expo, Palazzo Italia e l'appalto sospetto. Cantone: "Padiglione sorvegliato speciale"

(Tab. 2) Recapitulação dos artigos analisados publicados por la Repubblica.

La Stampa

La Stampa viu o seu nascimento em 1867 na cidade de Turim, no Piemonte. Inicialmente o seu nome era *Gazzetta Piemontese*, e teve difusão local; somente em 1895 adquiriu o título atual.

O jornal foi caracterizado por uma orientação liberal, que o levou a apoiar a campanha de ocupação dos territórios líbios (a chamada *Campagna di Libia*, aplaudida também pelo *Corriere*) e a intervenção da Itália durante a Primeira Guerra Mundial. Durante os anos do Fascismo, o jornal mudou de dono e isso determinou o apoio e a submissão às iniciativas do regime de Mussolini. Depois da liberação do País da ditadura, o jornal assumiu uma posição moderada, inserindo-se entre os jornais mais perto de um público de esquerda, mas ao mesmo tempo ficou desligado dos partidos e correntes políticas.

O jornalismo de *La Stampa* foi um jornalismo dos fatos, fiel à realidade e não às ideologias. A partir dos anos setenta seu estilo concreto e transparente conquistou os leitores de todo o País: o jornal chegou a ser nacional. Naquele momento houve a necessidade de comunicar aos leitores que o jornal deixava de ser apenas provincial, e começava a ter um alcance mais amplo; para marcar esta passagem fundamental, o jornal decidiu dedicar muito espaço aos acontecimentos internacionais e às notícias econômicas, mas sem descuidar os fatos de atualidade.

Además, desde os primeiros anos da sua história o jornal foi acompanhado por suplementos e revistas, que atraíram – e continuam a atrair – o interesse de faixas específicas de leitores.

Como outros jornais nacionais, também *La Stampa* manteve parte da sua natureza local, continuando com a publicação de edições provinciais ligadas somente a três regiões do norte da Itália: Piemonte, a região de origem do jornal, e as limítrofes Vale de Aosta e Ligúria.

Em 1999 *La Stampa* chegou na Internet com o seu site web. Após mais de quinze anos online e contínuas atualizações ao formato, o site apresenta-se mais essencial com respeito àqueles de outros importantes jornais nacionais, como *la Repubblica* e o *Corriere della Sera*. É prática comum dividir as notícias em macroassuntos, cada um segmentado por sua vez; desta maneira o leitor digital encontra com facilidade os assuntos de seu interesse. Nas páginas de *www.lastampa.it* não se encontram muitos serviços adicionais; o mais notável é o Arquivo Histórico do jornal, à completa disposição dos leitores, que recolhe todos os artigos publicados a partir de 1867.

No *corpus* deste trabalho há cinco artigos publicados online pelo site do jornal, listados na tabela (Tab. 3).

	Publicação	Título
1	08/05/2014	Appalti e tangenti, terremoto Expo Arrestati Greganti, Frigerio e Paris
2	14/05/2014	Expo, Maltauro conferma le accuse: “Esisteva una cupola per gli appalti”
3	15/06/2014	Sull’Expo non tornano i conti: spariti nel nulla molti dei soldi delle tangenti
4	17/09/2014	Expo, altro manager indagato per corruzione
5	19/09/2014	Expo, dimissioni a metà del manager inquisito Linea morbida di Sala

(Tab. 3) Recapitulação dos artigos analisados publicados por La Stampa.

3.1.2. As fontes brasileiras

Estadão

O Estadão, cujo nome extenso é *O Estado de São Paulo*, é um dos jornais mais antigos da cidade de São Paulo. Nasceu durante a época do Império, em 1875, com o título de *A Província de S. Paulo*, e somente em 1890 adquiriu a sua designação atual.

Este jornal nasceu em resposta a uma época de grande desenvolvimento para a cidade de São Paulo, seja do ponto de vista da vida política (foi naqueles anos que o Brasil viveu a passagem do Império à República), mas sobretudo sob o ponto de vista das infra-estruturas e das comunicações. Com efeito, meios de comunicação eficazes permitiram uma maior difusão do jornal.

Durante a mudança da forma de governo do País, *O Estadão* apoiou as ideias republicanas e abolicionistas; por isso ganhou a aprovação do público, chegando a influenciar a vida política do País. O jornal cresceu junto com a cidade e sempre atuou um papel ativo politicamente: nunca hesitou em tomar posição com respeito aos fatos da atualidade.

Em 1926, o jornal apoiou a fundação do Partido Democrático, e quatro anos depois, em 1930, apoiou também a candidatura de Getúlio Vargas, até darse conta do seu forte autoritarismo. Naquele momento o jornal e o Partido Democrático guiaram uma corrente de revolucionários que pediam eleições livres e uma Constituição, mas infelizmente o projeto não teve um bom êxito e o regime tomou o controle da redação do jornal entre 1940 e 1945. Contudo, o jornal manteve as suas ideias de base: apoio à democracia e à economia livre.

A censura reapareceu nos anos sessenta na redação de *O Estado*, cuja publicação foi bloqueada por ser contra o regime militar. Durante a mesma época o Grupo Estado se diversificou, acrescentando a *O Estado* outras publicações e atividades: nasceram o *Jornal da Tarde*, que focava a sua atenção nos problemas urbanos da cidade, a *Agência Estado* e o *Estúdio Eldorado*.

A partir de 2000 foi criado um único site (www.estadao.com.br) que reúne as velhas páginas *online* de três títulos - *Agência Estado*, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal*

da Tarde. O *Estadão* define-se o jornal “que desfruta da maior credibilidade dentre todas as empresas jornalísticas brasileiras” (Vidigal Pontes por Grupo Estado), e cuja qualidade e caráter exaustivo são reconhecidos também por associações internacionais do setor jornalístico.

Agora o portal do *Estadão* apresenta-se como um site rico de informações, materiais e serviços. Os artigos, divididos em macroassuntos, se acompanham com numerosos aprofundamentos sobre os fatos mais seguidos. Umhas páginas são dedicadas aos artigos escritos por personalidades de relevo que colaboram com o jornal, e outra parte do site recolhe os serviços oferecidos ao leitor, como por exemplo o *link* para o rádio do jornal.

Na tabela em seguida (Tab. 4) é possível encontrar os cinco artigos selecionados para fazer parte do *corpus* deste trabalho; foram publicados *online* no site do jornal entre março e novembro de 2014.

	Publicação	Título
1	17/03/2014	Operação prende condenado do Mensalão e doleiro do Banestado
2	11/04/2014	Etapa da Operação Lava Jato mira negócio de R\$ 443 milhões na Petrobrás
3	01/07/2014	“Laranja” de Youssef é preso em São Paulo
4	22/08/2014	PF faz buscas da Operação Lava Jato no Rio
5	14/11/2014	PF prende presidentes de empreiteiras e ex-diretor da Petrobrás ligado ao PT

(Tab. 4) Recapitulação dos artigos analisados publicados pelo Estadão.

Globo 1

Globo 1 (ou simplesmente *G1*) é um portal de notícias ativo a partir de 2006, propriedade da emissora brasileira Globo, que por sua vez faz parte do Grupo Globo, um conjunto de empresas que opera no mundo das comunicações.

Tudo começou com a fundação do jornal *O Globo* em 1925: a partir daquele momento o grupo não parou o seu desenvolvimento, desempenhando ainda hoje um papel de liderança no setor dos jornais e das revistas. A competência do Grupo Globo não se limitou ao papel impresso, mas tentou (com êxito) alcançar outros setores da comunicação. Com efeito em 1965 foi fundada a TV Globo, que chegou a ser a maior emissora do País e um sujeito influente também no nível internacional; nos anos enriqueceu a sua oferta, incluindo a coprodução de filmes brasileiros e um rico portfólio de canais de TV por assinatura. Además, o Grupo Globo ocupa-se também de rádio, música e telecomunicações, contando com mais de 80 empresas.

A presença do grupo na Internet começou em 2000 com o site *www.globo.com*, que foca a sua atenção em quatro setores, ou seja as notícias, os esportes, o entretenimento e os vídeos. O site funciona como um recipiente, porque contém as páginas *online* do Grupo Globo e das empresas que fazem parte dele. Entre estas páginas há também o espaço do G1.

O *Globo 1* publica conteúdos jornalísticos que provêm de empresas do Grupo Globo, mas também material inédito; o site é constantemente atualizado para poder oferecer ao leitor digital informações sempre novas e de diferentes tipos – textos, imagens, vídeos. O G1 tem alcance internacional, e por isso as suas páginas *online* podem ser lidas em português, espanhol ou inglês.

Na primeira página do site é possível encontrar as notícias de atualidade de maior interesse, juntas com aprofundamentos dos assuntos principais e material vídeo. Os assuntos são os mais diferentes: crônica local, acontecimentos políticos, fatos internacionais, cultura e sociedade. Há um espaço dedicado aos blogues e aos editoriais assinados por colaboradores importantes, e o site oferece também a possibilidade de ligar-se às páginas dos outros sujeitos que formam o Grupo Globo.

O *Globo 1* foi escolhido como fonte para parte dos artigos analisados neste trabalho, principalmente por fazer parte do colosso brasileiro das informações. Com os seus artigos e o seu material consegue envolver um público muito amplo e, por conseguinte, é capaz de influenciar a opinião pública, mas também os atores da vida política do País. Das páginas do G1 provêm cinco artigos de atualidade sobre a Operação Lava Jato; os títulos deles e as datas de publicação podem ser encontrados na tabela (Tab. 5) em seguida.

	Publicação	Título
1	14/04/2014	Operação Lava Jato
2	11/06/2014	Paulo Roberto Costa volta a ser preso pela Polícia Federal
3	03/03/2015	Relembre o que aconteceu em cada uma das fases da Operação Lava Jato
4	10/04/2015	PF cumpre la 11ª fase da Operação Lava Jato em seis estado e no DF
5	15/04/2015	PF deflagra a 12ª fase de Lava Jato e cumpre quatro mandados judiciais

(Tab. 5) Recapitulação dos artigos analisados publicados por Globo 1.

Jornal do Brasil

O *Jornal do Brasil* (abreviado JB) foi lançado no Rio de Janeiro em 1891, e sempre teve uma estreita ligação com esta cidade. Com efeito, durante o primeiro período da longa história do JB Rio de Janeiro foi a capital do Brasil, e o jornal obteve público e autoridade graças também ao papel central desempenhado naquelas décadas pela cidade.

O JB acompanhou o desenvolvimento do Rio de Janeiro, promovendo iniciativas em favor do melhoramento e da urbanização da cidade. Defendeu o Rio de Janeiro como capital do Brasil, especialmente quando houve o projeto de transferir a capital para o Planalto Central, para proteger o seu prestígio e a sua importância. Ademas, pôs atenção às faixas de população desfavorecida, cujo exemplo melhor foi o problema do rápido crescimento das favelas.

O jornal mesmo define o seu estilo jornalístico como um modelo novo, “mais vibrante, mais noticioso, mais reflexivo e, sobretudo, mais voltado para o cidadão” (Mano para o Jornal do Brasil). A sua prioridade sempre foi pôr o leitor no centro e construir o jornal em volta dele.

Em 2010 o JB viveu uma grande mudança: deixou de ser um jornal impresso e transformou-se num jornal completamente digital; deste acontecimento originou-se o seu slogan: “O Primeiro Jornal 100% digital do País!”. A importante decisão de deslocar a inteira publicação na Internet foi devida às dificuldades do jornal, seja

de tipo financeiro, mas também ligadas à perda de prestígio e de leitores. O JB cortou drasticamente os custos, eliminando os gastos da impressão, reduzindo os jornalistas da sua redação e incluindo no site algumas seções restritas a assinantes.

O site do Jornal do Brasil apresenta-se muito completo. Uma lista de assuntos gerais divide os artigos em relação ao conteúdo deles: fatos de atualidade nacionais e locais, economia, esportes, ciência, cultura. O Rio de Janeiro sempre desempenha um papel central: às notícias ligadas à cidade foi dedicada uma parte do site. É possível buscar material na forma de vídeos e imagens, consultar blogues associados ao jornal e ler os artigos escritos pelos colunistas que trabalham para o JB. Com respeito aos sites dos outros jornais tomados em consideração neste trabalho, o JB não oferece outros serviços ao leitor, que não sejam aqueles meramente jornalísticos.

Não obstante as recentes dificuldades, o Jornal do Brasil permanece um ponto de referência do jornalismo brasileiro, e é por esta motivação que fica entre as fontes dos artigos incluídos no *corpus* deste trabalho. Na tabela (Tab. 6) é possível encontrar os títulos dos cinco artigos selecionados e as datas de publicação.

	Publicação	Título
1	17/03/2014	Operação Lava Jato prende condenado na ação penal do mensalão
2	10/04/2014	Operação Lava-Jato: STF rejeita HC de ex-diretor da Petrobras preso no PR
3	25/05/2014	Lava-Jato: ministro Teori revê decisão, e mantém prisões dos doleiros
4	16/03/2015	Polícia Federal deflagra 10 ^a fase da Lava Jato e volta a prender Renato Duque
5	11/04/2015	Nova fase da Lava Jato investiga fraudes em contratos da Saúde e da Caixa

(Tab. 6) Recapitulação dos artigos analisados publicados pelo Jornal do Brasil.

3.2. O elemento comum: a corrupção

O objetivo deste trabalho é fazer uma comparação entre textos escritos em duas línguas por falantes nativos e competentes. Por isso foram selecionados textos de tipo jornalístico: os escritores não somente utilizam a própria língua materna, mas são também profissionais da língua que falam, ou seja conhecem as suas características e os seus mecanismos. Además, a consulta de fontes jornalísticas eminentes implica obter textos cuja escrita é de ótima qualidade, assim como os conteúdos.

O conteúdo dos textos precisa ser fidedigno, mas também homogêneo. Por esta razão foi escolhido um assunto comum aos artigos italianos e outro comum aos brasileiros, respondendo à necessidade que os dois assuntos fossem semelhantes. A escolha recaiu no amplo e discutido tema da corrupção. Com efeito, através dos meios de comunicação é fácil entender a difusão e frequência com as quais acontecem casos de corrupção em todo o mundo, envolvendo geralmente seja o setor público, seja o privado.

Quando a corrupção envolve o setor público, significa que alguns indivíduos conseguem desviar ilegalmente grandes quantidades de recursos públicos em vantagem de empresas ou pessoas que não teriam direito a receber este tratamento de favor. É dever de cada nação criar as ferramentas jurídicas mais apropriadas para combater o fenômeno daninho da corrupção que, se não enfrentado, torna-se um peso para todo o sistema nacional.

Primeiro, a corrupção é um peso para as instituições, que perdem a sua autoridade e também o respeito dos cidadãos, porque permitiram que acontecessem casos de corrupção dentro delas. Se as instituições públicas não conseguem identificar, bloquear e afastar os responsáveis, e nem conseguem encontrar os meios jurídicos para parar o fenômeno (por exemplo, garantir processos justos, leis corretas e penas adequadas), elas perderão o seu prestígio.

Segundo, a corrupção é um peso também para a sociedade civil. Os cidadãos dão parte do dinheiro ganho com o próprio trabalho ao Estado, e em troca querem receber serviços de utilidade pública. Com a corrupção, parte do dinheiro público é desviado de maneira ilegal, roubando recursos aos projetos que servem à

sociedade. Isso leva a uma perda de confiança por parte dos cidadãos com respeito à estrutura administrativa e aos seus representantes.

Em último lugar, a corrupção é um peso para os representantes dos cidadãos que, traindo a confiança que as pessoas depositaram neles com o próprio voto, perdem o apoio dos seus eleitores.

No panorama internacional há muitas organizações que se ocupam de anticorrupção. O setor da Organização das Nações Unidas que se ocupa de drogas e crime (*UNODC – United Nations Office on Drugs and Crime*) dedica parte dos seus esforços na luta anticorrupção; foi criada uma convenção das Nações Unidas contra a corrupção¹⁴, e existe também uma autoridade específica para parar este fenômeno, a *International Association of Anti-Corruption Authorities (IAACA)*.

Outro exemplo é *Transparency International*, uma organização independente fundada em 1993, ativa em mais de cem países com o objetivo de parar (ou pelo menos diminuir) a corrupção na política e nas empresas por meio de convenções internacionais, processos aos políticos corruptos e outras iniciativas.

Na realidade italiana, a corrupção é infelizmente assunto muito comum; frequentemente aparece nas notícias e envolve muitos representantes políticos. O problema não é limitado à Itália, mas envolve também as outras realidades nacionais europeias; nestes casos a União Europeia intervém, se necessário, nas políticas nacionais. Com efeito, dentro do Diretório Geral para a Migração e os Negócios Internos (o chamado *DG for Migration and Home Affairs*) há uma seção que se ocupa de atividades anticorrupção: monitora a presença de corrupção na Europa, elabora tratados relativos à luta contra este fenômeno e fornece diretivas aos estados membros.

Com respeito ao Brasil, a sua recente história foi marcada pela corrupção. A partir dos anos noventa uma intensa colaboração internacional deu os seu frutos: muitas foram as convenções estipuladas para formar uma frente comum contra a corrupção. Mais recentemente, em janeiro de 2014, entrou em vigor no Brasil a Lei

¹⁴ A convenção, cujo título é *United Nations Convention against Corruption* entrou em exercício em 2005. É possível consultar o texto da convenção, traduzido em seis línguas, no link <http://www.unodc.org/unodc/en/treaties/CAC/>.

12.846/13, chamada de Lei Anticorrupção, que define padrões mais estritos para parar este fenômeno.

Provavelmente a solução mais eficaz que os Países possam tomar para diminuir os casos de corrupção é trabalhar juntos, em nível internacional. Estabelecer padrões comuns e atuá-los de acordo com os outros estados pode dar mais força e ressaltar a luta contra a corrupção.

Como se sabe, não obstante as medidas tomadas pelos governos, os casos de funcionários corruptos aparecem frequentemente nas notícias. Nos parágrafos seguintes serão descritos brevemente os dois acontecimentos objeto dos artigos analisados neste trabalho.

3.2.1. Atualidade da Itália: o escândalo Expo 2015 em Milão

A história das Exposições Universais começou em 1851 com a primeira Expo em Londres, e continua ainda hoje com a realização de uma Exposição cada cinco anos. Cada Expo desenvolve um tema diferente e é sediada por um País diferente. Para administrar este sistema foi criado um organismo internacional específico, o *Bureau International des Expositions* (BIE), que se ocupa da organização de cada Exposição ao lado do País que é escolhido para a sediá-la. Os projetos urbanísticos que os Países são chamados a realizar tornaram a Exposição ao longo dos anos cada vez mais cara, e por isso frequentemente criticada. Com efeito, é pedido um grande investimento que nem sempre traz um retorno econômico suficiente com respeito aos recursos empregados.

Em 2008, a cidade de Milão apresentou um projeto muito interessante e ambicioso para realizar a Expo 2015, cujo assunto foi a alimentação, e venceu a competição com outras cidades, obtendo o direito de sediar o evento. Para realizar um projeto tão importante foi necessária uma grande quantidade de dinheiro e recursos públicos; infelizmente as grandes obras não atraem somente investidores honestos, mas também personagens que têm o único objetivo de obter vantagens pessoais com recursos públicos. Foi exatamente isso que aconteceu durante a

organização da Expo 2015 em Milão, quando se verificou o maior caso de corrupção que envolveu a Itália entre 2014 e 2015.

Os inquéritos focaram a atenção nas empreitadas para a construção da Expo 2015; neste contexto foram encontrados casos de corrupção que envolveram funcionários públicos, velhos políticos e grandes empresas de construções. As operações que indagam sobre a Expo 2015 fazem parte do inquérito maior que averigua numerosos casos de ilegalidade difundida nas grandes obras feitas pela região Lombardia. Com efeito, os ministérios públicos que se ocupam desta investigação afirmaram que “non è un’indagine sull’Expo, ma è anche un’indagine sull’Expo” (La Stampa, 08/05/2014), para dar a entender a sua extensão.

Foi descoberta a existência de uma *cupola*, ou seja um grupo reduzido de pessoas que controlavam diferentes negócios e grandes obras na região Lombardia. Estas pessoas estavam interessadas nas empreitadas milionárias para as obras da Expo 2015: a chamada *piastra*, ou seja, os alicerces de toda a área da Exposição; as arquiteturas dos serviços; os dez pavilhões estrangeiros; os estacionamento da manifestação; o projeto *Via delle Acque*, que compreende a realização de um canal que conecte a Expo com o Naviglio Grande; o Pavilhão Itália, que representa o País durante os seis meses de duração do evento. Además, os interesses ilegais deste grupo de pessoas chegaram à realização do projeto *Città della Salute*, cujo valor da empreitada foi de 323 milhões de euros, e ao controle da empresa estatal Sogin, que se ocupa da demolição de instalações nucleares e escoamento de lixos radioativos. Os crimes realizados foram de associação criminosa, alteração de leilões e corrupção.

Os componentes da *cupola degli appalti* foram todos presos em maio 2014. Os dois homens na base desta organização foram Gianstefano Frigerio e Primo Greganti, que ofereceram proteção e benefícios a empresas ligadas a todos os partidos políticos. Gianstefano Frigerio é um ex-funcionário do partido de direita *Democrazia Cristiana* (DC), e já tinha sido preso e condenado no inquérito *Tangentopoli* durante os anos noventa. Primo Greganti é um ex-funcionário de esquerda do *Partito Comunista Italiano* (PCI); ele também já tinha sido preso no inquérito *Mani Pulite*, sempre nos anos noventa. Dentro do sistema Expo, ele se

ocupava da proteção das cooperativas de esquerda, e conseguiu inserir uma delas na construção da *piastra*.

Abaixo de Frigerio e Greganti havia uma rede de pessoas que executavam as suas diretivas. Sergio Cattozzo fez parte do partido de esquerda Unione di Centro (UDC) e neste último inquérito foi identificado como o presumível correio das comissões ilegais. Luigi Grillo é um político de direita, foi parlamentar com *Forza Italia* e depois foi senador com o *Popolo della Libertà* (PdL), os dois partidos de Silvio Berlusconi; é considerado um dos membros mais importantes e influentes do grupo. Angelo Paris trabalhou como manager de Expo 2015, atuando como diretor do planejamento das compras; o seu papel de primeira importância permitiu-lhe manobrar as empreitadas para a realização da manifestação. Por último Enrico Maltauro, empreendedor da grande empresa de construções Maltauro Spa, pagou comissões ilegais à *cupola* para vencer numerosas empreitadas de Expo e Sogin. Como todos os outros personagens, ele também foi preso, mas os contratos da sua empresa com Expo 2015 foram mantidos, primeiro porque não foram encontradas provas suficientes para anulá-los, e segundo para poder garantir o prosseguimento dos trabalhos, já com atraso de meses.

A *cupola* foi definida como “un’organizzazione efficiente, quasi militarmente, organizzata nella scrupolosa suddivisione dei ruoli e delle mansioni affidate a ciascun sodale” (la Repubblica, 17/05/2014). Conseguiram aproveitar das relações com funcionários públicos, prometendo avanços na carreira para executivos e públicos oficiais por meio de proteções políticas; os mediadores recebiam dinheiro e os políticos recebiam agrados de outro tipo.

Outra figura relevante é a de Antonio Acerbo, engenheiro, que desempenhou o papel de comissário delegado às obras infraestruturais Expo 2015, e responsável único do Pavilhão Itália e da empreitada do projeto *Via delle Acque*. Ele foi acusado de alteração de leilões e corrupção na empreitada do projeto *Via delle Acque*; com efeito, Maltauro entregou-lhe em 2012 dinheiro e fez-lhe agrados para que controlasse a empreitada em favor da sua empresa, e os seus esforços tiveram sucesso: a Maltauro Spa obteve a realização da obra. Acerbo demitiu-se do cargo de comissário delegado em setembro 2014, mas manteve o cargo de responsável do

Pavilhão Itália; em outubro de 2014, foi preso pelos acontecimentos ilegais dentro do projeto *Via delle Acque*.

A *cupola* direcionava as empreitadas de projetos milionários em favor de empresas amigas, que os pagavam por este “seviço”. Em troca, eles ofereciam atribuições das empreitadas, promoções na carreira, assistência e proteção por parte de políticos influentes para obter cargos de prestígio em empresas públicas.

Além disso, foi descoberto que organizações criminosas da ‘ndrangheta (a máfia originária da região da Calábria) conseguiram entrar nos trabalhos da Expo 2015, com empresas ligadas a famílias mafiosas.

A situação de ilegalidade da Expo 2015 representou uma derrota para a imagem da Itália no nível internacional. Em 2014 Raffaele Cantone, magistrado e presidente da Autoridade Nacional Anticorrupção, foi chamado a desempenhar um papel de “alta vigilância” sobre Expo, para garantir os melhores controles e medidas e, ao mesmo tempo, permitir o prosseguimento das obras.

3.2.2. Atualidade do Brasil: o escândalo Petrobras

A Operação Lava Jato foi deflagrada no dia 17 de março de 2014, quando a Polícia Federal descobriu uma série de organizações criminosas que se ocupavam de lavagem de dinheiro em numerosos estados brasileiros. O nome da operação foi devido à utilização, por parte de um desses grupos, de uma rede de lavanderias e postos de combustíveis para mover o dinheiro obtido ilegalmente (Portal Brasil, 17/03/2014). A partir desses acontecimentos, as investigações da PF continuaram até a descoberta e o desmantelamento de um complexo sistema de corrupção dentro da Petrobras, a influente empresa estatal que opera no setor da energia. O Ministério Público Federal estimou que os indivíduos envolvidos nos crimes chegaram a movimentar mais de 10 bilhões de reais, e desviaram ao menos 2,1 bilhões de reais da Petrobras.

A pessoa que a PF identificou como o chefe do esquema de lavagem de dinheiro foi Alberto Youssef, doleiro de profissão; ele ocupava-se de operações ilegais de câmbio de dinheiro, de dólares americanos a reais. Ao seu lado emergiu o nome de

Paulo Roberto Costa, ex-diretor de Refino e Abastecimento da Petrobras, uma das personalidades mais influentes da empresa, que foi investigado também com respeito à aquisição superfaturada da refinaria de Pasadena, no Texas (EUA). A suspeita da existência de uma ligação entre Costa e Youssef foi confirmada, e por isso os dois foram presos. Durante o inquérito, o número de pessoas presas continuou crescendo: entre eles, personalidades de relevo da Petrobras, executivos das empreiteiras envolvidas no esquema de corrupção e subordinados de Youssef.

Youssef, ajudado por outras figuras de relevo, criou um complexo e eficaz esquema de pagamento de propina dentro da Petrobras, com o objetivo de concluir contratos consistentes entre a empresa estatal e os fornecedores dela. As propinas chegavam aos fornecedores mesmos, e suspeita-se que este dinheiro era direcionado a diversos partidos políticos, como PT (Partido dos Trabalhadores), PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e PP (Partido Progressista), e foi utilizado durante a campanha eleitoral de 2010. Os partidos negaram esta versão dos fatos (Globo 1, 03/03/2015).

O esquema de corrupção desenvolvido por Youssef na Petrobras foi descrito como um sistema muito organizado: as grandes empreiteiras fraudavam as licitações, decidindo antes qual delas venceria determinada concorrência, e recebiam propina por parte dos dirigentes da Petrobras. As propinas não eram entregues somente aos executivos das empresas, mas também a políticos, como ilustrado no esquema (Imagem 1).



(Imagem 1)¹⁵

¹⁵ Imagem 1, fonte: <http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2015/03/relembre-o-que-aconteceu-em-cada-uma-das-fases-da-operacao-lava-jato.html>.

Os crimes identificados durante as investigações foram: tráfico internacional de drogas, corrupção de agentes públicos, sonegação fiscal, evasão de divisas, extração e contrabando de pedras preciosas, e desvios de recursos públicos.

A realidade brasileira foi frequentemente marcada por casos de corrupção que atacavam a integridade do aparelho do estado, e também dos seus representantes. Muitas vezes aconteceu que a resposta das instituições não foi bastante forte ou eficaz. Durante as investigações da Operação Lava Jato, as instituições deram um sinal sólido de mudança, respeito da legalidade e forte luta à corrupção, e a mídia deu muito espaço ao desenvolvimento da operação. Com efeito, frequentemente nos artigos que relatam as fases do inquérito são entregues informações detalhadas sobre o estado das investigações. O leitor pode dar-se conta dos recursos utilizados, dos resultados das operações, da eficácia das iniciativas tomadas para desmantelar um sistema de ilegalidade que podia estragar (e parcialmente conseguiu estragar) a imagem e a economia do País.

Segundo o popular site de informação Terra, a Operação Lava Jato poderia ser “o maior escândalo de corrupção já descoberto no Brasil” (Terra, 04/03/2015), pela quantidade de pessoas e recursos públicos empregados ilegalmente, e pela conseqüente indignação do País inteiro em frente a uma situação tão grave. Contudo, sobretudo no nível internacional, a operação poderia trazer mais efeitos positivos do os esperados, sendo vista como “um passo importante na luta contra a corrupção” (Terra, 04/03/2015), e também parte de um longo processo voltado à luta contra a impunidade das pessoas mais poderosas.

4. Resultados da análise comparativa

Em 1983 os estudiosos Jamie G. Carbonell e Steven Minton trabalharam sobre as ligações possíveis entre a metáfora e o raciocínio comum. Eles afirmaram (1983, p. 6) que as metáforas

are more than clever ways of re-stating the obvious. They are extraordinarily concise devices by which a writer can convey new information, simply by signaling his audience that information in the source domain is applicable to the target domain.

A sua capacidade de transmitir muitas informações através de um número de palavras drasticamente reduzido torna a metáfora numa ferramenta ideal para a linguagem jornalística, que geralmente se caracteriza por uma utilização atenta dos espaços da escritura.

Os resultados desta análise demonstrarão que a linguagem metafórica é objeto cotidiano da língua, e que a sua função não se limita a melhorar a expressividade dos textos mas chega a modificar o sentido das frases de acordo com o objetivo que o escritor quer alcançar. Na primeira parte deste capítulo serão descritos o método de análise dos textos e o tipo de classificação adotada para ordenar o material, e a segunda parte será dedicada à análise da linguagem metafórica encontrada nos textos, com a ajuda de numerosos exemplos.

4.1. Desenvolvimento da análise

4.1.1. Método de análise

Depois da fase de busca e seleção dos textos que formaram o *corpus*, foi desenvolvida a fase central do trabalho, ou seja, a análise dos artigos cujo objetivo foi encontrar exemplos de linguagem metafórica e comparar a presença e o uso dela nas duas realidades linguísticas de origem – a italiana e a brasileira.

Durante a análise dos textos foram utilizadas ferramentas idôneas e específicas que representaram uma grande ajuda na identificação dos elementos metafóricos, e foram também uma importante garantia da exatidão do trabalho. Parte destas ferramentas encontra-se na Internet, e são três dicionários *online*:

- *Priberam* (<http://www.priberam.pt/>)

Priberam é um dicionário completo e atualizado da língua portuguesa, que oferece a possibilidade de personalizar a configuração da busca. Com efeito, é possível selecionar a norma europeia ou a brasileira, decidir se usar ou não as convenções derivadas do Acordo Ortográfico de 1990, e se destacar as grafias alteradas com respeito às duas normas. Cada verbete é completo de exemplos reais encontrados na rede.

- *iDicionário Aulete* (<http://www.aulete.com.br/>)

O *iDicionário Aulete* é um dicionário *online* da língua portuguesa, dedicado exclusivamente à norma de uso no Brasil. Completo e exaustivo, acompanha cada verbete com diversas definições e numerosos exemplos, para cobrir todas as facetas de significado.

- *Il Sabatini Coletti* (http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/)

O *Sabatini Coletti* é um dos dicionários da língua italiana mais conhecidos e confiáveis. A versão tradicional do volume é impressa, mas é possível consultar o mesmo dicionário também na sua versão digital, oferecida dentro do site do jornal *Il Corriere della Sera*. As definições de cada verbete são detalhadas e completas, e fornecem muitas informações sobre o significado, a origem e os diferentes usos de cada termo.

Junto com os três dicionários monolíngues, foi consultado também o dicionário bilíngue de italiano-português e português-italiano elaborado por Giuseppe Mea, na sua terceira edição publicada pela Porto Editora em 2009.

A análise foi desenvolvida à luz das teorias da metáfora descritas no primeiro capítulo, e considerando os traços fundamentais da escrita jornalística. Particular atenção foi dada ao objetivo comunicativo dos textos e à maneira na qual a linguagem metafórica ajudou o jornalista a alcançar o seu fim.

4.1.2. Categorização utilizada

Exemplos de linguagem metafórica foram encontrados em cada um dos trinta artigos examinados. Mas o material recolhido, não obstante fosse acomunado pela metaforicidade, tinha características heterogêneas, e por isso foi necessário subdividir os termos metafóricos em categorias que fossem contidas e ao mesmo tempo homogêneas. As categorias escolhidas foram quatro: as metáforas incomuns, as expressões idiomáticas, a linguagem figurada e a personificação. Cada uma delas tem características próprias e uma frequência de ocorrência diferente dentro dos textos.

Dentro da categoria das *metáforas incomuns* podem-se encontrar metáforas que foram criadas para aquele específico texto, e que provavelmente não serão utilizadas novamente. Foram incluídas na mesma seção também aquelas metáforas que o leitor reconhece como já ouvidas, mas cuja associação de significados ainda não foi completamente assimilada na língua. O significado metafórico destes termos permanece num nível secundário com respeito ao significado principal, e o leitor consegue entender claramente o caráter metafórico e excepcional deles. Por outro lado, sendo um uso incomum das palavras, a compreensão do significado metafórico pode não ser sempre imediata. Como aconselhavam Carbonell e Minton (1983, p. 8), para compreender metáforas novas é necessário focar a atenção sob os traços salientes do termo de origem, e selecionar os mais apropriados ao contexto.

As chamadas *expressões idiomáticas* são conjuntos fixos de palavras que veiculam um significado mais rico do que a simples soma dos significados das unidades. Esses termos sempre se encontram na mesma combinação e o leitor já sabe qual é o seu significado, sem ter que analisar as várias partes individualmente.

A categoria da *linguagem figurada* recolhe os casos nos quais a deslocação de significado do domínio de origem até o novo domínio de chegada resulta menos marcada. Isso acontece porque, no tempo, o uso difundido e frequente de uma mudança de significado fez com que a mesma mudança se congelasse, dando origem às chamadas *frozen metaphors* (Carbonell e Minton, 1983, p. 8): o

significado destas metáforas entrou no uso cotidiano da língua, e frequentemente o significado metafórico é considerado no mesmo nível do significado original da palavra (ou até mais comum). Por esta razão é difícil que um falante nativo reconheça a metaforicidade destas expressões.

A última categoria compreende os numerosos exemplos encontrados de *personificação*. Segundo Lakoff e Johnson (1989, pp. 33-34) a personificação é utilizada quando um objeto físico é representado com traços parecidos àqueles de uma pessoa. Desta maneira é possível entender um grande número de experiências produzidas por entidades não humanas através do olhar, da experiência e das características do homem. Em outras palavras, “we are seeing something nonhuman as human” (1989, p. 33).

Para cada categoria serão reportados exemplos que provêm das duas partes do *corpus*, a italiana e a brasileira, e serão comparados em relação à ocorrência nos textos, ao uso e ao significado da linguagem metafórica, e ao objetivo linguístico.

4.2. Resultados

Nesta seção do trabalho serão descritos os resultados da análise através dos exemplos encontrados no *corpus*¹⁶. Será possível dar-se conta da veracidade da afirmação feita por Cacciari (1991, p. 14), que escreveu que “(u)na metafora sarà allora tanto più potente quanto più creerà somiglianze prima non percepite invece di registrarne semplicemente delle preesistenti.” Com efeito, alguns exemplos de linguagem metafórica trazem novidade ao significado, e outros mantêm uma forma e um significado fixos. Por razão desta diferença nascem diversas formas de metáforas que se adaptam a diferentes contextos e objetivos comunicativos.

Em seguida será dado espaço a cada uma das categorias nas quais o material metafórico foi dividido, ou seja, metáforas incomuns, expressões idiomáticas,

¹⁶ Para esclarecer a referência aos artigos analisados, podem-se consultar as tabelas recapitulativas nos parágrafos 3.1.1. e 3.1.2..

linguagem figurada e personificação. A análise terminará com a descrição de outros interessantes casos de metáforas não incluídos nas categorias precedentes.

4.2.1. Metáforas incomuns

Com respeito às metáforas incomuns, a diferença entre os artigos italianos e os brasileiros é consistente. Nos textos brasileiros não foi encontrado nenhum exemplo de metáfora não comum ou criada especificamente para um texto; ao contrário nos artigos italianos os exemplos são numerosos e diferenciados, e foram encontrados em cada um dos quinze textos.

Esta importante diferença pode indicar duas abordagens na comunicação das notícias. Por um lado, os sites brasileiros preferem comunicar uma notícia de maneira essencial e concisa, através de um estilo jornalístico claro, exato e pouco pessoal, e por outro lado os jornais italianos querem associar informações exatas e atuais com um estilo pessoal e interessante, que possa envolver o leitor.

Com respeito às metáforas incomuns encontradas, foi necessário classificá-las em categorias gerais baseadas no significado original dos termos metafóricos. Sendo o material muito heterogêneo, foi possível incluir na classificação boa parte dos exemplos, mas não a totalidade deles.

As categorias que incluem os exemplos mais interessantes são aquelas que fazem referência ao léxico da natureza e do corpo humano, porque são assuntos muitos gerais e compartilhados por todos os leitores. Encontrar uma destas expressões metafóricas no texto significa para o leitor ter a possibilidade de entender as informações através um olhar perto da sua experiência cotidiana.

Natureza

Foram identificados doze exemplos de metáforas referidas ao léxico da natureza, em sete dos quinze artigos em língua italiana.

Alguns deles utilizam só um termo, cujo significado de origem é claro e unívoco, e o aplicam a um contexto semântico diferente. Isso acontece com os verbos *estirpare*, utilizado geralmente com as evas daninhas, e *sgretolarsi*, de comum

utilização com materiais friáveis; acontece também com substantivos como *bufera*, *ombra* e *terremoto*, todos utilizados metaforicamente com um sentido negativo.

Outros exemplos utilizam um conjunto de termos que geralmente, quando utilizados com o significado original, se encontram naquela combinação. A utilização de uma colocação fixa ajuda a compreensão do significado metafórico porque limita o significado que será transferido. Por exemplo, no caso da metáfora *fiume in piena* o detalhe que o rio metafórico esteja cheio determina o significado da frase; esta expressão indica que o sujeito durante o interrogatório relatou os acontecimentos com abundância de pormenores.

Interessante também um dos exemplos encontrados no artigo n. 1 de *La Stampa*, no qual o verbo *recidere* adquire sentido somente se acompanhado com o objeto *rami malati*. Analisando os termos é possível identificar uma “metáfora dentro da metáfora”: o adjetivo *malati* geralmente é utilizado com sujeitos animados e, portanto, o seu uso ao lado do substantivo *rami* é por sua vez metafórico.

Fonte - N. artigo	Metáfora	Contexto
<i>La Repubblica</i> 2	Estirpare	“Gli stessi «controlli», aggiunge il segretario della Camera del lavoro, che «sono stati invocati da tutti e che dovranno coniugare la rapidità con la certezza che sia <u>estirpato</u> il malaffare».”
<i>La Repubblica</i> 2	Bufera	“Nella <u>bufera</u> , rischia di aumentare anche la protesta.”
<i>La Repubblica</i> 3	Fiume in piena	“Tangenti Expo, Paris è <u>un fiume in piena</u> davanti ai pm [...]”
<i>La Repubblica</i> 4	A caccia di	“Inchiesta Expo, “così Acerbo manovrava affari e favori per le imprese <u>a caccia di appalti</u> ””
<i>La Repubblica</i> 4	Sgretolarsi	“[...] la figura dell’ingegnere integerrimo <u>si sgretola</u> contro la mole di carte raccolte in questi ultimi sei mesi dai pm della Procura di Milano.”
<i>La Repubblica</i> 5	Ombra / Allungarsi	“Perché adesso <u>le ombre si sono allungate</u> anche sull’appalto di Palazzo Italia [...]”
<i>La Repubblica</i> 5	Ombra	“Italiana Costruzioni, infatti, [...] ribadisce la propria estraneità: “Nessuna <u>ombra</u> .””
<i>La Stampa</i> 1	Terremoto	“Appalti e tangenti, <u>terremoto Expo</u> [...]”

<i>La Stampa</i>	1	Terremoto	“Nuovo <u>terremoto</u> sugli appalti Expo.”
<i>La Stampa</i>	1	Recidere / Ramo malato	“Abbiamo <u>reciso</u> nel più breve tempo possibile i <u>rami malati</u> [...]”
<i>La Stampa</i>	4	Bufera	“Nuova bufera su Expo.”
<i>La Stampa</i>	5	Tempesta / Spazzare via	“[...] l’ennesima <u>tempesta</u> giudiziaria <u>spazza via</u> ma non del tutto un altro manager.”

(Tab. 7) Exemplos de metáforas incomuns com referência à natureza.

Corpo humano

A referência ao corpo humano é muito comum nas metáforas porque o corpo é o instrumento principal através do qual as pessoas comunicam, sentem as emoções e, antes de tudo, vivem. O conhecimento do corpo humano e das suas características formam parte do conhecimento que todas as pessoas compartilham; por isso as metáforas que se referem ao corpo humano são muito utilizadas e facilmente compreendidas.

Cada uma das fontes italianas ofereceu exemplos deste tipo de metáfora. Em particular, repetiu-se o uso de metáforas cujo sujeito foi um membro, como a mão ou o pé; estas metáforas foram recolhidas na tabela (Tab. 8).

As expressões que utilizam a palavra *mano* (*mettere le mani*, *avere in mano*) expressam o controle que um sujeito exerceu sobre coisas, situações ou pessoas, e a ávida apropriação de bens e poder. A expressão *mettere le mani* foi utilizada duas vezes, numa delas subentendendo o verbo; os objetos que sofrem a ação de controle são o dinheiro e a realização de obras.

O termo *piedi* foi utilizado duas vezes em expressões como *mettere in piedi* e *stare in piedi*, que se referem à posição ereta do homem. A expressão *mettere in piedi* comunica um processo de preparação e organização de um projeto; no artigo n. 3 de *la Repubblica* se faz referência aos negócios ilegais da quadrilha. Com a expressão *stare in piedi* se indica uma situação estável de realização ou existência; no exemplo do artigo n. 1 de *la Repubblica* é utilizada para descrever a estabilidade do Governo.

Fonte - N. artigo		Metáfora	Contexto
<i>Corriere della Sera</i>	1	(Mettere le) mani	“L’assedio di Infrastrutture Lombarde al patrimonio immobiliare del Policlinico e l’appalto per la bonifica dell’area Falck di Sesto San Giovanni sono anelli di una stessa catena: il controllo dei cantieri e <u>le mani sui</u> milioni destinati alle grandi opere nell’area milanese.”
<i>La Repubblica</i>	1	Stare in piedi	“Cattozzo racconta [...] “E allora ho detto a Marco “diglielo a Primo”.. dice “non so neanche se il Governo <u>sta in piedi</u> ”.”
<i>La Repubblica</i>	2	Avere in mano	“«[...] una Milano che è convinta di <u>avere in mano</u> la capacità del fare».”
<i>La Repubblica</i>	3	Mettere le mani	“Ma soprattutto ha parlato del progetto di <u>mettere le mani</u> anche sulla realizzazione dei padiglioni dei Paesi stranieri [...]”
<i>La Repubblica</i>	3	Mettere in piedi	“Paris [...] ha raccontato anche degli affari che la presunta associazione per delinquere <u>stava mettendo in piedi</u> poche settimane prima del blitz della guardia di finanza.”

(Tab. 8) Exemplos de metáforas incomuns com referência a membros do corpo humano.

As outras partes do corpo que foram utilizadas para construir novas metáforas foram os olhos, as costelas e a barriga.

A expressão *tenere gli occhi chiusi* foi utilizada com o significado de decidir não ver os problemas que uma situação apresenta. No contexto do artigo n. 1 de *La Stampa*, o termo *costola* vem utilizado em referência aos sub-inquéritos da investigação principal. As duas metáforas sugerem ao leitor aplicar os traços principais de ações e objetos conhecidos a situações novas, para entendê-las de maneira mais completa.

A expressão *mal di pancia*, no artigo n. 5 de *La Stampa*, representa uma metáfora inédita. Indica metaforicamente uma situação de forte dificuldade, e deixa entender que a causa desta criticidade possa ser interna. Além disso, a metáfora resulta eficaz porque a barriga é por definição uma parte do corpo que, mais que outras, foge ao controle e reflete os problemas que o corpo tem.

Fonte - N. artigo	Metáfora	Contexto
<i>Corriere della Sera</i>	3 Tenere gli occhi chiusi	“Meglio <u>tenere gli occhi chiusi</u> .”
<i>La Stampa</i>	1 Costola	“Ilda Boccassini ha spiegato che l’indagine è «una delle numerose <u>costole</u> » dell’inchiesta contro le cosche della ’ndrangheta [...]”
<i>La Stampa</i>	5 Mal di pancia	“Ma i <u>mal di pancia</u> in via Rovello continuano.”

(Tab. 9) Exemplos de metáforas incomuns com referência a partes do corpo humano.

No corpus foram encontrados também exemplos de metáforas que utilizam ações estreitamente ligadas ao corpo humano. Claro exemplo é o uso do verbo *abbracciare*, que geralmente indica um contato entre seres humanos; no contexto dos artigos analisados, este verbo é utilizado para indicar a transferência de ideias e, mais em particular, estar de acordo com um projeto.

A referêcia à ferida, seja com o substantivo (*ferita*) seja com o verbo (*ferire*), é utilizada para comunicar a ideia de um dano grave e de longa reparação que danificou o sujeito em questão. No artigo n. 2 de *la Repubblica* o verbo *ferire* descreve o dano que os escândalos de corrupção provocaram à Expo 2015, enquanto o substantivo *ferita*, junto com o adjetivo *aperta*, representa uma grave dificuldade que ainda não foi resolvida.

Fonte - N. artigo	Metáfora	Contexto
<i>Corriere della Sera</i>	1 Abbracciare	“C’è Sesto, area ideale per l’Immobiliare Sanità: sponsorizzata dalla giunta di sinistra e <u>abbracciata</u> da quella di centrodestra in Regione.”
<i>La Repubblica</i>	2 Ferire	“Ma adesso che per proteggere l’Expo <u>ferita</u> dagli scandali si sta cercando di aumentare ancora di più gli occhi che dovranno vigilare, il presidente di Assolombarda, Gianfelice Rocca, esprime un timore.”
<i>La Repubblica</i>	5 Ferita aperta	“Un’altra <u>ferita aperta</u> che il presidente dell’Autorità nazionale anticorruzione sta studiando.”

(Tab. 10) Exemplos de metáforas incomuns com referência a ações do corpo humano.

Exemplo de metáfora extensa

Entre os artigos do *corpus* que foram publicados por *la Repubblica*, no n. 5 há um interessante exemplo de metáfora extensa. Com efeito, o jornalista retomou várias vezes a metáfora do caminho durante o texto, por meio de expressões diferentes mas coerentes com a mesma imagem metafórica. Através deste esquema o texto adquire uma dimensão de coesão, e o estilo da escrita resulta mais rico, exato e interessante. As metáforas utilizadas são listadas na tabela (Tab. 11), ordenadas seguindo a ordem de aparição no texto.

Para comunicar que houve muitas dificuldades na realização da Expo 2015 que chegaram a atrasar os trabalhos, o texto fala de *corsa d'emergenza*, transmitindo uma ideia de urgência e rapidez, e de *percorso accidentato*, que representa as dificuldades encontradas durante a realização. Además, não obstante as irregularidades, os trabalhos não podiam ser parados (*non frenare, fermare la macchina, non fermarsi*), porque já haviam chegado à última fase, e faltavam poucos meses antes da inauguração do evento (*ultimo, faticoso, miglio*).

A informação que o artigo quer transmitir chega facilmente ao leitor, que não somente consegue entender a gravidade da situação descrita, mas é levado a se imaginar mais perto dela graças a imagens congeniais.

	Metáfora	Contexto
a	Frenare / Corsa d'emergenza	"[...]due esigenze: dare un segnale di trasparenza e allo stesso tempo <u>non frenare</u> ulteriormente la <u>corsa d'emergenza</u> che si sta facendo per inaugurare le strutture."
b	Faticoso miglio	"[...] potrebbe scattare una sorta di 'sorveglianza speciale' per <u>l'ultimo, faticoso, miglio</u> del padiglione simbolo dell'Italia."
c	Fermare la macchina	"[...] aggiunge il commissario, "non c'è l'intenzione di nessuno di <u>fermare la macchina</u> "."
d	Fermarsi un secondo	"Qualsiasi provvedimento verrà preso, insomma, <u>non ci si potrà fermare neppure per un secondo</u> ."
e	Strada segnata	"La <u>strada</u> , per le cosiddette architetture di servizio [...] e per le Vie d'acqua Sud, era <u>segnata</u> ."
f	Percorso accidentato	"Perché il <u>percorso</u> è stato <u>accidentato</u> ."

(Tab. 11) Exemplos de metáfora incomum extensa.

4.2.2. Expressões idiomáticas

A diferença entre os artigos que provêm de fontes italianas e os publicados por fontes brasileiras permanece também com respeito à ocorrência das expressões idiomáticas. Os artigos brasileiros não oferecem muitos exemplos de expressões metafóricas fixas; ao contrário, na parte do *corpus* em língua italiana foram encontrados vários casos interessantes de expressões idiomáticas, contidos em doze dos quinze artigos. Foi selecionado o material mais interessante, apresentado em três categorias em relação ao significado das expressões; as categorias empregadas são: cara, face e fachada; luz e tona; guerra e violência.

Cara, face e fachada

É recorrente o uso de expressões que contêm termos que indicam um lado, uma face, ou o rosto; como esclarece a tabela (Tab. 12), exemplos deste tipo foram encontrados em artigos publicados por quatro das seis fontes utilizadas.

No artigo n. 1 do *Estadão* e nos artigos n. 1 e 2 da *Globo 1* foi utilizada a expressão *empresa de fachada*, que se refere às empresas criadas pela quadrilha para esconder os negócios ilegais e o tráfico ilegal de dinheiro. Neste caso o termo *fachada* representa o único lado visível da empresa, que é também o único lado que podia resultar legal, e cuja função é cobrir a ilegalidade cometida.

A expressão *em face de* foi utilizada duas vezes no mesmo artigo, o n. 3 do *Jornal do Brasil*, com o mesmo sentido: indicar a presença de uma condição que muda uma situação presente até aquele momento, ou que leva a uma decisão diferente daquela imaginada. Esta mudança é devida à confrontação com a condição mesma.

No artigo n. 1 do *Corriere della Sera* vem utilizada a expressão idiomática *salvare la faccia*, na qual o termo *faccia* indica a reputação e a aparência do sujeito. Este significado metafórico deriva da concepção da cara como parte fundamental para conhecer e entender um homem. Com efeito, no nosso contexto social a cara representa o homem mesmo, e protegê-la significa proteger a integridade da pessoa.

Fonte – N. artigo		Expressão idiomática	Contexto
<i>Estadão</i>	1	Empresa de fachada	“Mais de uma centena de <u>empresas de fachada</u> vinculadas aos grupos foi identificada.”
<i>Globo 1</i>	1	Empresa de fachada	“Conforme investigações da PF, os dois atuaram juntos para fechar um contrato milionário entre uma <u>empresa de fachada</u> e o Ministério da Saúde.”
<i>Globo 1</i>	2	Empresa de fachada	“Conforme às investigações da Polícia Federal, o ex-diretor da Petrobras ajudou <u>empresas de fachada</u> mantidas pelo doleiro Alberto Youssef a fechar contratos com a Petrobras [...]”
<i>Jornal do Brasil</i>	3	Em face de	1 – “ <u>Em face das</u> razões e fatos destacados nas informações complementares, autorizo, cautelarmente, que se mantenham os atos decisórios [...]”, escreveu Zavascki” 2 – “[...] os deputados federais André Vargas (PR) e Luiz Argôlo (SDD-BA) [...] podem perder os mandatos <u>em face de</u> estreito relacionamento com Youssef.”
<i>Corriere della Sera</i>	1	Salvare la faccia	“[...] il braccio di ferro sul nome dell’amministratore, prima Glisenti, voluto dalla Moratti, poi Stanca, voluto da Berlusconi e infine Sala, ex direttore generale di Palazzo Marino, per <u>salvare la faccia</u> e tutto il resto.”

(Tab. 12) Exemplos de expressões idiomáticas com referência a cara, face e fachada.

Luz e tona

Nesta seção são recolhidos três exemplos acunhados pelo mesmo sentido: tornar algo “escondido” público, conhecido.

Nos artigos em língua portuguesa a expressão utilizada foi *trazer à tona*, na qual o significado primeiro do termo *tona* é superfície. A metáfora é de fácil compreensão: se algo é trazido *à tona*, se torna visível e deixa de ser desconhecido.

Para comunicar o mesmo significado, em dois artigos do *corpus* italiano foi utilizado o termo *luce* dentro de duas expressões, *fare luce* e *venire alla luce*. O significado da primeira é desenvolver uma investigação para resolver dúvidas sobre uma determinada questão; a segunda indica uma descoberta de novas

informações, ou seja, expressa o resultado de uma investigação. Nas duas expressões encontradas a palavra *luce* é utilizada em sentido metafórico, implicitamente em oposição à palavra *buio*: em geral, a luz indica o conhecimento e a escuridão indica a ignorância.

Fonte - N. artigo		Expressão idiomática	Contexto
<i>Globo 1</i>	1	Trazer à tona	“A apuração da PF também <u>trouxe à tona</u> indícios de ligação entre Alberto Youssef e o deputado federal André Vargas (sem partido-PR).”
<i>Corriere della Sera</i>	3	Fare luce	“[...] consiglio di sorveglianza [...] convocato per tale motivo il 14 maggio dai funzionari incaricati da Maroni di <u>fare luce</u> sulla vicenda [...]”
<i>La Stampa</i>	1	Venire alla luce	“Poi, sempre secondo Boccassini, « <u>sono venute alla luce</u> ipotesi di reati contro la pubblica amministrazione» [...]”

(Tab. 13) Exemplos de expressões idiomáticas com referência à tona e à luz.

Guerra e violência

Às vezes a técnica mais eficaz para tornar uma notícia interessante e envolvente é aumentar a gravidade da situação por meio de palavras e expressões de certo peso. Neste âmbito, as metáforas que se referem ao mundo da guerra e da violência conseguem alcançar o objetivo de agravar a percepção dos fatos por parte do leitor. No *corpus* entre os artigos em língua italiana foram encontrados seis exemplos de expressões idiomáticas que fazem referência à guerra, à violência e, mais em geral, a uma situação de contraste e predominância de um sujeito sobre o outro. Os exemplos estão listados na tabela (Tab. 14).

Uma das expressões mais interessantes foi *giocare al massacro*, utilizada no artigo n. 2 do *Corriere della Sera* dentro de uma citação feita por Sala, administrador delegado da sociedade Expo 2015. O efeito forte e estranho da frase foi devido à combinação incomum de um verbo, *giocare*, ligado à criança e à diversão, com um substantivo tão intenso, *massacro*, que carrega dor e morte. Esta

expressão tem origem francesa, e era utilizada para indicar um jogo de feira; agora descreve um comportamento que causa dano a outra pessoa (Treccani).

A expressão *mettere a fuoco* (cuja versão completa seria *mettere a ferro e fuoco*) entrega o significado metafórico de destruir algo; no exemplo do artigo n. 2 de *La Stampa* foi utilizada para explicar o resultado das revelações feitas por o empreendedor Maltauro, que descreveu o sistema de corrupção dentro da Expo 2015.

Outra expressão idiomática interessante é *spalle al muro*, encontrada no artigo n. 3 de *La Stampa*. A metáfora faz referência a um comportamento humano que pode ser facilmente entendido: quando uma pessoa ataca fisicamente outra e esta última se encontra com o adversário na frente e a parede nas costas, significa que ela está perto da rendição à vontade do agressor. Por isso, ficar *con le spalle al muro* significa ser obrigados a revelar certo tipo de informações.

Fonte - N. artigo		Expressão idiomática	Contexto
<i>Corriere della Sera</i>	2	Giocare al massacro	“Tuttavia, per Sala, «accostare la vicenda dell’Expo a quella del Mose è <u>giocare al massacro</u> . Per il Mose si parla di miliardi».”
<i>La Stampa</i>	1	Finire nel mirino	“Ora il salto di qualità dell’inchiesta arriva fino agli appalti per Expo 2015, già <u>finiti nel mirino</u> con l’arresto del direttore generale di Infrastrutture Lombarde [...]”
<i>La Stampa</i>	2	Mettere a fuoco	“Maltauro [...] ha descritto uno per uno tutti i fatti contestati [...], <u>mettendo a fuoco</u> il sistema ideato dal terzetto Frigerio-Greganti-Grillo.”
<i>La Stampa</i>	3	Spalle al muro	“[...] quelli della “cupola” degli appalti in Lombardia, con la concessione degli arresti domiciliari ieri ad Enrico Maltauro [...] sono ormai con <u>le spalle al muro</u> .”
<i>La Stampa</i>	3	Cadere in una trappola	“« <u>Sono caduto in una trappola</u> , non ho mai corrotto nessuno e non sono mai stato corrotto».”
<i>La Stampa</i>	5	Chiedere la testa di	“Il sindaco Giuliano Pisapia [...] dopo <u>aver chiesto la testa</u> di Antonio Acerbo fa buon viso a cattivo gioco [...]”

(Tab. 14) Exemplos de expressões idiomáticas com referência à guerra e à violência.

4.2.3. Linguagem figurada

Os exemplos de linguagem figurada constituem a parte mais consistente da análise. Com efeito aparecem numerosos em todos os trinta artigos do *corpus*, assumindo formas e significados diferentes mas sendo acomunados por um significado metafórico que chegou a se confundir com aquele originário.

Sendo o material recolhido consistente e heterogêneo, foram selecionados os exemplos mais interessantes e alguns deles foram divididos em categorias de acordo com o significado ou o léxico de referência; outros exemplos que mereceram uma atenção particular, seja pela frequência da ocorrência no *corpus*, seja pelo conteúdo, serão descritos no final do parágrafo.

Natureza

No *corpus* de artigos em língua italiana destacam três exemplos de linguagem figurada ligada à natureza, nos quais é presente o substantivo *ramificazione*, utilizado com o mesmo significado metafórico em contextos diferentes.

No artigo n. 1 do *Corriere della Sera* o termo è utilizado duas vezes. Na primeira se refere aos contatos que a *cupola* utilizava para desenvolver os seus negócios; na segunda se refere aos interesses diversificados da *cupola*, que não se limitavam à Expo 2015 mas abrangiam também a realização de outras grandes obras públicas.

No artigo n. 1 de *La Stampa* o termo *ramificazione* faz parte de uma citação na qual o *Pubblico Ministero* descreve a organização criminosa, sublinhando a sua capacidade de ter apoios e contatos em setores administrativos. O significado originário do substantivo deriva da estrutura própria das árvores, que tem um tronco de onde cresce e sai uma rede de ramos. Da mesma maneira, como descrito nos exemplos, uma associação criminosa tem contatos e apoios que lhe permitem controlar e expandir os seus negócios ilegais.

Fonte - N. artigo	Exemplo	Contexto	
<i>Corriere della Sera</i>	1	Ramificazione	“Le <u>ramificazioni</u> e le manovre per spartirsi un patrimonio secolare”
<i>Corriere della</i>	1	Ramificazione	“Con il peccato originale nelle fundamenta

<i>Sera</i>			e uma <u>ramificazione</u> d'interessi che dalla sanità passa all'Esposizione universale, parte nel 2010 il gigantesco assalto alla diligenza [...].”
<i>La Stampa</i>	1	Ramificazione	“Il pm Antonio D’Alessio ha parlato di una associazione che aveva la «capacità di avere <u>ramificazioni</u> in diversi settori dell’alta amministrazione [...].»”

(Tab. 15) Exemplos de linguagem figurada; substantivo *ramificazione*.

Um dos termos de uso figurado mais utilizados no *corpus* em língua portuguesa foi o verbo *deflagrar*, encontrado em onze dos quinze artigos e repetido dezessete vezes. O seu significado originário é ‘arder intensamente’, mas nos artigos analisados o uso do termo é metafórico: em todas as ocorrências refere-se ao momento no qual a Operação Lava Jato tornou-se pública, acrescentando à notícia uma ideia de acontecimento repentino e intenso.

Fonte - N. artigo	Exemplo	Contexto	
<i>Estadão</i>	2	Deflagrar	“O alvo principal da Lava Jato 2, <u>deflagrada</u> na manhã desta sexta-feira, 11 [...].”
<i>Estadão</i>	3	Deflagrar	“ <u>Deflagrada</u> em março, a Operação Lava Jato investiga esquema de lavagem que teria movimentado R\$ 10 bilhões.”
<i>Estadão</i>	5	Deflagrar	“[...] a operação <u>deflagrada</u> nesta sexta tem base em documentos apreendidos nas fases anteriores da Lava Jato [...].”
<i>Globo 1</i>	1	Deflagrar	“ <u>Deflagrada</u> em 17 de março pela Polícia Federal (PF), a operação Lava Jato desmontou um esquema de lavagem de dinheiro e evasão de divisas [...].”
<i>Globo 1</i>	1	Deflagração	“Em novembro, quase oito meses a pós a <u>deflagração</u> da operação, mais de 20 pessoas foram presas [...].”
<i>Globo 1</i>	3	Deflagrar	“ <u>Deflagrada</u> há quase um ano, a Lava Jato, da Polícia Federal, inicialmente mirou um esquema de lavagem de dinheiro bilionário.” “Quando foi <u>deflagrada</u> , em 17 de março de 2014, a Lava Jato prendeu suspeitos [...].” “(A sétima fase) Foi <u>deflagrada</u> em novembro.”
<i>Globo 1</i>	4	Deflagrar	“A Operação Lava Jato foi <u>deflagrada</u> pela PF em março de 2014[...].”

			"A última fase da operação foi <u>deflagrada</u> no dia 16 de março deste ano[...]."
<i>Globo 1</i>	5	Deflagrar	"PF <u>deflagra</u> a 12ª fase da Lava Jato e cumpre quatro mandados judiciais" "A Operação Lava Jato foi <u>deflagrada</u> pela PF em março de 2014 [...]." "A última fase da operação foi <u>deflagrada</u> na última sexta-feira [...]."
<i>Jornal do Brasil</i>	1	Deflagrar	"A Operação Lava-Jato, <u>deflagrada</u> pela Polícia Federal (PF) na manhã desta segunda-feira (17/3), prendeu um dos condenados [...] na ação penal do mensalão." "Quadrado está entre os 24 presos na Operação Lava Jato, <u>deflagrada</u> nesta manhã, pela Polícia Federal [...]."
<i>Jornal do Brasil</i>	2	Deflagrar	" <u>Deflagrada</u> no dia 17 de março, a "Operação Lava Jato" desarticulou uma organização que tinha como objetivo a lavagem de dinheiro [...]."
<i>Jornal do Brasil</i>	4	Deflagrar	"Polícia Federal <u>deflagra</u> 10ª fase da Lava Jato [...]" "A Polícia Federal (PF) <u>deflagrou</u> na manhã de hoje (16) a décima fase da Operação Lava Jato [...]."
<i>Jornal do Brasil</i>	5	Deflagrar	"A 11ª fase da Operação Lava Jato, <u>deflagrada</u> na manhã de hoje (10) pela Polícia Federal [...]." " <u>Deflagrada</u> em março do ano passado para investigar um esquema de corrupção em contratos da Petrobras envolvendo as maiores empreiteiras do país [...]."

(Tab. 16) Exemplos de linguagem figurada; verbo *deflagrar*.

Construções

Outro uso interessante da linguagem figurada envolve dois termos ligados à área semântico das construções. O verbo *ricostruire* e o substantivo *ricostruzione*, encontrados seis vezes no *corpus* de artigos em língua italiana, indicam a ação de edificar novamente algo que existia numa época passada, mas que não existe no presente. No *corpus* os dois termos foram utilizados metaforicamente para indicar

os resultados dos inquéritos, que conseguiam descobrir e decrever o sistema de corrupção que danificou a Expo 2015.

Fonte - N. artigo	Exemplo	Contexto	
<i>Corriere della Sera</i>	2	Ricostruire	“[...] Maltauro, Paris e Cattozzo, con i loro interrogatori hanno confermato il quadro accusatorio e il «sistema» di illegalità <u>ricostruito</u> dalle indagini.”
<i>Corriere della Sera</i>	4	Ricostruire	“[...] «eccezionale gravità» dei fatti come <u>ricostruiti</u> dal Tribunale.”
<i>La Repubblica</i>	3	Ricostruire	“Riguardo all'appalto sulle 'architetture di servizi', Paris [...] <u>ha ricostruito</u> per filo e per segno la vicenda [...]”
<i>La Repubblica</i>	4	Ricostruzione	“Secondo questa <u>ricostruzione</u> , infatti, Acerbo avrebbe ottenuto nell'aprile del 2012 un primo contratto di consulenza dalla Maltauro.” “[...] quel denaro — secondo questa <u>ricostruzione</u> — sarebbe stato per gli imprenditori un investimento.”
<i>La Stampa</i>	1	Ricostruzione	“Sempre stando alla <u>ricostruzione</u> di D'Alessio, quando c'era una procedura di gara, l'associazione «interveneva [...]».”
<i>La Stampa</i>	2	Ricostruzione	“E per testimoniare come la <u>ricostruzione</u> della Procura sia solida [...]”
<i>La Stampa</i>	4	Ricostruzione	“Acerbo, secondo la <u>ricostruzione</u> su cui si stanno cercando riscontri, [...] sarebbe stato corrotto dall'imprenditore vicentino[...].”

(Tab. 17) Exemplos de linguagem figurada; *ricostruire* e *ricostruzione*.

O uso do termo *cupola* nos artigos publicados por fontes italianas merece uma particular atenção.

Na língua italiana esta palavra indica uma “copertura a calotta o a volta di vani a pianta quadrata, poligonale o circolare” (Sabatini Coletti) que se encontra na cima de alguns edifícios, como por exemplo as igrejas.

Este termo foi repetido 23 vezes nos artigos, e foi empregado metaforicamente para referir-se à associação criminosa que controlava os negócios ilegais e a corrupção de funcionários públicos. O elemento em comum com o significado principal é a posição predominante e superior do sujeito com respeito ao contexto,

e a capacidade de desfrutar desta posição para controlar todo o que está embaixo dela. Na tabela (Tab. 18) estão listados três casos exemplificadores das colocações mais comuns do termo.

Fonte - N. artigo	Exemplo	Contexto
<i>La Repubblica</i> 1	Cupola	“E anche l'attuale ministro dell'Ambiente, Gian Luca Galletti, il cui nome era indicato nelle telefonate come un altro obiettivo della <u>cupola</u> , ha smentito di essere mai stato avvicinato [...].”
<i>La Stampa</i> 1	Cupola	“Una <u>cupola</u> che prometteva «avanzamenti di carriera» grazie a «protezioni politiche» a manager e pubblici ufficiali.”
<i>La Stampa</i> 4	Cupola	“È questo un nuovo filone di inchiesta [...] nato da approfondimenti dell'indagine sulla presunta « <u>cupola</u> degli appalti», vicina a una probabile richiesta di giudizio immediato.”

(Tab. 18) Exemplos de linguagem figurada; substantivo *cupola*.

Máquinas

Durante a análise dos artigos foram encontrados numerosos casos de linguagem figurada cujo léxico se refere às máquinas, entendidas como categoria geral que compreende uma variedade de aparelhos. Ainda uma vez, exemplos deste tipo apareceram somente nos artigos em língua italiana, e não naqueles em língua portuguesa.

O verbo mais utilizado neste contexto foi *pilotare*, cuja referência aos veículos é imediata. O significado de *pilotare* não compreende somente a noção de conduzir um meio, mas implica também ter o controle dele para decidir a direção na qual vai se mover. O fator do controle resulta reforçado no uso figurado do verbo: nos artigos o verbo *pilotare* é utilizado para sublinhar o controle total que a *cupola* exercia no êxito das empreitadas.

Fonte - N. artigo	Exemplo	Contexto
<i>Corriere della Sera</i> 2	Pilotare	“I pm [...] devono solo avere qualche chiarimento e approfondire alcuni aspetti

			di contorno in relazione alle gare « <u>pilotate</u> » in cambio denaro [...].”
<i>La Repubblica</i>	1	Pilotare	“Una posizione che garantirebbe alla cupola di <u>pilotare</u> gli appalti milionari di Sogin in cambio di "avanzamenti di carriera" per il manager.”
<i>La Repubblica</i>	3	Pilotare	"Tangenti Expo, Paris è un fiume in piena davanti ai pm: "Ecco come <u>abbiamo pilotato</u> le gare""
<i>La Repubblica</i>	5	Pilotare	“[...]l'appalto di Palazzo Italia [...] <u>sarebbe stato pilotato</u> grazie ai rapporti tra Stefano Perotti, il professionista arrestato, e l'allora responsabile del padiglione Antonio Acerbo, di nuovo indagato.”
<i>La Stampa</i>	2	Pilotare	“Per lavorare doveva stare al “gioco”, a quel sistema architettato dalla «cupola» e fatto di presunti appalti <u>pilotati</u> e di mazzette [...]”
<i>La Stampa</i>	4	Pilotare	“Al manager vengono contestati i reati di corruzione e turbativa d’asta in quanto, questa è l’ipotesi, avrebbe ricevuto dall’imprenditore Enrico Maltauro utilità economiche per <u>pilotare</u> la gara «Progetto via delle acque».”

(Tab. 18) Exemplos de linguagem figurada; verbo *pilotare*.

Outras referências metafóricas ao mundo das máquinas estão presentes também em outros termos, listados na tabela (Tab. 19).

O substantivo *manovra* indica as operações necessárias para que uma máquina possa funcionar, e o relativo verbo *manovrare* indica a ação de ter o controle de uma máquina através das operações realizadas. Similarmente aos casos precedentes (Tab. 18), estes termos utilizados figurativamente se referem às operações de controle ilegal que a *cupola* realizava para obter um determinado êxito.

O verbo *frenare* utilizado em sentido figurado indica o bloqueio de uma ação ou operação. O verbo *superare* geralmente é utilizado no caso de um veículo que ultrapassa outro; no contexto dos artigos analisados, o verbo veicula o sentido figurado de passar além de um problema.

Fonte - N. artigo	Exemplo	Contexto
<i>Corriere della Sera</i>	1 Manovra	“Ospedali e aree sotto il controllo di Infrastrutture Lombarde. Le ramificazioni e le <u>manovre</u> per spartirsi un patrimonio secolare”
<i>Corriere della Sera</i>	1 Frenare	“È facile inserirsi con logiche di mercato davanti alle rendite <u>frenate</u> dai patti agrari [...]”
<i>La Repubblica</i>	1 Superare Manovra	“Così che anche la perdita di un componente [...] <u>viene superata</u> , "prevedendo soluzioni alternative e rapide <u>manovre</u> di avvicinamento, accerchiamento o consolidamento dei rapporti coi pubblici ufficiali interessati”.
<i>La Repubblica</i>	4 Manovrare	“Inchiesta Expo, "così Acerbo <u>manovrava</u> affari e favori per le imprese a caccia di appalti”

(Tab. 19) Exemplos de linguagem figurada com referência às máquinas.

Guerra

Não somente as metáforas, mas também a linguagem figurada atinge ao léxico da guerra para comunicar informações de maneira mais rica e intensa. Artigos publicados por todas as seis fontes em questão contêm exemplos de como este tipo de léxico transforma a percepção da frase.

O uso repetido do verbo *mirar*, que geralmente faz referência à preparação antes de utilizar uma arma, sublinha a precisão de uma operação, ou o seu objetivo final. O uso figurado dos substantivos *assalto* e *conflitto* e do verbo *lutar* acentuam a dimensão de contraste e oposição entre dois sujeitos ou ideias.

Fonte - N. artigo	Exemplo	Contexto
<i>Corriere della Sera</i>	1 Assalto	“[...] parte nel 2010 il gigantesco <u>assalto</u> alla diligenza svelato dall’inchiesta della magistratura [...]”
<i>Corriere della Sera</i>	3 Conflitto	“«Vanno ridotti i <u>conflitti</u> nelle attuali posizioni e i ruoli accentrati in capo al direttore generale [...]».”
<i>La Repubblica</i>	2 Mirato	“Ecco perché Sala ora punta più a verifiche <u>mirate</u> [...]”
<i>La Stampa</i>	1 Schieramento	“[...] la «saldatura» tra Greganti e

			Gianstefano Frigerio, ex parlamentare Dc, «protegeva le imprese riconducibili a tutti gli <u>schieramenti</u> politici».”
<i>Estadão</i>	2	Mirar	“Etapa da Operação Lava Jato <u>mira</u> negócio de R\$ 443 milhões”
<i>Estadão</i>	3	Defender	“Os advogados criminalistas Ricardo Berenguer e Damián Vilutis, que <u>defendem</u> João Procópio, disseram que foram surpreendidos com a ação policial.”
<i>Estadão</i>	5	Mirar	“Justiça também <u>mira</u> em Renato Duque, nome indicado por Dirceu para a direção de estatal petrolífera”
<i>Globo 1</i>	2	Lutar	““[...] A defesa vai <u>lutar</u> pelo direito de responder em liberdade”, disse.”
<i>Globo 1</i>	3	Mirar	“[...] a Lava Jato, da Polícia Federal, inicialmente <u>mirou</u> um esquema de lavagem de dinheiro bilionário.”
<i>Jornal do Brasil</i>	2	Defesa	“O ministro Teori Zavascki, do Supremo Tribunal Federal, rejeitou e mandou arquivar [...] pedido de habeas corpus impetrado pela <u>defesa</u> de Paulo Roberto Costa [...].” “O ministro assinalou ainda que [...] a <u>defesa</u> teria a possibilidade de eleger [...] a que tribunal submeter a revisão de decisão monocrática [...].”

(Tab. 20) Exemplos de linguagem figurada com referência à guerra.

Nos artigos publicados pelas fontes brasileiras a palavra *alvo* é muito utilizada; vem repetida onze vezes em seis artigos.

Literalmente o *alvo* é o ponto a que se mira com uma arma, mas figurativamente representa o fim, o objetivo de uma ação. No *corpus* esta palavra vem associada frequentemente à Operação Lava Jato, quando o texto introduz uma explicação dos seus objetivos. Mantendo o mesmo sentido, o substantivo *alvo* é utilizado também com termos que indicam uma operação legal de outro tipo: *blitze*, *ação penal*, *processo*, *investigações*, *apuração*, *mandado*.

Fonte - N. artigo	Exemplo	Contexto	
<i>Estadão</i>	2	Alvo	“O <u>alvo</u> principal da Lava Jato 2 [...] é a contratação pela Petrobrás da empresa Ecoglobal – Ambiental Comércio e Serviços Ltda. e da Ecoglobal Overseas LCC [...].”

<i>Estadão</i>	3	Alvo	“[...] doleiro Alberto Youssef, <u>alvo</u> da Operação Lava Jato, da Polícia Federal.” “Os <u>alvos</u> da Lava Jato foram enquadrados por crimes contra o sistema financeiro [...], evasão de divisas, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro.” “Costa [...] também é <u>alvo</u> de ação penal no país europeu, por lavagem.”
<i>Estadão</i>	5	Alvo	“Em ação inédita, maiores empresas de infraestrutura do País são <u>alvo</u> de blitz [...].”
<i>Globo 1</i>	1	Alvo	“Ele também se tornou <u>alvo</u> de processo por quebra de decoro no Conselho de Ética da Câmara [...].” “O deputado Luiz Argôlo (SD-BA) também se tornou <u>alvo</u> das investigações da PF [...].”
<i>Globo 1</i>	2	Alvo	“A construção de Abreu e Lima é <u>alvo</u> de apuração do Ministério Público e do Tribunal de Contas da União (TCU) [...].”
<i>Globo 1</i>	3	Alvo	“[...] descobertas de fraudes em contratos da Petrobras passaram a ser o <u>alvo</u> principal da operação.” “O <u>alvo</u> nesta fase foi o núcleo de empresas vinculadas a Paulo Roberto Costa e seus familiares.” “O tesoureiro do PT, João Vaccari Neto, foi <u>alvo</u> de um mandado de condução coercitiva.”

(Tab. 21) Exemplos de linguagem figurada; substantivo *alvo*.

Caso particular: *lavagem de dinheiro*

O objeto da investigação desenvolvida pela Operação Lava Jato foi a descoberta de um complexo sistema de desvio e lavagem de dinheiro. Esta última expressão se repete muitas vezes nos textos em língua portuguesa, porque constitui o alvo central da inteira operação.

Lavagem de dinheiro é um exemplo de linguagem figurada dentro de uma colocação fixa. O termo *lavagem* indica um processo que torna algo limpo, sem manchas; no contexto dos artigos as manchas representam as irregularidades e a origem ilegal do dinheiro, que necessitava de ser *lavado* para esconder a sua proveniência criminosa.

4.2.4. Personificação

Utilizar a técnica metafórica da personificação significa tentar dar um significado aos fenômenos “in human terms”, como afirmaram Lakoff e Johnson (1989, p. 34).

Todos os trinta artigos do *corpus* contêm exemplos de personificação, nos quais entidades de vários tipos são “humanizadas”, consideradas como um todo, e desenvolvem ações que geralmente pertencem ao mundo dos homens. As entidades sujeitos da personificação têm origens diferentes: foram encontrados exemplos com instituições, associações, empresas, obras, operações e objetos.

A personificação das instituições foi a forma mais frequente encontrada no *corpus*. Com efeito, é difícil falar de uma instituição fazendo referência somente a uma ou poucas pessoas que a representam; as instituições são formadas por um complexo de forças que atuam juntas no bem da coletividade, e por isso a maneira mais eficaz para incluir esta complexidade de recursos humanos é personificar o nome da instituição e a considerar como um todo com uma sua própria iniciativa.

Fonte - N. artigo	Entidade	Personificação
<i>Estadão</i>	3 Polícia Federal	“A Polícia Federal <u>prende</u> nesta terça-feira, 1, em São Paulo, o executivo João Procópio Junqueira Pacheco de Almeida Prado, suspeito de gerenciar na Suíça as contas do doleiro Alberto Youssef [...]”
<i>Corriere della Sera</i>	2 Procura di Milano	“La procura di Milano <u>sta ipotizzando</u> di chiedere il giudizio immediato per l'ex Dc Gianstefano Frigerio, per l'ex funzionario Pci Primo Greganti, per l'ex senatore Pdl Luigi Grillo, per l'ex Udc-Ncd Sergio Cattozzo, per l'ex manager Expo Angelo Paris e per l'imprenditore Enrico Maltauro arrestati nell'inchiesta sulla «cupola degli appalti».”

(Tab. 22) Exemplos de personificação das instituições.

Todavia, a mesma abordagem é utilizada com outras entidades personificadas, cujos exemplos foram encontrados nos artigos analisados. As associações e as empresas têm a mesma estrutura das instituições (mesmo que a dimensão e o

prestígio destas últimas possam ser maiores), e o uso da personificação permite esconder o vértice que controla a estrutura e tratá-la como uma única entidade.

Fonte - N. artigo	Entidade	Personificação
<i>Globo 1</i>	1	Diretorias / Partidos
		“Segundo Costa, <u>as diretorias comandadas pelos três partidos recolhiam propinas de 3% de todos os contratos.</u> ”
<i>La Repubblica</i>	4	La (impresa) Maltauro
		Dal progetto delle Terme all’Ippodromo di San Siro, a quello degli studentati del Politecnico, per finire al Palasharp, <u>la Maltauro aveva interessi</u> con Palazzo Marino da sviluppare.”

(Tab. 23) Exemplos de personificação de empresas e associações.

Nos casos de obras, operações e objetos a complexidade aumenta porque são elementos que já constituem uma entidade única e completa. Mas, especialmente nestes casos, permanece a dificuldade de encontrar um sujeito físico ao qual carregar a responsabilidade das ações desenvolvidas ou sofridas. Obras, operações e objetos vêm personificados para que sejam eles mesmos sujeitos das ações que os envolvem.

Fonte - N. artigo	Entidade	Personificação
<i>Jornal do Brasil</i>	5	Fase
		“A 11 ^a <u>fase</u> da Operação Lava Jato, deflagrada na manhã de hoje (10) pela Polícia Federal, <u>investiga</u> a existência de um esquema criminoso de fraude em contratos de publicidade do Ministério da Saúde e da Caixa Econômica Federal.”
<i>Globo 1</i>	2	Texto
		““A manutenção de contas secretas no exterior pelo acusado e até o momento ocultadas deste juízo [...]”, <u>diz o texto da decisão do juiz Sérgio Moro.</u> ”
<i>Corriere della Sera</i>	1	Cantiere
		“Ma <u>il cantiere è in ritardo</u> e per la Regione solo Infrastrutture Lombarde con i tempi contingentati può garantire il traguardo [...].”

(Tab. 24) Exemplos de personificação de obras, operações e objetos.

Caso particular: um significado, dois diferentes realizações

O artigo n. 2 do *Jornal do Brasil* oferece um interessante exemplo de como o mesmo significado pode ser realizado através de construções linguísticas diferentes. No texto foram encontradas duas frases que expressam o mesmo conteúdo: a primeira utiliza a personificação, e a segunda a linguagem convencional. Por meio deste exemplo será possível comparar as duas frases e entender a função da personificação. Os dois casos são os seguintes.

1	Operação Lava-Jato: <u>STF rejeita</u> HC de ex-diretor da Petrobras preso no PR
2	<u>O ministro</u> Teori Zavascki, do Supremo Tribunal Federal, <u>rejeitou</u> e mandou arquivar, nesta segunda-feira (9/4), pedido de habeas corpus impetrado pela defesa de Paulo Roberto Costa [...].

(Tab. 25) Caso particular: um significado, dois diferentes realizações.

No título do artigo (1), o Supremo Tribunal Federal (abreviado STF) vem personificado e torna-se o sujeito que realiza a rejeição do *habeas corpus*. No exemplo (2) é explicitado que o Supremo Tribunal Federal não é o sujeito que efetivamente cumpriu a ação, mas a pessoa responsável pela ação é identificada na figura do ministro Teori Zavascki.

Na segunda frase o indivíduo é claramente identificado, e com ele também a sua responsabilidade pela decisão tomada e pela ação cometida. Ao contrário, no primeiro exemplo parece que o Tribunal seja uma entidade independente da vontade dos homens que fazem parte dele, e não é claro a quem dar a responsabilidade dos fatos.

4.2.5. Outros casos: as metáforas religiosas

Além dos exemplos descritos nas seções anteriores, foram identificados outros casos interessantes de metáforas acomodados pela referência a um assunto comum. Entre eles destacam uns exemplos de metáforas que se referem ao mundo da religião: dois exemplos foram encontrados no *corpus* de artigos em língua italiana, e cinco nos artigos em língua portuguesa.

Com efeito, dentro dos contextos sociais e culturais dos dois países as metáforas de assunto religioso são utilizadas frequentemente pelos escritores, certos de que serão facilmente compreendidas pelos leitores porque parte da bagagem cultural deles.

Nos quinze artigos em língua italiana, as duas metáforas foram encontradas no artigo n. 1 do *Corriere della Sera* e a no artigo n. 3 de *La Stampa*. No primeiro exemplo se faz referência ao pecado original cometido por Adão e Eva no Jardim do Éden para explicar como a ilegalidade estivesse infelizmente na base da organização da Expo 2015 (na primeira parte da frase é presente também uma segunda metáfora, *fondamenta*, que reforça a ideia de uma presença importante de irregularidades no evento). A metáfora do *peccato originale* não é de uso comum, e foi criada para este texto. O segundo exemplo faz referência à expressão *stracciarsi le vesti*, que se encontra várias vezes nas Escrituras, e que constitui também uma expressão idiomática fixa que significa “fare scenate di disperazione, abbandonarsi alla rabbia quando ormai il danno è avvenuto” (Treccani).

Por outro lado, no *corpus* de artigos publicados por fontes brasileiras se repete três vezes o mesmo verbo, *batizar*, claramente ligado à tradição cristã. Metaforicamente significa iniciar uma coisa ou uma pessoa dando-lhe um nome. No contexto dos artigos analisados, este verbo é utilizado para introduzir o nome das novas fases da Operação Lava Jato.

Também alguns dos nomes que foram dados às fases da Operação se referem à religião. No artigo n. 5 do *Estadão* está escrito que a sétima fase foi chamada de “Juízo Final”, como o julgamento final e eterno de Deus contado nas páginas da Apocalipse. No artigo n. 4 do *Globo 1*, a décima primeira fase é identificada com o nome de “A Origem”, que pode se referir ao episódio da criação do mundo e do homem descrito na Gênese. No primeiro caso a referência ao léxico cristão é clara e unívoca, mas no segundo exemplo a ligação com este mundo é só uma das hipóteses possíveis.

Estes exemplos demonstram que no contexto cultural de um país imbuído das tradições religiosas cristãs o uso de metáforas em tema religioso dá às afirmações uma dimensão de importância não indiferente. Com efeito, referir-se às Escrituras

e às tradições religiosas significa elevar o tom do discurso, mesmo que o seu conteúdo seja simples ou as expressões utilizadas sejam fixas.

Fonte - N. artigo	Metáfora	Contexto
<i>Corriere della Sera</i>	1 Peccato originale	“Con il <u>peccato originale</u> nelle fondamenta e una ramificazione d’interessi che dalla sanità passa all’Esposizione universale [...]”
<i>La Stampa</i>	3 Stracciarsi le vesti	“[...] Primo Greganti, non si smentisce: respinge le accuse, si dichiara «un utopista», <u>si straccia le vesti</u> e si dice «scandalizzato».”
<i>Estadão</i>	5 Batizar / Juízo Final	“Foi a sétima etapa da Operação Lava Jato, <u>batizada</u> de <u>Juízo Final</u> , cujo principal objetivo é buscar provas contra corruptores.”
<i>Globo 1</i>	3 Batizar	“A nona fase da operação, a mais recente, <u>foi batizada</u> de My Way [...]”
<i>Globo 1</i>	4 Batizar / A Origem	“A Polícia Federal (PF) cumpre a 11ª fase da operação da Lava Jato na manhã desta sexta-feira (10) em seis estados brasileiros e no Distrito Federal. [...] A ação <u>foi batizada</u> de “ <u>A Origem</u> ”.”

(Tab. 26) Exemplos de metáforas incomuns com referência à religião.

5. Conclusões

Este trabalho quis aprofundar o emprego da linguagem metafórica em contextos linguísticos de alcance cotidiana, comparando duas realidades linguísticas e culturais diferentes como a Itália e o Brasil. Escolheu-se desenvolver uma análise linguística do material metafórico contido em um *corpus* de trinta artigos jornalísticos, publicados *online* por seis sites nacionais de informação; destes trinta artigos, quinze provinham de três fontes italianas e foram escritos em língua italiana, e os outros quinze foram publicados por três fontes brasileiras, e portanto foram redigidos em português.

Dada a centralidade da metáfora neste trabalho, o primeiro capítulo foi dedicado a uma tão breve quanto necessária descrição da história da metáfora e das principais teorias que se ocuparam de explicar e definir esta figura e os seus usos. Os estudiosos que recentemente trabalharam sobre este assunto afirmaram que a metáfora não se limita às linguagens cultas ou literárias; ao contrário, a metáfora pertence à dimensão do cotidiano, e pode ser encontrada em qualquer texto que as pessoas produzem. A metáfora é parte da própria linguagem, e se coloca tão em profundidade na língua que às vezes os falantes nem se dão conta de que a estão utilizando.

O segundo capítulo respondeu à necessidade de aprofundar o tema do jornalismo, com as suas origens e os desenvolvimentos mais recentes. O jornalismo está sempre ligado à realidade na qual e para a qual ele trabalha, e por isso o jornalismo italiano e o brasileiro se diferenciam em diversos aspectos, não obstante compartilhem outros. Foi interessante entrar nas origens do jornalismo nos dois países e entender quanto o passado conseguiu influenciar o jornalismo atual. Com respeito à atualidade deste setor, um parágrafo foi dedicado ao recente desenvolvimento do jornalismo *online*, particularmente relevante neste trabalho porque todos os artigos que fazem parte do *corpus* provêm de sites web, e por isso podem ser considerados como exemplos deste novo jornalismo.

O terceiro capítulo deste trabalho recolheu informações sobre o *corpus* analisado e as fontes que publicaram *online* o material escolhido. Foram analisados trinta artigos jornalísticos, todos publicados *online* por sites de informação confiáveis. Neste capítulo foram descritas as fontes italianas e brasileiras dos textos, com particular atenção à história, à ideologia e ao estilo delas. Mas também o conteúdo dos textos desempenhou um papel central. As duas partes do *corpus* (por um lado, os artigos em língua italiana, por outro, os artigos em português) são acomodadas por terem um conteúdo semelhante: os artigos tratam dois escândalos nacionais de corrupção deflagrados em 2014. As fontes italianas relatam os inquéritos sobre casos de corrupção na realização da Expo 2015 em Milão e em outras obras públicas italianas; as fontes brasileiras descrevem as fases da Operação Lava Jato, uma grande investigação brasileira que desmontou um sistema de pagamento de propinas e lavagem de dinheiro que envolveu empreendedores, funcionários públicos e dirigentes da sociedade Petrobras. As duas notícias foram descritas, junto com o contexto nas quais aconteceram, para permitir uma melhor compreensão dos resultados da análise.

Os resultados da análise textual foram recolhidos e comentados no quarto capítulo. Os artigos foram analisados baseando-se nas teorias descritas na primeira parte do trabalho, com uma atenção particular à abordagem inovadora do estudioso Lakoff e Johnson, que nos anos noventa inovaram a teoria da metáfora, e àquela de Carbonell e Minton, dos anos oitenta. Durante a primeira fase de análise foi identificado o material metafórico presente nos artigos; sendo consistente, foi necessário definir algumas categorias para poder dividir os casos encontrados. As categorias escolhidas foram quatro - as metáforas incomuns, as expressões idiomáticas, a linguagem figurada e a personificação - e para cada uma delas foram reportados os exemplos mais significativos encontrados no *corpus* comparando, quando possível, o uso da linguagem metafórica nas duas línguas.

Os artigos de fontes italianas e os de fontes brasileiras foram acomodados por serem um conjunto de textos jornalísticos que contam o desenvolvimento de fatos de atualidade, no específico, escândalos nacionais de corrupção. Mas, além disso, os dois *corpus* resultaram muito diferentes. O *corpus* de artigos em língua italiana utiliza uma linguagem interessante, que envolve o leitor e atrai a sua atenção com

exemplos de linguagem figurada e um léxico rico e diferenciado. A presença de termos e expressões metafóricas foi consistente em todos os quinze textos e desempenhou importantes funções comunicativas. As muitas informações contidas nos textos, inclusive os conteúdos mais técnicos, foram veiculadas ao leitor através de uma linguagem de fácil compreensão, mas ao mesmo tempo estilisticamente interessante e próxima à realidade e à experiência deles. Por outro lado, o *corpus* de artigos em língua portuguesa se caracterizou pelo uso de uma linguagem jornalística clara, simples e exata. Em geral, empregou um estilo menos “romanceado” daquele dos artigos em italiano, repetindo frases, termos e informações com a finalidade de informar o leitor e facilitar a sua compreensão dos fatos. Outra característica notável foi a abundância de dados técnicos, referidos em particular à esfera jurídica; por definição, as linguagens técnicas são pouco metafóricas, e a presença importante delas nos artigos influenciou também a sua metaforicidade. Com efeito, os poucos exemplos de linguagem metafórica levaram a um estilo textual não muito pessoal, que pode resultar menos envolvente para o leitor, mas ao mesmo tempo pode facilitar a compreensão das informações.

Relendo os resultados da análise é possível afirmar que foi encontrada uma importante diferença na maneira na qual os dois grupos de artigos descreviam o fenômeno da corrupção. Uma descrição mais técnica e, por conseguinte, menos metafórica dos fatos leva a um texto que foca a atenção do leitor nos fatos mesmos. O objetivo deste tipo de texto é comunicar informações exatas e claras, sem a influência das opiniões ou do estilo de quem escreve. Por outro lado, um artigo jornalístico rico de linguagem metafórica oferece ao leitor um texto interessante e agradável cujos objetivos são comunicar as informações necessárias mas, ao mesmo tempo, atrair o interesse do leitor e fazer com que ele continue a leitura.

As escolhas lexicais representam aqueles detalhes que podem mudar completamente o sentido de um texto e transformar a percepção do leitor com respeito aos fatos descritos, chegando a influenciar o seu pensamento. Neste contexto, a metáfora revelou-se uma ferramenta fundamental à disposição do jornalista, que a pode utilizar para comunicar com poucas palavras conceitos complexos, conseguindo dar a estes conceitos uma tonalidade de significado particular. Além disso, detrás da metáfora podem se esconder a opinião do escritor

e as suas avaliações pessoais, graças à possibilidade oferecida pela metáfora de comunicar mais do que está escrito.

Descrever escândalos nacionais de corrupção significa entrar num assunto que envolve diretamente os sentimentos da população; sentimentos de raiva e desconfiança voltados para os representantes das instituições que não respeitaram o seu importante papel mas, ao contrário, utilizaram o poder e o prestígio para os seus próprios fins. Os artigos podem escolher relatar os fatos de maneira destacada e objetiva, para não fomentar os sentimentos negativos dos leitores e dar a possibilidade de se informar sobre os fatos; ou os artigos podem escutar a necessidade dos leitores de ler um texto conforme à visão crítica deles, dando informações, mas também opiniões.

A análise desenvolvida neste trabalho representa uma pequena contribuição à grande quantidade de material que até agora foi realizado com respeito à ligação entre linguagem cotidiana e metáfora. Não obstante este assunto esteja no centro de importantes pesquisas há mais de trinta anos, ele continua mantendo a sua posição central e ainda hoje consegue revelar novas informações sobre a língua e o seu uso.

Entender o funcionamento da língua significa analisar o meio principal que as pessoas utilizam não somente para comunicar todos os tipos de informações, mas também para relacionar-se com os outros, realizar ações, expressar o próprio mundo interior. Cada linguagem representa um conjunto de valores complexo e encantador, e chegar a entendê-lo significaria chegar a entender o homem mesmo também.

6. Bibliografia

- Battistini, Andrea. *Le risorse conoscitive ed estetiche della metafora*. In Università degli Studi di Bari. 2006. *La metafora tra letteratura e scienza*. Bari: Servizio Editoriale Universitario, pp. 19-37.
- Glucksberg, Sam, e Keysar, Boaz. 1989. *Understanding Metaphorical Comparisons*. Traduzione italiana di Cacciari, Cristina. 1991. *La comprensione delle comparazioni metaforiche: oltre la somiglianza*, in ID. (a cura di). *Teorie della Metafora*. Milano: Raffaello Cortina Editore, pp. 165-212.
- Cacciari, Cristina (a cura di). 1991. *Teorie della Metafora*. Milano: Raffaello Cortina Editore.
- Cardinale, Ugo. 2011. *Manuale di scrittura giornalistica*. Novara: De Agostini Scuola SpA.
- Casadio, Claudia. 1990. *Interpretazione Generica e Metafora*. Lecce: Milella Editore, pp. 123-153.
- Eco, Umberto. 1990. *I limiti dell'interpretazione*. Milano: Gruppo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sonzogno, Etas S.p.A., pp. 142-161.
- Fiori, Giuseppe. *Scuola, metafora e narrazione*. In Università degli Studi di Bari. 2006. *La metafora tra letteratura e scienza*. Bari: Servizio Editoriale Universitario, pp. 169-172.
- Foust, James C.. 2011³. *Online journalism - principles and practices of news for the web*. Scottsdale: Holcomb Hathaway, Publishers, Inc.
- Mea, Giuseppe. 2009³. *Dicionário de italiano-português e português-italiano*. Porto: Porto Editora, LDA.
- Lakoff, George, and Johnson, Mark. 1980. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- Laneve, Cosimo. *Parole-termine e parole-figura. Oltre la didattica della testa: verso una didattica della mente*. In Università degli Studi di Bari. 2006. *La metafora tra letteratura e scienza*. Bari: Servizio Editoriale Universitario, pp. 181-191.
- Mininni, Giuseppe. *Le metafore con cui ci pensiamo*. In Università degli Studi di Bari. 2006. *La metafora tra letteratura e scienza*. Bari: Servizio Editoriale Universitario, pp. 145-158.
- Napoli, Marisa. *La forza generativa della metafora nel linguaggio verbale e iconico*. In Università degli Studi di Bari. 2006. *La metafora tra letteratura e scienza*. Bari: Servizio Editoriale Universitario, pp. 121-129.

- Ponzio, Augusto. *Linguaggio e Metafora*. In Università degli Studi di Bari. 2006. *La metafora tra letteratura e scienza*. Bari: Servizio Editoriale Universitario, pp. 131-144.
- Recchia-Luciani, Angelo. *Biologia del dispositivo metaforico*. In Università degli Studi di Bari. 2006. *La metafora tra letteratura e scienza*. Bari: Servizio Editoriale Universitario, pp. 159-165.
- Santelli Beccegato, Luisa. *Prospettive pedagogico-didattiche della tematica metaforica*. In Università degli Studi di Bari. 2006. *La metafora tra letteratura e scienza*. Bari: Servizio Editoriale Universitario, pp. 193-201.
- Stefanelli, Ruggiero. *La metafora nella comunicazione letteraria*. In Università degli Studi di Bari. 2006. *La metafora tra letteratura e scienza*. Bari: Servizio Editoriale Universitario, pp. 173-179.

7. Sitografia

- ABI - Associação Brasileira De Imprensa. 2013. <http://www.abi.org.br/>; última consultação no dia 03/04/2015.
- ABJ - Associação Brasileira dos Jornalistas. 2009. <http://www.abjornalistas.org/>; última consultação no dia 02/04/2015.
- Agência Câmara Notícias. *Conselho de Comunicação aprova exigência do diploma de jornalista*. <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/COMUNICACAO/472526-CONSELHO-DE-COMUNICACAO-APROVA-EXIGENCIA-DO-DIPLOMA-DE-JORNALISTA.html>; atualizado no dia 06/08/2014, última consultação no dia 02/04/2015.
- A *História da Imprensa Nacional*. <http://portal.in.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/a-imprensa-nacional>; última consultação no dia 29/03/2015.
- ANJ - Associação Nacional de Jornais. 2008-2015. <http://www.anj.org.br/>; última consultação no dia 03/04/2015.
- ANJ - Associação Nacional de Jornais. 2008-2015. *Imprensa brasileira: dois séculos de história*. <http://www.anj.org.br/imprensa-brasileira-dois-seculos-de-historia>; última consultação no dia 29/03/2015.
- Ajello, Nello. *I titoli da favola su re, zii e balene*. <http://www.repubblica.it/online/album/ajello/ajello/ajello.html>; última consultação no dia 17/05/2014.
- Berger, Anke, e Jäkel, Olaf. 2015. *The cognitive role of metaphor in teaching science: Examples from physics, chemistry, biology, psychology and philosophy*. *Philinq III*, 1-2015, pp. 89-112; ISSN (print) 2281-8618-ETS. https://www.academia.edu/10686343/The_cognitive_role_of_metaphor_in_teaching_science_Examples_from_physics_chemistry_biology_psychology_and_philosophy; última consultação no dia 05/03/2015.
- Bogalheiro, Manuel. 2009. *Uma abordagem da metáfora em Nelson Goodman*. *Revista Rhêtorikê*, n° 2, pp. 105-109. <http://www.rhetorike.ubi.pt/02/pdf/06-bogalheiro-metaphora-rethorike-04-09.pdf>; última consultação no dia 01/03/2015.
- Cammaerts, Bart . 2012. *The strategic use of metaphors by political and media elites: the 2007–11 Belgian constitutional crisis*. *International Journal of Media & Cultural Politics* 8(2-3). Pp. 229-49. https://www.academia.edu/9280432/The_strategic_use_of_metaphors_by_North-Belgian_political_and_media_elites_during_the_2007-2011_Belgian_political_crisis; última consultação no dia 06/03/2015.

- Carbonell Jaime G., Steven Minton. 1983. *Metaphor and Commonsense Reasoning*. <http://repository.cmu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1356&context=compsci>; última consultação no dia 04/06/2015.
- Ceia, Carlos. *E-dicionário de Termos Literários*. Verbetes: 'metáfora'. http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_ii=1571&Itemid=2; última consultação no dia 22/01/2015.
- Consiglio Nazionale dell'Ordine dei Giornalisti. <http://www.odg.it/>; última consultação no dia 07/04/2015.
- Corriere della Sera. 2015. <http://www.corriere.it/>; última consultação no dia 15/05/2015.
- Da Silva Britto, Vanessa. 2008. *O prisma clássico e moderno de metáfora*. Cadernos do CNLF, vol. XII, nº 6, pp. 118-132. Rio de Janeiro: CiFEFiL. <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/06/11.pdf>; última consultação no dia 01/03/2015.
- De Almeida Velozo, Naida. 2010. *Discussão é guerra: usos do conector "mas"*. Cadernos do CNLF, vol. XIV, nº 4, t. 3, pp. 2600-2612. Rio de Janeiro: CiFEFiL. http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/completo_tomo_3.pdf; última consultação no dia 01/03/2015.
- De Araújo Santos, Susana Branco e dos Santos, Giovani Francisco. 2012. *A Mídia e os Interesses Políticos e Econômicos: o jornalismo como elo entre a sociedade e a informação*. "Jornalismo como conhecimento", Janeiro-Julho de 2012/1, vo.1, ano IX, nº 15; ISSN 1806 2776. São Paulo. <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/fotos/PDF/politico.pdf>; última consultação no dia 19/03/2015.
- Enciclopedia dell'Italiano. 2011. Verbetes: 'metafora'; di Corno, Dario. [http://www.treccani.it/enciclopedia/metafora_\(Enciclopedia-dell'Italiano\);](http://www.treccani.it/enciclopedia/metafora_(Enciclopedia-dell'Italiano);) última consultação no dia 07/05/2015.
- Estadão. 2007-2015. <http://www.estadao.com.br/>; última consultação no dia 18/05/2015.
- European Commission – DG for Migration and Home Affairs. 2015. *Corruption*. http://ec.europa.eu/dgs/home-affairs/what-we-do/policies/organized-crime-and-human-trafficking/corruption/index_en.htm; última consultação no dia 21/05/2015.
- Federação Nacional dos Jornalistas. 2004. *A FENAJ na luta pela liberdade e pela ética no jornalismo*. <http://www.fenaj.org.br/afenaj.php>; última consultação no dia 02/04/2015.
- Ferrante, Maria Antonia. 1999. *L'uso della metafora nelle psicoterapie*. <http://www.psychomedia.it/neuro-amp/98-99-sem/ferrante.htm>; última consultação no dia 03/03/2015.
- Grupo Estado. *Resumo histórico*, por José Alfredo Vidigal Pontes. <http://www.estadao.com.br/historico/resumo/conti1.htm>; última consultação no dia 18/05/2015.

- Grupo Globo. <http://www.grupoglobo.globo.com/>; última consultação no dia 19/05/2015.
- International Association of Anti-Corruption Authorities (IAACA). 2011. <http://www.iaaca.org/>; última consultação no dia 21/05/2015.
- Jornal do Brasil. 1995-2015. <http://www.jb.com.br/capa/>; última consultação no dia 19/05/2015.
- Jornal do Brasil. 1995-2015. *News Archive*. <http://www.jb.com.br/paginas/news-archive/>; última consultação no dia 19/05/2015.
- Lexikon Editora Digital. *iDicionário Aulete*. <http://www.aulete.com.br/>.
- Manini, Elaine. 21/04/2015. *O jornalismo como um serviço social*. <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/o-jornalismo-como-um-servico-social/>; última consultação no dia 07/05/2015.
- Mano, Lucyanne. 09/04/2014. *9 de abril de 1891: A fundação do Jornal do Brasil*. <http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=31932>; última consultação no dia 19/05/2015.
- Mazzone, Marco. 2009. *La metafora è speciale? Tra teoria della pertinenza e teoria concettuale*, in C. Bazzanella (a cura di), *La forza cognitiva della metafora*, Paradigmi, XXVII (1), pp. 41-54. https://www.academia.edu/872024/La_metafora._Tra_teoría_della_pertinenza_e_teoría_concettuale; última consultação no dia 01/03/2015.
- Migalhas. 09/01/2014. *A nova lei anticorrupção no Brasil e os exemplos estrangeiros*. <http://www.migalhas.com.br/dePeso/16,MI193224,91041-A+nova+lei+anticorruptcao+no+Brasil+e+os+exemplos+estrangeiros>; última consultação no dia 21/05/2015.
- Pascolini, Alessandro. 2004. *Metafore e comunicazione scientifica*. http://www.researchgate.net/profile/Alessandro_Pascolini/publication/26409551_Metafore_e_comunicazione_scientifica/links/0fcfd51062cef8ece3000000.pdf; última consultação no dia 05/03/2015.
- Pedroso De Moraes Feltes, Heloisa; Peixoto Farias, Emilia Maria; Pelosi De Macedo, Ana Cristina. 2008. *Cognição e lingüística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caixas do Sul:EDUCS; Porto Alegre: EDIPUCRS. https://books.google.it/books?id=HQwpJqjoZKcC&pg=PA4&lpg=PA4&dq=Heloisa+Pedroso+De+Moraes+Feltes,+Ana+Cristina+Pelosi+De+Macedo,+Emilia+Maria+Peixoto+Farias.+2008.+Cogni%C3%A7%C3%A3o+e+ling%C3%BC%C3%ADstica:+explorando+territ%C3%B3rios,+mapeamentos+e+percursos&source=bl&ots=rh-4xeAqso&sig=1-GvydQ1nU_Xnh1M-Nq4vDoVtUk&hl=it&sa=X&ei=WTfzVLi8C4LxaPSGgcAM&ved=0CCIQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false; última consultação no dia 03/02/2015. Pp. 127-186.
- Portal Brasil. 17/03/2014. *PF desarticula rede de lavagem de dinheiro em 7 estados*. <http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2014/03/pf-desarticula-rede-de-lavagem-de-dinheiro-em-7-estados>; última consultação no dia 31/05/2015.

- Prima Comunicazione. 20/02/2015. *Il 'Corriere' è sempre il quotidiano più diffuso con 393mila copie tra carta e digitale, poi Il 'Sole' e 'Repubblica'. Ecco i nuovi dati di diffusione della stampa (Ads, novembre-dicembre 2014)* <http://www.primaonline.it/2015/02/20/198451/>; última consultação no dia 01/05/2015.
- RCS Libri S.p.a. Div. Education. 2011. *Dizionario Italiano* (Edizione online tratta da *il Sabatini Coletti*). Milano. http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/.
- Repubblica, la. 2015. <http://www.repubblica.it/>; última consultação no dia 18/05/2015.
- Sabatini Coletti. 2011. *Cupola*. http://dizionari.corriere.it/dizionario_italiano/C/cupola.shtml; última consultação no dia 09/06/2015.
- Scalfari, Eugenio. *Giovani e donne, partimmo da loro*. <http://www.repubblica.it/online/album/scalfari/scalfari/scalfari.html>; última consultação no dia 15/05/2015.
- Stampa, La. 2015. <http://www.lastampa.it/>; última consultação no dia 18/05/2015.
- Temer, Ana Carolina. 2002. *Notícias e serviços: um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo*. Comunicação & Sociedade, a. 23, n. 37, pp. 125-144. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp. http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/cs_umesp/article/viewFile/135/3385; última consultação no dia 01/03/2015.
- Terra. 04/03/2015. *Lava Jato é vista de fora como chance de diminuir corrupção no Brasil*. <http://noticias.terra.com.br/mundo/brazil-no-radar/blog/2015/03/04/lava-jato-e-vista-de-fora-como-chance-de-diminuir-corrupcao-no-brasil/>; última consultação no dia 01/06/2015.
- Transparency International. 2015. <https://www.transparency.org/>; última consultação no dia 21/05/2015.
- Treccani. *Corriere della sera*. <http://www.treccani.it/enciclopedia/corriere-della-sera/>; última consultação no dia 14/05/2015.
- Treccani. *Massacro*. <http://www.treccani.it/vocabolario/massacro/>; última consultação no dia 09/06/2015.
- Treccani. *Repubblica, la*. <http://www.treccani.it/enciclopedia/la-repubblica/>; última consultação no dia 15/05/2015.
- Treccani. *Stampa, La*. <http://www.treccani.it/enciclopedia/la-stampa/>; última consultação no dia 18/05/2015.
- Treccani. *Stracciare*. <http://www.treccani.it/vocabolario/stracciare/>; última consultação no dia 07/06/2015.
- Zambardino, Vittorio. *Dalla carta a Internet*. <http://www.repubblica.it/online/album/zambardino/zambardino/zambardino.html>; última consultação no dia 18/05/2015.

Corpus –Artigos italianos

Il Corriere della Sera

- 1 - *Sanità, cantieri e terreni dell'Expo - Così è partito l'assedio milionario.* 12/05/2014. http://www.corriere.it/cronache/14_maggio_12/sanita-cantieri-terreni-dell-expo-cosi-partito-l-assedio-milionario-352ffda6-d997-11e3-8b8a-dcb35a431922.shtml; última consultação no dia 31/05/2015.
- 2 - *Cupola appalti, la Procura ipotizza di chiedere il giudizio immediato.* 08/06/2014. http://milano.corriere.it/notizie/cronaca/14_giugno_08/cupola-appalti-procura-ipotizza-chiedere-giudizio-immediato-430e4d4a-ef06-11e3-9927-6b692159cfdc.shtml; última consultação no dia 31/05/2015.
- 3 - *Expo e gli altri cantieri «Gare senza alcun controllo».* 22/06/2014. http://milano.corriere.it/notizie/cronaca/14_giugno_22/expo-altri-grandi-cantieri-gare-senza-alcun-controllo-1bd20876-f9e6-11e3-88df-379dc8923ae4.shtml; última consultação no dia 31/05/2015.
- 4 - *Expo, Maltauro sarà commissariata «Ma finirà i lavori».* 11/07/2014. http://milano.corriere.it/notizie/cronaca/14_luglio_11/expo-maltauro-sara-commissariata-ma-finira-lavori-80e16fcc-08c3-11e4-89ec-c067e3a232ce.shtml; última consultação no dia 31/05/2015.
- 5 - *Il direttore generale Expo indagato per i contratti «suggeriti» da Maroni.* 25/07/2014. http://milano.corriere.it/notizie/cronaca/14_luglio_25/direttore-generale-expo-indagato-contratti-suggeriti-maroni-4d90499c-13ca-11e4-9950-e546b7448c47.shtml; última consultação no dia 31/05/2015.

la Repubblica

- 1 - *Tangenti Expo, le trame da Finmeccanica alla rete dei politici.* 17/05/2014. http://www.repubblica.it/politica/2014/05/17/news/tangenti_expo_finmeccanica_rete_politici-86361092/?ref=search; última consultação no dia 31/05/2015.
- 2 - *Scandalo appalti Expo, l'altolà degli industriali: “Con troppi controlli si rischia lo stallo”.* 20/05/2014. http://milano.repubblica.it/cronaca/2014/05/20/news/scandalo_appalti_expo_l_altol_degli_industriali_con_troppi_controlli_si_rischia_lo_stallo-86616399/?ref=search; última consultação no dia 31/05/2015.
- 3 - *Tangenti Expo, Paris è un fiume in piena davanti ai pm: “Ecco come abbiamo pilotato le gare”.* 04/06/2014. http://milano.repubblica.it/cronaca/2014/06/04/news/tangenti_expo_paris_un_fiume_in_piena_davanti_ai_pm_ecco_come_abbiamo_pilotato_le_gare-88078618/?ref=search; última consultação no dia 31/05/2015.

- 4 - *Inchiesta Expo, "così Acerbo manovrava affari e favori per le imprese a caccia di appalti"*. 16/10/2014.
http://milano.repubblica.it/cronaca/2014/10/16/news/inchiesta_expo_cos_acerbo_manovrava_affari_e_favori_per_le_impres_e_a_caccia_di_appalti-98205126/?ref=search; última consultação no dia 31/05/2015.
- 5 - *Expo, Palazzo Italia e l'appalto sospetto. Cantone: "Padiglione sorvegliato speciale"*. 18/03/2015.
http://milano.repubblica.it/cronaca/2015/03/18/news/milano_l_appalto_to_rvido_di_palazzo_italia_ora_e_all_esame_di_cantone-109790153/?ref=search; última consultação no dia 31/05/2015.

La Stampa

- 1 - *Appalti e tangenti, terremoto Expo Arrestati Greganti, Frigerio e Paris*. 08/05/2014.
<http://www.lastampa.it/2014/05/08/italia/cronache/appalti-expo-arrestati-per-corruzione-e-turbativa-dasta-f84k7AVJnT83kwtRwCZlyl/pagina.html>; última consultação no dia 31/05/2015.
- 2 - *Expo, Maltauro conferma le accuse: "Esisteva una cupola per gli appalti"*. 14/05/2014.
<http://www.lastampa.it/2014/05/14/italia/cronache/expo-maltauro-conferma-le-accuse-esisteva-una-cupola-per-gli-appalti-9om7VqHN09czaqGsLhjixK/pagina.html>; última consultação no dia 31/05/2015.
- 3 - *Sull'Expo non tornano i conti: spariti nel nulla molti dei soldi delle tangenti*. 15/06/2014.
<http://www.lastampa.it/2014/06/15/italia/cronache/sullexpo-non-tornano-i-conti-spariti-nel-nulla-molti-dei-soldi-delle-tangenti-kn4Nvag35jwykFYvuv3RIJ/pagina.html>; última consultação no dia 31/05/2015.
- 4 - *Expo, altro manager indagato per corruzione*. 17/09/2014.
<http://www.lastampa.it/2014/09/17/italia/cronache/expo-acerbo-indagato-per-corruzione-e-turbativa-dasta-DKGQEjdthZ8EXhEwy03xNP/pagina.html>; última consultação no dia 31/05/2015.
- 5 - *Expo, dimissioni a metà del manager inquisito Linea morbida di Sala*. 19/09/2014.
<http://www.lastampa.it/2014/09/19/italia/cronache/expo-dimissioni-a-met-del-manager-inquisito-sala-sconfessa-pisapia-bRYe6CfjYW3Gk7Wn0rMSpJ/pagina.html>; última consultação no dia 31/05/2015.

Corpus – Artigos brasileiros

Estadão

- 1 - *Operação prende condenado do Mensalão e doleiro do Banestado.* 17/03/2014. <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/condenado-no-mensalao-e-presno-em-operacao-da-pf/>; última consultação no dia 02/06/2015.
- 2 - *Etapa da Operação Lava Jato mira negócio de R\$ 443 milhões na Petrobrás.* 11/04/2014. <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/lava-jato-2-mira-negocio-de-r-443-milhoes-na-petrobras/>; última consultação no dia 02/06/2015.
- 3 - *“Laranja” de Youssef é preso em São Paulo.* 01/07/2014. <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/veja-qualis-foram-todas-as-fases-da-operacao-lava-jato/>; última consultação no dia 02/06/2015.
- 4 - *PF faz buscas da Operação Lava Jato no Rio.* 22/08/2014. <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,pf-faz-buscas-da-operacao-lava-jato-no-rio,1547871>; última consultação no dia 02/06/2015.
- 5 - *PF prende presidentes de empreiteiras e ex-diretor da Petrobrás ligado ao PT.* 14/11/2014. <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,pf-prende-presidentes-de-empresiteiras-e-ex-diretor-da-petrobras-ligado-ao-pt,1592733>; última consultação no dia 02/06/2015.

Globo 1

- 1 - *Operação Lava Jato.* 14/04/2014. <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/04/entenda-operacao-lava-jato-da-policia-federal.html>; última consultação no dia 02/06/2015.
- 2 - *Paulo Roberto Costa volta a ser preso pela Polícia Federal.* 11/06/2014. <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/06/paulo-roberto-costa-volta-ser-presno-pela-policia-federal.html>; última consultação no dia 02/06/2015.
- 3 - *Relembre o que aconteceu em cada uma das fases da Operação Lava Jato.* 03/03/2015. <http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2015/03/relembre-o-que-aconteceu-em-cada-uma-das-fases-da-operacao-lava-jato.html>; última consultação no dia 02/06/2015.
- 4 - *PF cumpre la 11ª fase da Operação Lava Jato em seis estado e no DF.* 10/04/2015. <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/04/pf-cumpre-11-fase-da-operacao-lava-jato-em-seis-estados-e-no-df.html>; última consultação no dia 02/06/2015.
- 5 - *PF deflagra a 12ª fase de Lava Jato e cumpre quatro mandados judiciais.* 15/04/2015. <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/04/pf-deflagra>

12-fase-da-lava-jato-e-cumpre-quatro-mandados-judicias.html; última
consultação no dia 02/06/2015.

Jornal do Brasil

- 1 - *Operação Lava Jato prende condenado na ação penal do mensalão.* 17/03/2014.
<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2014/03/17/operacao-lava-jato-prende-condenado-na-acao-penal-do-mensalao/>; última consultação no dia 02/06/2015.
- 2 - *Operação Lava-Jato: STF rejeita HC de ex-diretor da Petrobras preso no PR.* 10/04/2014. <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2014/04/10/operacao-lava-jato-stf-rejeita-hc-de-ex-diretor-da-petrobras-preso-no-pr/>; última consultação no dia 02/06/2015.
- 3 - *Lava-Jato: ministro Teori revê decisão, e mantém prisões dos doleiros.* 25/05/2014. <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2014/05/20/lava-jato-ministro-teori-reve-decisao-e-mantem-prisoas-dos-doleiros/>; última consultação no dia 02/06/2015.
- 4 - *Polícia Federal deflagra 10ª fase da Lava Jato e volta a prender Renato Duque.* 16/03/2015. <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2015/03/16/policia-federal-deflagra-10a-fase-da-lava-jato-e-volta-a-prender-renato-duque/>; última consultação no dia 02/06/2015.
- 5 - *Nova fase da Lava Jato investiga fraudes em contratos da Saúde e da Caixa.* 11/04/2015. <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2015/04/10/nova-fase-da-lava-jato-investiga-fraudes-em-contratos-da-saude-e-da-caixa/>; última consultação no dia 02/06/2015.

8. Resumo do trabalho em língua italiana

Questo lavoro di tesi in lingua portoghese è incentrato sull'analisi del linguaggio metaforico in un *corpus* di trenta testi di tipo giornalistico pubblicati online; quindici di questi testi sono stati scritti in lingua italiana e descrivono gli sviluppi del recente scandalo nell'organizzazione di Expo 2015 a Milano, mentre i restanti quindici sono stati pubblicati in lingua portoghese-brasiliana e riportano le fasi salienti della *Operação Lava Jato*, un'operazione investigativa che ha scoperto e smantellato un sistema di corruzione e riciclaggio di denaro diffuso in tutto il Brasile.

Le ragioni che hanno portato a sviluppare un'analisi comparativa di testi giornalistici sono molteplici, tuttavia la priorità che ha guidato la scelta verso questa tipologia testuale è stata la volontà di lavorare con esempi di lingua d'uso corrente prodotti da parlanti nativi in situazioni comunicative reali. Per le loro caratteristiche, gli articoli di giornale si sono rivelati particolarmente adatti allo scopo di questo lavoro: rispondono ai requisiti di autenticità della comunicazione, coerenza verso un obiettivo comunicativo, facilità nell'ottenere il materiale testuale ed elevata qualità della scrittura. Quest'ultimo punto ha un'importanza particolare, ed è garantito sia dalla professionalità dei giornalisti autori dei testi, sia dall'autorevolezza e dal prestigio delle fonti che pubblicano i testi stessi. In questo lavoro la selezione delle fonti è stata attenta e accurata, perché determinante per ottenere un *corpus* di testi il più possibile omogeneo, serio e completo.

Il ruolo centrale che questo lavoro di tesi affida al linguaggio metaforico rispecchia l'importanza di quest'ultimo all'interno dei sistemi linguistici. Infatti, la metafora e, più in generale, il linguaggio metaforico costituiscono una parte essenziale della lingua, spesso però sottostimata dai parlanti; riconoscere che un'espressione o un termine di uso comune siano metaforici può richiedere capacità specifiche di analisi linguistica che il parlante medio raramente possiede. Nonostante la scarsa percezione della sua presenza, il linguaggio metaforico svolge

numerose e importanti funzioni comunicative e permette di trasmettere al destinatario un messaggio complesso, ricco di inferenze e contenuti, attraverso un numero ridotto di parole. La sua sinteticità rende la metafora uno strumento linguistico efficace in testi che, per necessità, devono essere brevi o contenuti.

Tracciare i punti fondamentali del percorso storico della teoria della metafora è un passaggio necessario per comprendere la sua importanza e la sua evoluzione. L'identificazione della metafora e i suoi primi studi sono storicamente attribuiti ad Aristotele, che individuò come centrale il processo di comparazione tra nomi e il passaggio da un significato proprio a uno figurato. In epoca latina era diffusa e stabile l'idea di metafora come figura retorica, appannaggio solamente dei registri poetici e colti; un'idea, questa, che rimase salda per secoli, mantenendo una netta separazione tra la metafora e il linguaggio volgare.

Fu solamente nel XX secolo che si verificò un forte cambio di rotta, grazie ai numerosi studi che confermarono la presenza consistente di esempi di linguaggio metaforico anche e soprattutto nella lingua d'uso quotidiano, in tutte le sue forme. Pionieristico fu lo studio di George Lakoff e Mark Johnson, che nel loro volume *Metaphors we live by* (1980) affermarono che la metafora penetra tutti gli aspetti della vita quotidiana, in tre dimensioni – la lingua, il pensiero e l'azione. Il modo in cui si percepisce un'esperienza è definito dal sistema concettuale insito in ogni persona, metaforico per sua natura e determinato da fattori sociali, culturali, linguistici e personali. Secondo gli autori, l'uso di metafore è molto diffuso nel linguaggio grazie alla sistematicità con cui viene realizzato; le metafore più comuni, infatti, generalmente seguono modelli regolari che permettono ai parlanti di utilizzarle e comprenderle con facilità, riuscendo a selezionare automaticamente i tratti salienti e scartare quelli inconsistenti del termine metaforico in questione. Il contesto di produzione costituisce sempre un aiuto per l'individuazione del significato metaforico di un'affermazione. Lakoff e Johnson identificarono tre maggiori tipologie di metafora: metafore strutturali, metafore orientazionali e metafore ontologiche. Le prime strutturano metaforicamente un concetto nei termini di un altro; le seconde orientano il concetto nello spazio, ricalcando la relazione del corpo umano con gli ambienti e gli elementi con cui entra in contatto; le terze permettono di comprendere le esperienze umane comparandole a oggetti

e sostanze, e categorizzandole usando lo stesso tipo di classificazione. Le metafore di tipo ontologico sono profondamente radicate nel linguaggio, e non è immediato riconoscerne la presenza.

Le idee rivoluzionarie di Lakoff e Johnson cambiarono l'approccio tradizionale del mondo accademico verso il linguaggio metaforico, dando inizio a un prolifico periodo di ricerche e studi sull'argomento. La metafora diventò uno strumento di non secondaria importanza nel campo della psicologia, dove è utilizzata ancora oggi per migliorare la comunicazione tra terapeuta e paziente. Anche i linguaggi specialistici, in espansione negli ultimi decenni, si affidano al linguaggio metaforico per riferirsi a concetti e strumenti nuovi, riuscendo così ad ottenere un compromesso tra lo sviluppo di nuove tecnologie e la trasparenza della loro nomenclatura per grande pubblico. Un altro interessante impiego della metafora venne individuato nell'insegnamento: in quest'ambito, in cui è forte la disparità di conoscenze tra i soggetti, la metafora diventa uno strumento efficace per trasmettere nuovi contenuti, facendo riferimento a un *background* culturale di cui gli apprendenti sono già in possesso. Infine, il linguaggio metaforico viene sapientemente impiegato nel settore pubblicitario, perché consente di creare un legame di vicinanza e intesa, anche a livello emotivo, con il destinatario dell'azione di marketing, per persuaderlo più facilmente della bontà del messaggio proposto. Anche il linguaggio giornalistico non è estraneo all'uso di metafore, che permettono all'autore del testo di essere conciso, ma allo stesso tempo comunicare concetti ampi e fare riferimento direttamente alla realtà del lettore.

Il giornalismo è un elemento importante della realtà quotidiana per gran parte della popolazione, che si informa sui fatti di attualità nazionale e internazionale attraverso le notizie pubblicate o trasmesse dai numerosi *media* a disposizione. Alle origini del giornalismo non esisteva una molteplicità di mezzi di comunicazione per diffondere le notizie che i giornalisti faticosamente scoprivano e pubblicavano; lo sviluppo della professione giornalistica era (ed è ancora oggi) strettamente collegato al progresso tecnologico. Lo strumento che contribuì alla nascita del giornalismo moderno fu la stampa a caratteri mobili di Gutenberg, nel XV secolo. Da quel momento cambiò la concezione elitarista del testo scritto, rendendolo accessibile a una fetta più ampia di popolazione. Anche l'invenzione

del telegrafo da parte di Samuel Morse nel 1837 rivoluzionò il mondo del giornalismo: questo apparecchio permetteva, infatti, di inviare messaggi testuali in luoghi distanti, in modo molto rapido per l'epoca. Inizialmente la trasmissione di informazioni via telegrafo era piuttosto costosa, e per ridurre i costi era necessario ridimensionare la lunghezza del messaggio; fu una vera svolta per il linguaggio giornalistico, che dovette adattarsi a questa nuova forma di comunicazione rendendo lo stile di scrittura più asciutto, conciso e schematico. La necessità di brevità dei testi portò la prestigiosa scuola giornalistica inglese a sviluppare un nuovo modello piramidale per l'esposizione delle notizie, nel quale l'*incipit* dell'articolo doveva contenere le informazioni fondamentali (ovvero le risposte alle cinque W - *Who? What? Where? When? Why?*), che venivano progressivamente trattate nel corpo del testo; questa impostazione stilistica risultò accattivante ed efficace, ed è in uso ancora oggi.

La vita politica, culturale e sociale di una nazione è raccontata da un insieme di mezzi di comunicazione, che si rivolgono alle diverse fasce di popolazione; i più seguiti sono la televisione, i siti Internet e le pubblicazioni cartacee, primi fra queste i quotidiani. Ognuno di questi *media* trasmette notizie di vario taglio seguendo, in modo più o meno manifesto, una propria linea stilistica e ideologica, e adattando il proprio stile alle regole che il mezzo di comunicazione impone.

Come già sottolineato, il contesto in cui il giornalismo si inserisce ne determina le caratteristiche e il prestigio sociale. In Italia la professione giornalistica ha radici profonde ed è tutelata da un dettagliato sistema normativo che ne stabilisce il carattere professionale e creativo, il prestigio e la rilevante funzione sociale. Per esercitare la professione giornalistica è prevista l'iscrizione ad un Albo ufficiale, che registra i giornalisti professionisti, i praticanti e i pubblicisti; l'Ordine dei Giornalisti è l'associazione che si occupa di autogovernare la categoria, definendo i principi professionali e interagendo con il Parlamento per la definizione della normativa in materia. In Brasile, invece, il giornalismo tardò a svilupparsi, a causa del lento sviluppo tecnologico, dell'alto tasso di analfabetizzazione e dei regimi politici facili alla censura che si susseguirono nel corso del XX secolo. Tuttavia, la crescente industrializzazione del Paese nella seconda metà del novecento portò con sé un'apertura verso nuove forme di comunicazione, come la radio e la

televisione, e una maggior diffusione di quelle già esistenti, come i quotidiani. Nonostante il processo di ridemocratizzazione portato avanti dagli anni ottanta, nel Brasile contemporaneo ancora non esiste un'associazione nazionale unica a tutela della professione giornalistica. La realtà brasiliana è costellata di numerose associazioni, sia indipendenti sia politicamente orientate; le più diffuse e influenti si interfacciano con gli organi governativi in difesa del giornalismo di professione.

Al contrario del giornalismo tradizionale, il caso particolarmente attuale del giornalismo *online* non può essere limitato ad un contesto nazionale, perché la sua diffusione è slegata dalla territorialità e si muove all'interno della rete, senza limiti di spazio e di tempo. Internet non è solo un potente mezzo di comunicazione per trasmettere notizie, ma è anche uno strumento efficace a disposizione dei professionisti dell'informazione durante la creazione del prodotto giornalistico e la sua diffusione. Al termine degli anni novanta i giornali di tutto il mondo aprirono nuove pagine *online*, per far arrivare le proprie notizie a un pubblico potenzialmente molto più ampio rispetto ai lettori delle edizioni cartacee; visto il successo e la versatilità della rete, anche altri soggetti ideologicamente indipendenti iniziarono ad aprire siti di informazione, slegati da una pubblicazione cartacea. Ad oggi il mondo dell'informazione digitale è estremamente sfaccettato, e permette all'utente un'ampia scelta su quali informazioni consultare e in che modo farlo.

In questa nuova dimensione, è il lettore che crea la sua esperienza digitale selezionando le notizie di suo interesse e le fonti da cui consultarle. Ora il lettore si trova al centro del processo di creazione della notizia, e il giornalista deve necessariamente tenerne conto, instaurando con il destinatario del suo lavoro un confronto e una collaborazione ormai irrinunciabili. Il lettore digitale diventa sempre più esigente, e gli autori dell'informazione *online* devono adattare i testi e i mezzi per soddisfare alte aspettative. L'utente della rete, consultando un sito d'informazione, non si aspetta di trovare al suo interno una mera raccolta di testi aggiornati, ma cerca un'esperienza digitale ricca che risponda alle sue necessità e che sappia offrire servizi di approfondimento.

Dopo questo breve *excursus* sui principi e le origini della metafora e del giornalismo, è necessario introdurre il *corpus* di trenta articoli analizzato al

termine di questo lavoro di tesi. Quindici di questi testi sono redatti in lingua italiana e i restanti in lingua portoghese-brasiliana; i testi sono stati pubblicati in sei siti d'informazione online, rispettivamente tre siti italiani e tre siti brasiliani. Gli articoli italiani sono stati pubblicati tra maggio 2014 e marzo 2015, mentre quelli brasiliani tra marzo 2014 e aprile 2015. Per ottenere un insieme di testi il più possibile omogeneo, sono stati selezionati solamente articoli di attualità. Altre tipologie di testi giornalistici non fanno parte del *corpus*, come per esempio articoli di opinione, editoriali o interviste, perché il linguaggio utilizzato in questi ultimi ha caratteristiche proprie che non possono essere comparate con un linguaggio giornalistico di tipo informativo.

La selezione delle fonti rappresenta un passaggio fondamentale di questo lavoro, perché dalla loro affidabilità dipendono la qualità dei testi analizzati e, di conseguenza, la verosimiglianza dei risultati dell'analisi. Gli articoli in lingua italiana sono stati pubblicati nei siti web dei tre maggiori quotidiani nazionali (*la Repubblica*, *il Corriere della Sera*, *La Stampa*), che godono di grande prestigio ed autorevolezza ed occupano un posto di primo piano nel settore nazionale dell'informazione. Il *Corriere della Sera* e *La Stampa* sono due quotidiani italiani storici, nati entrambi nella seconda metà del XIX secolo, mentre *la Repubblica* ha una storia più giovane alle spalle, essendo stato fondato solamente nel 1976, ma non una minore rilevanza. Gli articoli in lingua portoghese-brasiliana, invece, provengono dai siti di tre protagonisti dell'informazione brasiliana: il quotidiano *Estadão*, giornale della città di San Paolo nato nel 1875; il portale di notizie *Globo 1*, attivo dal 2006, che fa parte del gruppo Globo, società brasiliana leader internazionale delle comunicazioni; *Jornal do Brasil*, quotidiano autorevole fondato a Rio de Janeiro nel 1891, che nel 2010 sospese la pubblicazione cartacea per mantenere solamente la sua versione digitale.

I trenta articoli sono accomunati, oltre che dalla stessa forma testuale, anche da un contenuto simile, così da rendere i testi correttamente analizzabili in un'ottica comparativa. È stato scelto un argomento di attualità comune agli articoli in lingua italiana e un altro argomento di attualità comune agli articoli in lingua portoghese; entrambi i casi trattati dagli articoli rientrano nell'ampio e discusso tema della

corruzione, costantemente presente nelle cronache nazionali dei due Paesi ai quali questo lavoro fa riferimento.

Il caso italiano preso in considerazione è lo scandalo scoppiato durante l'organizzazione e la realizzazione di Expo 2015 a Milano, evento di portata internazionale che prevede importanti investimenti per la realizzazione di infrastrutture ed edifici che ospiteranno espositori da tutto il mondo. Le somme di denaro, pubblico e privato, investite in questo ambizioso progetto hanno fatto gola ad un gruppo di ex politici e dirigenti della società Expo 2015 Spa. Rinominato "la cupola degli appalti", questo gruppo è stato in grado di manovrare gli appalti per la realizzazione delle opere a favore di imprese "amiche", in cambio di tangenti o altre utilità. Le indagini hanno provato l'esistenza di un sistema di corruzione capillare e organizzato, che ha coinvolto anche politici e funzionari pubblici e ha pensatamente influito sullo stato dei lavori, conclusi con molto ritardo e dopo numerose complicazioni.

Il caso brasiliano riguarda la cosiddetta *Operação Lava Jato*, indagine della Polizia Federale che ha smantellato un complesso sistema di riciclaggio di denaro diffuso in tutto il territorio nazionale, arrivando a individuare anche gravi episodi di corruzione all'interno della società statale Petrobras, che opera nel settore dell'energia. Le attività illegali che sono state scoperte muovevano somme consistenti di denaro, che superavano i 10 milioni di reais brasiliani (corrispondenti a circa tre milioni di euro). Le indagini portarono a numerosi arresti, che colpirono anche personalità di spicco della società Petrobras, imprenditori delle ditte appaltatrici e collaboratori di Alberto Youssef, la figura a capo dell'intero sistema. Secondo alcuni, è possibile definire la *Operação Lava Jato* come la maggiore investigazione su un sistema corruttivo portata avanti con successo dalla Polizia Federale in Brasile.

Questo lavoro di tesi si conclude con l'analisi dei testi, e l'attenzione è focalizzata sull'uso che il linguaggio specifico del giornalismo fa della metafora e del linguaggio metaforico. Nel materiale testuale selezionato sono stati individuati numerosi esempi di linguaggio metaforico, ed è stato necessario creare delle categorie *ad hoc* per poterli suddividere e analizzare. Le categorie utilizzate sono quattro: metafore non comuni, espressioni idiomatiche, linguaggio figurato e

personificazione; a queste si aggiunge una quinta sezione, che raccoglie altri casi interessanti non assimilabili alle categorie appena elencate.

Sotto il nome di *metafore non comuni* vengono fatti ricadere esempi di metafore nuove, create appositamente per il testo in cui si trovano, oppure metafore già esistenti ma utilizzate di rado dai parlanti, e per questo non ancora entrate completamente nella lingua d'uso corrente. Le metafore che fanno parte di questa categoria lasciano trasparire l'autore del testo, con le sue idee e il suo approccio all'argomento di cui il testo tratta, e spesso fanno riferimento ad un contesto culturale specifico, che l'autore condivide (o crede di condividere) con il destinatario del suo scritto. A causa di questi rimandi specifici, le metafore non comuni possono non essere immediatamente comprese dal lettore, che è costretto a cercare riferimenti nuovi a combinazioni inedite di significato. Esempi di metafore non comuni sono stati trovati solamente all'interno degli articoli in lingua italiana; i casi più interessanti riguardano il linguaggio metaforico della natura e del corpo umano, presente in termini come *estirpare, fiume in piena, mal di pancia*.

Le *espressioni idiomatiche* sono combinazioni fisse di parole alle quali viene attribuito un significato in genere più ampio rispetto a quello ottenuto dall'accostamento dei singoli termini. Anche in questo caso la parte del *corpus* in lingua italiana conteneva un maggior numero di esempi rispetto alla parte in lingua portoghese. Di tutte le espressioni idiomatiche incontrate, sono state selezionate le più rilevanti e divise a loro volta in tre categorie. Nella prima si inseriscono espressioni contenenti termini come *viso, lato o facciata*; ne sono due esempi *salvare la faccia* e *empresa de fachada*. La seconda categoria raccoglie espressioni accomunate dal significato di voler rendere pubblico qualcosa, contenenti i termini *luce* e *tona* (superficie), come *venire alla luce* e *trazer à tona*. Infine, la terza categoria comprende espressioni appartenenti al campo semantico della guerra e, in generale, della violenza, come per esempio *finire nel mirino*.

La categoria del *linguaggio figurato* raccoglie termini ed espressioni la cui metaforicità è talmente radicata nel significato che diventa difficile per il parlante separare il significato metaforico da quello letterale. Nel *corpus*, il materiale linguistico appartenente a questa categoria è ingente: esempi di questo tipo sono stati individuati in ognuno dei trenta articoli analizzati, ed è stato necessario

selezionare accuratamente i più rilevanti ai fini dell'analisi. Particolare rilievo assumono a questo proposito i termini che fanno riferimento alle costruzioni, come *ricostruire*, alle macchine, come *pilotare* o *manovra*, e alla guerra, presente in termini come *conflitto* o *lutar*.

La quarta categoria presa in esame è la *personificazione*, un particolare caso di metafora in cui un'entità inanimata assume tratti tipici umani, diventando soggetto (o oggetto) di azioni che possono essere realizzate solamente da esseri animati. Numerosi sono gli esempi di personificazione che impiegano nomi che indicano istituzioni (*Polícia Federal*, *Procura di Milano*), associazioni di vario tipo e imprese (*partidos*, *la Maltauro*), opere (*cantieri*) e operazioni (*Operação Lava Jato*).

Volendo tirare le fila di questa analisi, si è notata una diversa occorrenza di linguaggio metaforico tra le due parti del *corpus*, a favore di quella in lingua italiana: questo gruppo di articoli, infatti, ha registrato il maggior numero di termini ed espressioni metaforiche in tutte e quattro le categorie prese in considerazione. Il linguaggio usato è lessicamente interessante e, grazie a una corposa presenza di materiale metaforico e di lessico ricercato e diversificato, attrae l'attenzione del lettore e riesce a trasmettere una certa densità di contenuti attraverso uno stile di scrittura vivace e tagliente. Negli articoli pubblicati da fonti brasiliane si nota una maggiore concentrazione di informazioni, che comprendono non solamente dati nuovi, spesso particolarmente tecnici, ma anche la ripetizione di notizie già pubblicate, al fine di fornire al lettore più elementi possibili per aiutarlo nella comprensione dell'accaduto. Inoltre, la scarsa presenza di linguaggio metaforico contribuisce a creare uno stile asciutto, essenziale e poco personale, che mira a informare il lettore nel modo più esaustivo possibile, senza influenzarlo.

Il contributo di questo lavoro di analisi si rivela ridotto rispetto alla grande quantità di ricerche realizzate finora sul legame tra lingua d'uso corrente e metafora. La vivacità che questo ambito di studi continua ad avere da più di trent'anni lascia intendere l'importanza centrale del linguaggio metaforico negli studi linguistici. La metafora è uno strumento linguistico a disposizione dei parlanti, tanto fondamentale quanto complesso, e indagare sul suo funzionamento può portare a una migliore comprensione degli atti comunicativi che i parlanti realizzano quotidianamente per raggiungere gli obiettivi comunicativi più diversi.